

Ao ministro de Laodiceia

Carta endereçada ao ministro de Laodiceia, o anjo da igreja, devido a falta de comprometimento com a sã doutrina e falta de cuidado para com o rebanho.

Ao ministro de Laodiceia

Introdução

No Livro das Revelações, o apóstolo João registrou o conteúdo de sete cartas, endereçadas a sete ministros (anjos, mensageiros), que cuidavam de sete comunidades cristãs (igrejas), localizadas na Ásia Menor.

Há certo prejuízo para a compreensão das sete cartas aos anjos das igrejas, se o leitor considerar a ideia presente nos subtítulos das traduções bíblicas, como por exemplo: ‘Sétima carta, à igreja de Laodiceia’, ‘Primeira carta, à igreja de Éfeso’, que consta da Almeida corrigida e fiel (ACF). Ora, as cartas não foram direcionadas às igrejas, mas, ao anjo de cada igreja, que estava em cada cidade ali mencionada.

Os subtítulos dão a entender aos leitores que as cartas foram endereçadas aos membros da comunidade (igreja), entretanto, as cartas foram endereçadas aos ministros das igrejas, uma espécie de epístola pastoral.

Moody, em seu comentário bíblico, embora reconheça que as sete cartas foram endereçadas aos anjos das igrejas, dá a entender que elas tinham por público alvo os membros dessas comunidades:

“A última carta é à Laodiceia, que não recebe nenhum elogio. As condições desfavoráveis desta igreja eram de mornidão: os membros não eram nem frios nem quentes (v. 15)” Comentário Bíblico Moody.

O veredito: ‘nem és frio, nem quente’ tem por alvo o anjo da igreja e não à comunidade de Laodiceia (Apocalipse 3:14).

As cartas contêm diversas figuras para comunicar uma ideia, que é peculiar aos ministros das igrejas, em função do conhecimento que possuem, o que demanda por parte do leitor uma atenção maior, pois a dificuldade de se interpretar um texto construído com figuras é maior.

As cartas aos anjos das igrejas foram escritas com inúmeras figuras, que exercem uma função mais próxima à da linguagem 'icônica', ou seja, uma linguagem que utiliza ícones (signo que apresenta uma relação de semelhança ou, analogia com o objeto que representa).

A linguagem das cartas enviadas pelo apóstolo João expressa e reproduz, com exatidão e fidelidade, uma realidade, diferente de uma linguagem figurada, que não tem a pretensão de espelhar a realidade, antes, que busca estabelecer uma analogia, substituindo ou, sugerindo algo ao leitor.

Por exemplo: Jesus chamou os escribas e fariseus de "Raça de víboras". Se buscarmos nos dicionários, víbora é o mesmo que cobra e, através da linguagem figurativa, entende-se que Jesus chamou os fariseus de 'pessoas falsas, mentirosas, interesseiras, que passavam por cima dos outros, invejosas, que queriam o mal para os outros, que têm duas caras, que odeiam, que não cumprimentam, hipócritas, etc.'. No entanto, Jesus não fez uso de uma linguagem figurativa ou, denotativa, pois o termo 'víbora' não é empregado de acordo com o senso comum, ou seja, não podemos entender que os fariseus eram 'répteis da ordem dos ofídios', ou, conforme constam dos dicionários, que os fariseus eram hipócritas.

Do ponto de vista bíblico, fariseu era alguém pertencente à mais ferrenha religião dos judeus (Atos 26:5) e a hipocrisia deles estava relacionada com o trato que dispensavam à Palavra de Deus.

Quando dizemos que a linguagem das cartas se aproxima de uma linguagem icônica, significa que o termo víboras, quando utilizado por Jesus, remete a uma figura bíblica, uma figura com ideia específica. utilizada na Lei e nos Profetas, que não consta dos dicionários seculares.

Por exemplo: na lei, 'víbora' é uma figura utilizada para fazer referência aos filhos de Israel, por serem pessoas faltas de conselhos, que não compreendiam o mandamento de Deus e produziam uma doutrina própria, cujo conteúdo é comparável ao veneno de serpentes, que produz morte (Deuteronômio 32:33;

Deuteronômio 32:6).

A figura da serpente é utilizada pelos profetas no mesmo sentido empregado pelo profeta Moisés, para descrever a falta de compreensão do povo de Israel. Nesse sentido, quando Jesus nomeia os fariseus de ‘raça de víboras’, a linguagem é similar à linguagem icônica (ou seja, não cabe outra interpretação, além do que está estabelecido na Lei, nos Salmos e nos Profetas), pois a figura remete a um povo específico e a um contexto específico.

Não vamos encontrar na Bíblia ‘víbora’ como figura sendo aplicada aos gentios. É dos filhos de Israel que Isaías diz:

“Chocam ovos de basilisco, e tecem teias de aranha; o que comer dos ovos deles, morrerá; e, quebrando-os, sairá uma víbora” (Isaías 59:5).

Diante de uma placa de trânsito, onde está escrito ‘Proibido estacionar’, não se leva em conta as condições emocionais, sociais, de caráter, financeira, nacionalidade, profissão, etc., do usuário da via. A ideia transmitida é: não se pode estacionar naquela localidade e, por isso, utiliza-se a linguagem icônica para transmitir a ideia de proibido estacionar.

Dessa forma, quando as cartas do apóstolo amado apresentam figuras, elas remetem a signos contidos na Lei, nos Profetas, nos Salmos e nos Provérbios (Escrituras), ou seja, não fica a cargo do leitor atribuir significado à figura, segundo seus sentimentos, emoções, condições, etc.

Através das figuras utilizadas, é possível abstrair qual o destinatário (público alvo) das cartas: os ministros das igrejas. A carta não foi redigida aos membros da igreja local, mas, aos seus ministros.

Somente os ministros, que deviam manejar bem as Escrituras, tinham condições de compreender o conteúdo dessas cartas, pois as figuras utilizadas demandam a compreensão de símiles, adágios, parábolas, que constam na Lei, nos Profetas, nos Salmos e nos Provérbios.

Somente a carta endereçada ao anjo de Tiatira possui uma mensagem direcionada aos cristãos da igreja:

“Digo-vos, porém, a vós, os demais que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás,

que outra carga não porei sobre vós. O que tendes, retende-o até que eu venha” (Apocalipse 2:24 -25).

As demais cartas contêm exortação, consolo, ânimo, reprovação, incentivo, etc., aos ministros que estavam à frente daquelas comunidades, conteúdo semelhante aos das cartas endereçadas a Timóteo e a Tito.

Embora alguns teólogos considerem que a carta ao ministro de Laodiceia possui um tom mais grave que as outras cartas, todavia, temos de considerar que o tom de cada carta reflete a necessidade de cada ministro, no exercício do seu ministério.

Vale destacar que, apesar de a mensagem contida nas cartas ser atual, quando se considera o que foi tratado e a qualidade dos ministros do evangelho do presente tempo, a mensagem destinada ao anjo de Laodiceia não é de cunho profético.

Há aqueles que interpretam que as sete cartas que contam do Apocalipse são proféticas e que as sete igrejas são utilizadas para descrever sete diferentes períodos da história da Igreja. As cartas foram endereçadas aos líderes das igrejas da Ásia e não aos seus membros, em particular, portanto, resta equivocada essa abordagem, pois, se fosse profética, as cartas descreveriam sete lideranças no período histórico da igreja e não sete períodos históricos da igreja.

O corpo de Cristo, que é a igreja, não possui subdivisões, conforme o tempo (períodos históricos). O corpo de Cristo é um, com muitos membros, não importando período histórico, tendências políticas, lideranças de igrejas locais, etc. A igreja de Cristo é imaculada, perfeita, santa, separada, etc., portanto, a igreja não é constituída de mortos, mornos, doentes, sonolentos, etc., antes, essencialmente, é constituída de pessoas idôneas para participar da herança dos santos na luz.

A cidade de Laodiceia

A cidade de Laodiceia estava localizada na região da Frígia e Lídia, cerca de 150 km à leste de Éfeso, no principal cruzamento de estradas dos vales da Ásia Menor, no que é hoje a Turquia. Originalmente, chamada de Dióspole (Diospolis) e Roa (Rhoas), posteriormente, em homenagem a Laódice, esposa de Antíoco II,

passou a ser denominada como Laodiceia.

A carta foi escrita ao ministro (aggelos) da comunidade cristã, que se reunia na cidade de Laodiceia, e as considerações nela contidas, não decorrem de questões sociais, econômicas, políticas ou, culturais.

A acusação que pesa sobre o ministro de Laodiceia não era em decorrência do paganismo da cidade ou, da cultura grega, portanto, quase nada acrescenta divagar acerca das questões religiosas e culturais daquela cidade.

O que foi escrito ao anjo da igreja de Laodiceia não possui conexão com o fato de a cidade de Laodiceia situar-se, segundo os historiadores, sobre uma montanha que dava para um vale fértil ou, por ser um importante centro de administração e comércio dos romanos ou, porque as demandas judiciais das cidades circunvizinhas eram ouvidas em Laodiceia ou, ainda, que fundos monetários dessas cidades eram depositados nos bancos de Laodiceia.

Relacionar uma questão histórica, de que a cidade de Laodiceia era próspera, com a questão do ministro da igreja professar que era rico, é temerário. Não há conexão entre a confissão: - “Rico sou”, com a prosperidade da cidade de Laodiceia, que mesmo após ser danificada por terremotos duas vezes, uma durante o reino de Augusto (27 a.C. - 14 d.C.) e outra em 60 d.C, não buscou recursos externos para sua reconstrução.

Também, não se deve relacionar o veredicto ‘és morno’, com questões geográficas, por ser a cidade de Laodiceia abastecida de água proveniente de fontes ao sul, até chegar em Laodiceia, tornando-a morna, pois era conduzida por aquedutos.

Observem que Barclay interpreta o texto da carta ao anjo de Laodiceia nestes termos:

“As palavras do Cristo ressuscitado respondem de maneira direta à riqueza e às habilidades técnicas que caracterizavam e tornavam Laodiceia famosa, e que a enchiam de tanto orgulho. Este orgulho, precisamente, tinha eliminado a necessidade de Deus na mente e no coração de muitos de seus cidadãos e, aparentemente, até entre os membros da Igreja” Barclay, William, Comentário do Novo Testamento.

É temerário fazer qualquer inferência de uma epístola bíblica, levando-se em conta questões históricas, geográficas ou, econômicas. A leitura que um historiador faz de uma sociedade, dificilmente reflete com exatidão a realidade socioeconômica ou, cultural, de uma comunidade tão pequena, como era o caso da igreja em Laodiceia, onde se reuniam vários indivíduos de diversos segmentos da sociedade, de diversas etnias.

A abordagem das cartas apostólicas não visa questões socioeconômicas, antes, possui relação intrínseca com o ministro e a sua relação com a Palavra de Deus.

O que se deve destacar é o contido nas Escrituras, com especial atenção ao redigido pelo apóstolo Paulo, que registrou várias considerações acerca dos cristãos das regiões da Ásia menor.

O apóstolo dos gentios notificou a Timóteo que todos os cristãos daquela região o abandonaram, citando os nomes de Figelo e Hermógenes (2 Timóteo 1:15). Ele deixou registado na carta aos Colossenses que Epáfras tinha cuidado especial pelos cristãos de três cidades: Colossos, Laodiceia e Hierápolis (Colossenses 4:13).

Depreendemos da leitura do verso 16, do capítulo 4, da carta aos Colossenses, que o apóstolo Paulo escreveu uma carta aos cristãos de Laodiceia e, como esta carta não chegou em nossas mãos, certamente, se perdeu.

A carta de Paulo aos Colossenses contém diversos avisos contra a doutrina dos judaizantes, assim, como, a carta aos Filipenses. Ele destaca que, apesar de não ter ido pessoalmente a Colossos e a Laodiceia, travou um grande combate pelos cristãos da região de Colossos e de Laodiceia (Colossenses 1:29 e Colossenses 2:1).

O aviso aos cristãos de Colossos é específico:

“Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo” (Colossenses 2:8).

Quando o apóstolo Paulo orienta dizendo: **“Portanto, ninguém vos julgue pelo comer ou, pelo beber ou, por causa dos dias de festa ou, da lua nova ou, dos sábados”** (Colossenses 2:16), vem a lume que o perigo que rondava a igreja de

Colossos era proveniente da doutrina dos judaizantes.

Ao escrever aos Filipenses, a questão dos judaizantes, também, é abordada:

“Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão; porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, nos gloriamos em Jesus Cristo e não confiamos na carne” (Filipenses 3:2-4).

O apóstolo Paulo era perseguido pelos seus concidadãos e, dentre eles, se sobressaíam os judaizantes. Geralmente, os judeus perseguiram o apóstolo Paulo, de cidade em cidade, incitando a multidão e conturbavam as cidades contra o apóstolo (Atos 17:13) e, dentro das igrejas, haviam aqueles que se diziam ‘convertidos’, porém, negavam a eficácia do evangelho, pois queriam fazer os cristãos se circuncidarem e guardarem preceitos da lei mosaica (Gálatas 5:8-12).

Essas questões apresentadas pelo apóstolo Paulo é que devem consideradas, quando da leitura das cartas aos anjos das igrejas que ficavam na Ásia, e não questões históricas, geográficas, econômicas, culturais, etc., que carecem de comprovação.

O Amém

“E ao anjo da igreja que está em Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus” (Apocalipse 3:14)

Assim como o apóstolo Paulo produziu as epístolas pastorais, como as cartas a Timóteo e a Tito, as cartas que constam do Apocalipse são todas de cunho pastoral, endereçadas aos ministros, àqueles que tinham o dever de cuidar das igrejas.

O termo grego ἄγγελος, transliterado ‘aggelos’, comumente traduzido por ‘anjo’, no verso em análise, não se refere a seres celestiais, mas, aos ministros do evangelho que foram incumbidos de cuidar das igrejas (1 Pedro 5:2). Um ministro do evangelho é mensageiro de Deus, portanto, um ‘anjo’ portador da mensagem da reconciliação (2 Coríntios 5:20; 1 Timóteo 5:21).

O escritor aos Hebreus utiliza o termo ἄγγελος para fazer referência aos santos profetas que falam a palavra de Deus aos pais, demonstrando que a palavra dos

mensageiros de Deus permaneceu firme e a tradução do termo por 'anjos', acaba por confundir o leitor, que passa a considerar que a palavra dos seres celestiais permaneceu firme.

[“HAVENDO Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas \(...\) Porque, se a palavra falada pelos anjos permaneceu firme...”](#) (Hebreus 1:2 e Hebreus 2:2).

O Senhor Jesus é o autor da carta e se apresenta como 'O Amém', sendo empregado termo grego ἀμήν, uma espécie de hebraísmo. O significado do termo 'amém', nos dicionários, é 'assim seja', mas, se analisarmos o contexto e quem se identificou como 'O Amém', o termo transcende a ideia que consta dos dicionários.

O termo 'ἀμήν' está diretamente ligado à fidelidade de Deus, pois quantas promessas há em Deus, que é fiel, em Cristo todas foram confirmadas e cumpridas (2 Coríntios 1:18-20). O fato de Cristo ter sido ressuscitado dentre os mortos, cumpriu a promessa de Deus feita aos pais (Atos 13:23 e 32). Tudo o que Deus revelou através dos seus santos profetas, acerca de Cristo, se cumpriu, pois Deus vela sobre a sua palavra para a cumprir (Isaías 55:11).

Com relação ao Verbo que se fez carne e ressurgiu dentre os mortos, o termo 'ἀμήν' vai além da expressão de anseio ou, de um desejo mágico: “Oxalá!”, “Que assim seja!”, antes, aponta para aquele que é inabalável: Cristo, o Verbo eterno, a palavra firme, fiel.

Quem direciona a palavra ao ministro da igreja que estava em Laodiceia é o Cristo glorificado, que, em carne, testemunhou de Deus (João 18:37) e de quem o Pai deu testemunho, através dos seus santos profetas (João 5:39).

Por que Cristo se apresenta como a 'fiel testemunha'? Porque tudo o que anunciou aos homens, Cristo falou exatamente como o Pai mandou (João 8:28 e 38; João 12:50).

Princípio da criação de Deus

O Cristo glorificado se apresenta como o 'princípio da criação de Deus' (ἡ ἀρχὴ)

τῆς κτίσεως). Como compreender essa apresentação? O entendimento mais aceito entre os teólogos é o de que Cristo se apresentou como a origem, a causa primeira de todas as coisas.

Como a sabedoria é apresentada personificada no Livro de Provérbios, os teólogos entendem que, ao se apresentar como 'princípio da criação de Deus', Jesus apontou para a sua preexistência.

“O SENHOR me possuiu no princípio de seus caminhos, desde então, e antes de suas obras. Desde a eternidade fui unguida, desde o princípio, antes do começo da terra” (Provérbio 8:22-23).

Ora, sabemos que o Jesus de Nazaré, que foi gerado no ventre da virgem Maria, antes de ser introduzido no mundo como o Unigênito de Deus, na eternidade criou todas as coisas e sustenta todas elas pela palavra do seu poder (Hebreus 1:2).

Os discípulos conviveram com um homem igual a eles, em todos os sentidos (físico e emocional), contudo, quando Jesus ressurgiu dentre os mortos e assentou-se à destra da Majestade nas alturas, não mais deveriam 'contemplá-lo' (entender) segundo a perspectiva que tiveram quando O viram em carne, antes deveriam vê-Lo (compreender) coroado de glória e poder (Hebreus 2:8-9; 2 Coríntios 5:16).

O escritor aos Hebreus aplica à pessoa de Cristo o Salmo 102:

“E, Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra e os céus são obras de tuas mãos...” (Salmo 102:25; Hebreus 1:10).

Nesse sentido, o evangelista João, também, destacou que todas as coisas foram criadas por Cristo e sem Ele nada do que foi feito se fez (João 1:3). O apóstolo dos gentios enfatizou que Cristo é quem criou todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, e todas as coisas subsistem por Ele (Colossenses 1:16).

Mas, apesar de vários textos, tanto na Antiga, quanto na Nova Aliança, apontarem para o Verbo eterno como Deus na eternidade, antes de ser introduzido no mundo, na condição de homem, alguns segmentos pseudocrístãos, negam a divindade de Cristo e se valem de uma má leitura dessa apresentação de Jesus.

Além do que, quando lemos: **“Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus”**, a ênfase da apresentação 'o princípio da criação de Deus', não está no fato de Cristo ser o criador de todas as coisas.

Nessa apresentação, Jesus não estava se identificando como o λόγος (logos) divino pelo fato de Ele ser Deus e, no princípio, estar com Deus (João 1:1 -2). A proposta é outra, completamente diferente da ideia que se propagada no meio cristão.

O termo grego ἀρχή[1], transliterado 'arxê', comumente traduzido por 'princípio', não foi empregado em função de uma referência temporal, no sentido de primeiro, partida, início, mas, no seu sentido figurado, apontando a condição de Cristo como o que tem a supremacia, o primado, a preeminência, etc.

Para compreender essa apresentação de Cristo, faz-se necessário compreender o propósito eterno de Deus, conforme fez referência o apóstolo Paulo aos cristãos em Colossos:

“E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (Colossenses 1:18).

Jesus se apresenta ao anjo da igreja de Laodiceia como aquele que, na ordem hierárquica de toda criação, tem a preeminência, pois foi constituído a cabeça da igreja, o primogênito (o que tem a preeminência) dentre os mortos, conforme o que consta na apresentação do apóstolo João, no início do Livro do Apocalipse:

“E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dentre os mortos e o príncipe dos reis da terra” (Apocalipse 1:5).

Cristo, como cabeça da igreja, é o princípio, no sentido de ter a preeminência, o líder. Vale destacar que, o Verbo de Deus foi introduzido no mundo como o Unigênito de Deus, mas, ao retornar à glória, alçou a condição de Primogênito entre muitos irmãos. Cristo é o primogênito de Deus dentre os mortos e os que ressurgem com Cristo, são semelhantes a Ele (Romanos 8:28).

Quando ressurgiu dentre os mortos, Cristo foi posto à direita de Deus, posição superior a todo o principado, poder, potestade, domínio e lhe foi dado um nome que o nomeia para sempre e todas as coisas foram sujeitas a seus pés (Hebreus 2:7-8; Salmo 8:5-6). E acima de tudo o que foi enumerado acima, sobre todas elas Cristo é a cabeça da igreja (Efésios 1:20-22).

Acima da igreja está Cristo, a cabeça, e abaixo de Cristo, mas, acima de todas as coisas, está a igreja, o corpo de Cristo. Poucos conseguem visualizar a condição

da igreja: abaixo de Cristo e acima de todas as coisas na hierarquia celestial. Se compreendessem a posição da igreja, teriam noção da posição que foi concedida a Cristo: princípio (ἀρχή) de toda criação.

Como Cristo está acima de todas as coisas e o seu corpo é constituído de inúmeros homens, que ressurgiram com Ele para a glória de Deus Pai, e assumiram uma posição hierárquica acima de todas as criaturas de Deus, visto que a igreja julgará até os anjos. Por Cristo ser a cabeça da igreja, Ele alcançou a preeminência (primazia) em tudo.

O corpo de Cristo (a igreja) é superior aos homens, anjos, potestades, principados, etc., quer neste presente século ou, por vir, e Cristo, acima de tudo, foi constituído a cabeça da Igreja.

“E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (Colossenses 1:18).

Cristo se identificou ao ministro de Laodiceia, segundo a posição que o Pai lhe outorgou, quando da glorificação, visto que, ao ressurgir dentre os mortos, Cristo herdou um nome acima de todo o nome que se nomeia no presente século e no vindouro (Efésios 1:21).

O que está em tela não é o fato de, na eternidade, o Verbo eterno ter criado todas as coisas pela palavra do seu poder. Na apresentação na carta ao anjo de Laodiceia foi destacado o fato de a igreja estar acima de todas as coisas, e sobre todas as coisas Cristo foi constituído a cabeça da igreja. Ser a cabeça é o mesmo que ter a preeminência no corpo, o ἀρχή (arxé) da criação de Deus.

A vontade de Deus

“Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente!” (Apocalipse 3:15)

Muitos fazem uma contemporização equivocada da carta ao anjo de Laodiceia, em função da concepção que idealizaram, acerca do que deve ser uma comunidade cristã nos dias atuais.

Um exemplo de equívocos à margem das Escrituras se vê na teologia da

libertação, concepção teológica moderna, que defende que o evangelho é uma bandeira que prega a libertação das classes oprimidas frente às injustiças sociais causadas pela opressão, proveniente de questões de ordem econômica e política.

Qualquer leitura dessa passagem bíblica, sob o prisma da teologia da libertação, em função do anúncio: 'conheço as tuas obras', produzirá inferências de ordem econômica, política e social, que não é a mensagem dada por Cristo. Será uma hermenêutica, com bases em conceitos fomentados pelas ciências sociais, como sociologia, filosofia, antropologia, etc., e não segundo o evangelho de Jesus.

No outro extremo há o risco da 'espiritualização', uma visão contemporânea decorrente da repreensão: "...és morno", que leva à má leitura de que a comunidade cristã em Laodiceia não era de oração, voltada para os jejuns e sacrifícios. Que se 'buscassem' a vontade de Deus, os cristãos se aplicariam às ações de caridade, etc.

Em nossos dias, cada segmento cristão dá uma conotação diferente à condição descrita como 'morno'. A abordagem do texto pelos preletores, geralmente, não visam os líderes das comunidades, ante, tem por alvo os membros dessas comunidades.

Se a exposição do texto for em uma comunidade pentecostal, 'morno' é alcunha que se dá ao membro que não participa de vigílias, orações nos montes e madrugadas, jejuns, etc. Para os neopentecostais, 'morno' é aquele que não contribui massivamente, não participa assiduamente das campanhas, dos votos, etc. Os tradicionais veem aquele que não se adequa às regras das convenções e não se mantém firme aos dogmas da organização eclesiástica, etc., como sendo morno.

Para os católicos, espíritas e outros, a mornidão se revela quando a comunidade não se aplica às causas sociais, como visitas aos doentes, presos, etc., assistência aos pobres, enfermos, etc.

Durante as reuniões, a ênfase de muitos preletores é a vontade de Deus, porém, negam-lhe o verdadeiro significado, pois a vontade de Deus para eles geralmente tem em voga questões desta vida, como assistencialismo aos velhos, crianças, idosos, mendigos, etc.

Em vez de buscarem compreender qual é a vontade de Deus segundo as

Escrituras, apelam para o emocional das pessoas, que invariavelmente, possuem uma carnal compreensão do que é a vontade de Deus. Sob o argumento: - “Dê o seu melhor para Deus”, líderes religiosos escravizam pessoas ao seu bel prazer e apontam o veredito de Cristo: ‘És morno, vomitar-te-ei!’.

As pessoas, temerosas por não saberem qual é a vontade de Deus, sobem monte e descem os vales, passam noites em claro, em prolongadas orações, etc., por entenderem que estão realizando a vontade de Deus. Outros segmentos entendem que a vontade de Deus está no celibato, na clausura, na meditação, nas penitências, etc.

Sobre a vontade de Deus, escreveu o apóstolo Paulo: “Que quer que todos os homens se salvem e venham ao ‘conhecimento’ da verdade” (1 Timóteo 2:4), e ‘conhecer’ a verdade só é possível quando se crê que Jesus é o Cristo.

“Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:40; João 20:31; João 6:29).

Obras

“Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente!” (Apocalipse 3:15)

No que consiste as ‘obras’ do anjo da igreja em Laodiceia?

Jesus noticia ao ministro de Laodiceia que conhecia as obras dele e que elas o classificavam como morno, condição que é própria ao ministro, não à comunidade cristã daquela cidade.

O que fazer para não ser tido por morno? Qual a obra que Jesus ‘conhece’ e que determina se o ministro é morno? Seriam ações sociais? Doações caridosas? Defesa de alguma ideologia? Construção de um templo? Fazer missões?

O apóstolo Paulo ao escrever a Timóteo utilizou o termo grego ἔργα (erga), comumente traduzido por ‘obra’, ‘trabalho’: “Mas tu, sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério” (2 Timóteo 4:5) e Jesus, ao fazer referência à necessidade de crer em Cristo para a salvação,

utilizou o mesmo termo: - “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que ele enviou” (João 6:29).

Jesus utilizou o termo grego ἔργα na resposta que deu à multidão, que questionou qual seria a obra de Deus (João 6:28). Através da pergunta da multidão e da resposta de Jesus, claro está que confessar o nome de Cristo como salvador é realizar a obra de Deus.

Quando o apóstolo Paulo ordena a Timóteo que cumprisse a obra de um evangelista, Timóteo já havia feito a obra de Deus, ou seja, ele já cria que Jesus é o Cristo. É impossível cumprir o ministério de um evangelista, sem antes ter crido em Cristo.

Analisando a temática bíblica e como o termo ἔργα é utilizado em função do contexto, percebe-se que o termo ἔργα é utilizado como resultado da obediência a um mandamento. Obra é consequência da obediência a um mandamento, de modo que, primeiro se faz necessária a existência de um mandamento e, em segundo lugar, quem obedeça e, por fim, resultará em uma obra.

Neste sentido, quando Jesus declarou: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra” (João 4:34), realizar a obra do Pai implicava em obedecer-Lo.

A obra só é possível em função de um mandamento. A ideia de obra emerge de uma sociedade aristocrática, em função da relação senhor e servo. A ‘obra’ pertence ao senhor que, ao implementá-la, dá ordem aos seus servos. Os servos, por sua vez, devem obedecer ao seu senhor, o que resultará na obra.

Sem o mandamento dado pelo Pai ao Seu Filho, não haveria como Cristo obedecer, conseqüentemente, não haveria uma obra.

“Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar.” (João 12:49).

Qual a obra que Deus deu ao Filho realizar? A resposta está patente no livro do profeta Isaías:

“O ESPÍRITO do Senhor DEUS está sobre mim; porque o SENHOR me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de

coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes” (Isaías 61:1 -2).

O ministério de Cristo esteve atrelado ao evangelho, visto que Ele foi ungido para pregar boas novas, proclamar liberdade, apregoar o tempo aceitável de Deus, etc.

E o que Jesus anunciava como evangelista? A resposta vem a seguir:

“Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre” (João 7:38).

Em suma, quem crê em Cristo, crê no Pai, que enviou a Cristo.

“E Jesus clamou, e disse: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou” (João 12:44);

“Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou” (João 5:23).

À época de Cristo os judeus diziam crer em Deus e que eram seus servos, porém, tal crença era só de boca e não executavam a obra que Deus determinou, que é crer em Cristo.

“E ele, respondendo, disse-lhes: Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim; em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens” (Marcos 7:6 -7).

Ciente desse entrave, Tiago desafiou os judeus a executarem a obra de Deus (crer em Cristo), em lugar de somente dizerem que tinham fé em Deus, pois a crença (fé) deles em Deus, sem crer em Cristo (obras), era morta, visto que até o diabo crê e estremece (Tiago 2:18-20).

“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” (1 João 3:18);

“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra” (Tito 1:16);

“E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como

meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra.” (Ezequiel 33:31 -32).

A obra de Deus está vinculada a Cristo, pois o mandamento de Deus é que os homens creiam em Cristo para serem salvos e, ao crer, Deus salva o homem. Ora, a obra não diz de ações sociais ou, de práticas religiosas, antes, a obra de Deus é: a) crer que Jesus, o Cristo, é o Filho de Deus e a obra de um evangelista é; b) anunciar a todas as nações, que Cristo é o Filho de Deus.

Da relação mandamento e obediência, senhor e servo, temos uma obra, no entanto, o termo ‘obra’ pode ser empregado para destacar o que o homem professa, evidenciando, assim, a quem ele é sujeito.

“Por isso, se eu for, trarei à memória as obras que ele faz, proferindo contra nós palavras maliciosas; e, não contente com isto, não recebe os irmãos, e impede os que querem recebê-los, e os lança fora da igreja” (3 João 1:10).

O apóstolo João, ao escrever a Gaio, enfatizou que Diótrefes gostava de exercer a liderança na comunidade cristã e que não recebia o apóstolo João e, não somente isto, também, não recebia os irmãos e, ainda, impedia que outros cristãos acolhessem o apóstolo João e os irmãos, expulsando da comunidade aqueles que se dispunham a recebê-los (3 João 1:9-10).

Em especial destaque, o evangelista sublinha a ‘obra’ de Diótrefes: proferia palavras maliciosas contra os apóstolos. Percebe-se que Diótrefes não recebia os apóstolos, com medo de perder a primazia naquela comunidade e o subterfúgio que utilizava era falar mal dos apóstolos.

Ora, as obras de Diótrefes, com relação aos membros do corpo de Cristo, evidencia que ele não era sujeito a Cristo, a cabeça do corpo. Isso porque, todo que faz o mal é porque odeia a luz, ou seja, não obedece a Cristo.

“Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas.” (João 3:20);

“Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o

outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Lucas 16:13).

O termo ‘odiar’ é contraponto ao termo ‘amar’, no sentido de obediência e desobediência. Quem não obedece a Cristo odeia a luz ou, seja, não serve a Cristo, conseqüentemente, faz o mal. Não vem para Cristo, para que as suas obras não sejam reprovadas.

“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra.” (Tito 1:16).

Essa era a condição dos escribas e fariseus: diziam obedecer a Deus, mas, as suas obras negavam o que diziam, pois, obedeciam a mandamentos de homens.

Embora Jesus soubesse de tudo o que o anjo da igreja de Laodiceia fazia, por meio do corpo ou, bem ou, mal (2 Coríntios 5:10), vale destacar novamente que, a obra em vista diz do que aquele ministro obedecia e proferia acerca de Cristo.

Apresentadas as observações acima, a constatação ‘nem és frio, nem quente’ não é um veredito próprio ao Tribunal de Cristo, visto que o tribunal de Cristo só será estabelecido quando a igreja estiver com Cristo.

O veredito dado por Cristo, evidencia que, por não obedecer de fato a Cristo, portanto, a sua confissão estava comprometida, aquele ‘anjo’ não servia para ser ministro do rebanho de Deus.

O dever de um ministro

Com relação à confissão, não há meio termo: admite-se que o Senhor Jesus é o Cristo ou, não. Qualquer outro evangelho que não é fundamentado nos profetas e na doutrina dos apóstolos, é anátema (Efésios 2:20; Gálatas 1:8-9).

Além de crer e confessar que Jesus é o Cristo (Romanos 10:9), um obreiro deve manejar bem a palavra da verdade, pois, só quando maneja bem a palavra de Deus, não tem do que se envergonhar.

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15).

Apesar de todos os cristãos serem passíveis de erros, na doutrina, o obreiro deve mostrar incorrupção, gravidade e sinceridade ou, seja, na palavra da verdade tem de ser perfeito.

“Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina, mostra incorrupção, gravidade, sinceridade” (Tito 2:7);

“Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavra, o tal é perfeito e poderoso para, também, refrear todo o corpo” (Tiago 3:2).

A missão de um obreiro, é ter cuidado do rebanho de Deus e o cuidado dispensado pelo ministro para o rebanho, é comparável ao cuidado de preparar uma noiva, como uma virgem pura, para o seu marido (2 Coríntios 11:2).

Um exemplo de cuidado, encontramos no apóstolo Paulo, que chamou os anciãos da igreja, que estava na cidade de Éfeso, e, antes de partir, no seu discurso de despedida, demonstrou que, desde o primeiro dia que anunciou o evangelho naquela região, portou-se, exemplarmente, servindo ao Senhor, humildemente, e suportou a oposição ferrenha dos judeus (Atos 20:18-19).

Ele enfatizou aos líderes daquela igreja local que, por causa das ciladas que os judeus armavam, serviu ao Senhor com muitas lágrimas e tentações, porém, sobressai da abordagem paulina o fato dele sempre declarar, tanto a judeus, quanto a gregos, que todos os povos devem se converter a Deus. Como? Arrependendo-se ou, seja, abandonando as suas concepções próprias de como se salvarem e crerem em Cristo (At 20:21).

Ora, um obreiro deve mostrar incorrupção na palavra do evangelho, cuidando de si mesmo e do rebanho sobre o qual foi constituído pelo Espírito Santo ‘bispo’ (Atos 20:28). Esse cuidado deve ser efetivo, pois, sempre surgirão ‘lobos cruéis’ que não poupam o ‘rebanho’ e, principalmente, porque, dentre os cristãos, surgem homens com mensagens que atraem os discípulos com discursos vãos (Atos 20:29-30).

A recomendação do apóstolo Paulo a Timóteo era para que ele conservasse o modelo das santas palavras que foram anunciadas: “**Conserva o modelo das sãs palavras, que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus**” (2 Timóteo 1:13).

Se o próprio Cristo não mudou o que foi anunciado pelo Pai, antes, falou segundo o que o Pai disse, não cabe ao ministro adaptar ou, mudar a mensagem do evangelho a seu bel prazer: “E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai me tem dito” (João 12:50).

Tribunal de Cristo

O apóstolo Paulo deixou registrado que Deus julgará todos os homens, com relação às suas obras (Romanos 2:6) e que o julgamento, com relação às obras dos salvos em Cristo, se dará no tribunal de Cristo.

“E, se invocais por Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação” (1 Pedro 1:17);

“Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (2 Coríntios 5:10; Romanos 14:10).

O apóstolo Paulo tinha ciência de que, se fizesse a obra do ministério por obrigação, não seria recompensado, mas, se de boa vontade, seria premiado no Tribunal de Cristo.

“E por isso, se o faço de boa mente, terei prêmio; mas, se de má vontade, apenas uma dispensação me é confiada” (1 Coríntios 9:17).

O julgamento no Tribunal de Cristo trará a lume as intenções dos corações dos cristãos, quando no desempenho de suas ações quanto à divulgação do nome de Cristo, quando cada qual receberá o louvor de Deus, pois há quem anuncia o evangelho de boa mente e quem julga acrescentar dor a seu irmão (Filipenses 1:15-16).

“Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor” (1 Coríntios 4:5).

O irmão Tiago, por sua vez, alerta os cristãos convertidos, dentre os judeus, a não desejarem ser mestres, pelo seguinte motivo: os mestres receberão juízo mais

severo, pois ao que é dado muito, muito se cobrará (Tiago 3:1).

“Mas o que a não soube, e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado. E, a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá” (Lucas 12:48).

O juízo do Tribunal de Cristo não é um juízo de condenação, visto que a condenação da humanidade se deu em Adão e a salvação se dá em Cristo. No Tribunal de Cristo, o julgamento é de mérito e visa recompensar cada salvo, segundo o que fizeram por meio do corpo, bem ou, mal.

“E se alguém ouvir as minhas palavras, e não crer, eu não o julgo; porque eu vim, não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo” (João 12:47; 1 João 4:14).

Ministro reprovado

“Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente!” (Apocalipse 3:15)

O evangelista João foi comissionado por Jesus a escrever às sete igrejas situadas nas regiões da Ásia menor: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia (Apocalipse 1:4 e 11). O Livro do Apocalipse deveria ser remetido às sete igrejas, mas, no bojo do livro, continha uma nota dedicada a cada ministro das igrejas, nota essa que todas as igrejas tomaram conhecimento.

A repreensão contida nas cartas aos anjos das igrejas segue o mesmo princípio que consta da carta do apóstolo Paulo a Timóteo:

“Não aceites acusação contra o presbítero, senão com duas ou três testemunhas. Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor” (1 Timóteo 5:20).

A recomendação do apóstolo Paulo dada a Timóteo foi seguida à risca, quando o apóstolo e presbítero Pedro adotou um comportamento repreensível, e foi repreendido, na presença de todos (1 Pedro 5:1; Gálatas 2:11-17).

Através das cartas, fica evidente que, caso o ministro não mudasse de concepção

(metanoia), após a repreensão, que o seu 'candeeiro' (Apocalipse 1:20) seria removido (Apocalipse 2:5; Apocalipse 2:16 e Apocalipse 3:3).

O alerta: 'Conheço as tuas obras', dada ao ministro de Laodiceia, destaca que nada escapa aos olhos do Filho de Deus, pois, são olhos como de fogo: "E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar" (Hebreus 4:13; Apocalipse 1:14).

O diagnóstico emitido é terrível: 'nem és frio, nem quente'. A obra produzida pelo anjo da igreja de Laodiceia o expunha como inócuo, alguém que não se posicionava com relação à verdade do evangelho. No evangelho, não se admite neutralidade: nem na confissão, nem no labor.

"Este era instruído no caminho do Senhor e, fervoroso de espírito, falava e ensinava diligentemente as coisas do SENHOR, conhecendo somente o batismo de João" (Atos 18:25);

"Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor" (Romanos 12:11).

Os termos 'quente', 'frio' e 'morno' são figurativos, demonstrando que aquele ministro foi 'provado' e achado em falta diante de Deus. Seria melhor que Ele fosse uma coisa ou, outra. Como cristão deveria batalhar pela doutrina do evangelho (quente) ou, que fosse descrente (frio), o que não podia era ficar coxeando entre dois pensamentos (1 Reis 18:21).

Ora, se fosse 'quente', aquele ministro estaria aprovado e se fosse 'frio', a mensagem seria de mudança de concepção (arrependimento=metanoia). No entanto, conforme o apelo, ao final da carta: "Sê, pois, zeloso e arrepende-te", vê-se que a repreensão estipula a necessidade de zelo e que o arrependimento é com relação à letargia.

Ora, convencer judeu ao evangelho é mais fácil do que convencer um judaizante ou, seja, aquele que se diz cristão, mas, que deita fermento à massa (Mateus 16:12). Semelhantemente, é mais fácil converter um gentio do que um prosélito, pois, o estado deste é pior do que o daquele: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno, duas vezes mais do que vós" (Mateus

23:15).

Após o anjo de Laodiceia ter sido 'provado', o veredito foi: 'És morno' ou, seja, nem quente, nem frio, conseqüentemente, seria rejeitado, caso não se arrependesse. A abordagem de Cristo ao anjo da igreja não foi de imposição, mas na base do apelo, e, até mesmo, expressa desejo:

"Quem dera fosses frio ou quente" (Apocalipse 3:15).

A apatia ministerial no cuidado para com a igreja denunciava algo grave naquele ministro: estava se demovendo da fé! A displicência no cuidado, a falta de vigor na defesa do rebanho, a letargia na instrução dos membros do corpo de Cristo, denunciam a quantas está a base do ministro.

"Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza" (2 Pedro 3:17).

Ao escrever a Tito, o apóstolo Paulo reitera que Jesus entregou-se para remir os homens, tomando para si um povo especial, um povo que é zeloso de boas obras *"O qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda a iniquidade e purificar para si um povo seu, especial, zeloso de boas obras"* (Tito 2:14).

Os ministros foram comissionados a cuidarem do rebanho e, só é possível cuidar do rebanho quando o ministro olha por si mesmo e cuida da doutrina.

"Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue" (Atos 20:28);

"Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem" (1 Timóteo 4:16).

'Boas obras' não diz de boas ações, ações de caridade, ações humanitárias, obras sociais, etc., antes diz da boa confissão, a obra de Deus, que é crer em Cristo. A igreja de Deus é um povo especial, zeloso da doutrina, pois, por meio do evangelho, o crente se salva e leva à salvação os que ouvem.

A confissão

Mas, por que aquele ministro foi classificado como 'morno'? Por que ele era inútil a ponto ser rejeitado?

O motivo está no verso 17:

“Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu”.

Através daquilo que o ministro de Laodiceia dizia tem-se um diagnóstico preciso do que estava ocorrendo, pois o 'fruto dos lábios' dele denuncia qual doutrina que ele tinha abraçado, em detrimento da verdade do evangelho. A essência da 'mornidão' está na seguinte confissão: “Rico sou, estou enriquecido e de nada tenho falta” (Apocalipse 3:17).

O evangelista João ordena aos cristãos que provem os espíritos (palavras, mensagem), se eles são de Deus ou, não.

“AMADOS, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já está no mundo” (1 João 4:1 -3).

É através da confissão que se verifica se alguém é mensageiro de Deus ou, se é falso profeta. Jesus mesmo disse que um falso profeta se identifica pelo fruto e não pela aparência exterior (Mateus 7:15-16).

Qual é o 'fruto' produzido por um falso profeta? Como o ouvido prova as palavras, assim, como o paladar prova a comida, certo é que o fruto de um falso profeta é aquilo que ele professa: “Porque o ouvido prova as palavras, como o paladar experimenta a comida” (Jó 34:3). Por exemplo: se um espírito 'professa' que Jesus não veio em carne, esse espírito não é de Deus.

A origem da reprovação do anjo de Laodiceia possui relação íntima com o que ele dizia: “Rico sou!”. Quando em carne, Jesus havia dito: “Como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que

me enviou” (João 5:30). Enquanto os homens julgavam segundo a aparência, Cristo julgava segundo a reta justiça, segundo a palavra de Deus (João 7:24).

Cristo julgava segundo o que ouvia porque a boca fala do que o coração está cheio: “O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem e o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca” (Lucas 6:45) e, através, dos frutos dos lábios, ele determinava se o homem era uma árvore boa ou, má: “Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca” (Mateus 12:34).

O fruto

O fruto, como figura, faz referência à confissão do homem, conforme exposição do escritor aos Hebreus:

“Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome” (Hebreus 13:15).

Jesus disse que quem está ligado à videira produz fruto (João 15:5) e um fruto que glorifica a Deus (João 15:8). Ora, para ser um ramo que produz fruto que glorifica a Deus, primeiro o homem tem que estar ligado à videira.

Outra figura que representa o homem é a ‘árvore’, para demonstrar que o homem professa uma doutrina, segundo a semente que lhe deu origem, vez que as árvores produzem fruto, segundo a sua espécie.

Os que são ‘plantados pelo Pai’ professam que Jesus é o Cristo (Mateus 15:13), ou seja, produzem o fruto dos lábios que Deus criou: paz, paz, tanto para os que estão longe (gentios), quanto para os que estão perto (judeus): Jesus, o príncipe da paz (Isaías 57:19). O homem é planta de Deus, quando é nascido da semente incorruptível, que é a palavra de Deus (Isaías 60:21; Salmo 103:15; Isaías 40:6).

Para os que creem em Cristo há paz, pois são renovos plantados pelo Senhor e permanecerão para sempre. Os ímpios, por sua vez, desde a madre, se desviaram e proferem mentiras, portanto, para eles não há paz, antes o machado já está

posto sobre a sua raiz (Mateus 3:10).

Quando crê em Cristo Jesus como Senhor, o homem passa a estar ligado à videira e quando confessa a Cristo produz o fruto que glorifica a Deus: Jesus de Nazaré é o Cristo.

“A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Romanos 10:9; Isaías 61:3).

E como se classifica quem produz uma confissão (fruto) dessa espécie: “Rico sou, estou enriquecido e de nada tenho falta”?

Somente um ‘louco’! Quem são os ‘loucos’, ou os ‘néscios’? Os loucos são os religiosos judeus que desprezavam a palavra de Deus e seguiam mandamentos de homens. A ‘loucura’, ‘o desvario’ é um modo de fazer referência aos judaizantes, através de uma figura utilizada pelos profetas.

Os profetas, por diversas vezes, chamaram o povo de Israel de loucos:

“Eu, porém, disse: Deveras estes são pobres; são loucos, pois não sabem o caminho do SENHOR, nem o juízo do seu Deus” (Jeremias 5:4);

“Assim diz o Senhor DEUS: Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito e que nada viram!” (Ezequiel 13:3).

O profeta Moisés já havia conferido essa alcunha ao povo de Israel, termo que foi amplamente utilizado como figura para fazer referência ao povo de Israel.

“Recompensais assim ao SENHOR, povo louco e ignorante? Não é ele teu pai que te adquiriu, te fez e te estabeleceu?” (Deuteronômio 32:6).

Ao repreender os dois discípulos, no caminho de Emaus, Jesus os chamou de néscios, pois não compreendiam as palavras dos profetas:

“E ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!” (Lucas 24:25).

O apóstolo Paulo fez referência aos líderes judaicos, como instrutor dos néscios.

“Instrutor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da

verdade na lei” (Romanos 2:20).

Na parábola do homem rico há um veredito: - ‘Louco!’. Entende-se, através, da figura ‘louco’, que o homem que possuía uma herdade e que produziu muito, era judeu. Observe:

“E propôs-lhe uma parábola, dizendo: A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância; E ele arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: Farei isto: Derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; E direi a minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus” (Lucas 12:16 -21).

A conclusão da parábola do rico louco remete à ideia de que, quem confia em si mesmo, ou, na multidão de suas riquezas, mas, não é rico para com Deus, é um louco. A questão abordada pela parábola não diz de riquezas materiais, antes, evidencia em quem o homem confia, como se lê em Deuteronômio:

“E digas no teu coração: A minha força, e a fortaleza da minha mão, me adquiriu este poder. Antes te lembrarás do SENHOR teu Deus, que ele é o que te dá força para adquirires riqueza; para confirmar a sua aliança, que jurou a teus pais, como se vê neste dia” (Deuteronômio 8:17 -18).

O profeta Jeremias faz uma releitura do exposto pelo profeta Moisés, quando diz:

“Ó meu monte no campo! a tua riqueza e todos os teus tesouros darei por presa, como também os teus altos, por causa do pecado, em todos os teus termos. Assim por ti mesmo te privarás da tua herança que te dei, e far-te-ei servir os teus inimigos, na terra que não conheces; porque o fogo que acendeste na minha ira arderá para sempre. Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do SENHOR!” (Jeremias 17:3 -5).

A parábola que Jesus contou, tem por base essas duas passagens bíblicas e a conclusão da parábola decorre do seguinte verso:

“Como a perdiz, que choca ovos que não pôs, assim é aquele que ajunta riquezas, mas não retamente; no meio de seus dias as deixará, e no seu fim será um insensato” (Jeremias 17:11).

Daí o alerta:

“Assim diz o SENHOR: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas, Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me entender e me conhecer, que eu sou o SENHOR, que faço beneficência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o SENHOR” (Jeremias 9:23 -24).

A loucura do povo de Israel decorria da ignorância, acerca das coisas de Deus (Romanos 10:2). Só é possível ao homem ser rico diante de Deus, quando herda bens de Deus. Mas, como o povo de Israel poderia herdar algo de Deus, se era uma geração perversa e distorcida? Como não eram filhos, antes uma mancha, nada herdariam de Deus (Deuteronômio 32:5).

É por isso que Jesus se referia aos escribas e fariseus como geração perversa, má e adúltera. Por serem maus, o fruto que produziam era mau, segundo o coração mentiroso que herdaram de Adão (Mateus 12:34).

Quando o apóstolo Paulo diz: “Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados” (2 Timóteo 3:13), estava fazendo alusão aos judaizantes, pois eram maus, segundo a natureza herdada de Adão e destilavam o engano, segundo o coração que possuíam, pois a boca fala do que o coração está cheio (Isaiás 58:3).

É possível um homem que exerce o ministério falar como um louco? O que estava acontecendo com o anjo da igreja de Laodiceia? O anjo da igreja de Laodiceia estava se tornando ‘néscio’, pois se vangloriava da sua condição e não em saber que Deus faz beneficência, juízo e justiça na terra (Jeremias 9:23-24).

O Pregador diz: “Do fruto da boca de cada um se fartará o seu ventre; dos renovos dos seus lábios ficará satisfeito” (Provérbios 18:20), uma característica que depreendemos da confissão do ministro de Laodiceia. Por causa da abundância do que estava no seu coração, ele confessou que estava rico e abastado. Ele era alguém que fez do seu ventre o seu deus e estava satisfeito em servir a si mesmo, de modo que os seus lábios produziam os seus renovos, não o

fruto próprio de quem está ligado à videira.

Da colheita dos lábios de um louco, se verifica que ele está satisfeito, pois, diz: “Rico sou!”, ou: “Alma, tens em depósito muitos bens, para muitos anos; descansa, come, bebe e folga”, mas, é alguém que não é rico para com Deus.

Como ajuntar tesouro no céu? (Mateus 6:20) Jesus explica que quem for injuriado e perseguido e, mentindo, disserem todo mal contra tal pessoa, por causa do Seu nome, terá grande galardão nos céus. Confessar a Cristo é meio para alcançar salvação e sofrer perseguição, por causa do evangelho, é o que confere tesouro nos céus!

“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” (Mateus 5:11 -12).

Há um alerta no Livro dos Provérbios que, se for obedecido, evita que o cristão tropece, à semelhança do ministro de Laodiceia:

“QUANDO te assentares a comer com um governador, atenta bem para o que é posto diante de ti, E se és homem de grande apetite, põe uma faca à tua garganta. Não cobices as suas iguarias porque são comidas enganosas. Não te fatigues para enriqueceres; e não apliques nisso a tua sabedoria. Porventura fixarás os teus olhos naquilo que não é nada? porque certamente criará asas e voará ao céu como a águia. Não comas o pão daquele que tem o olhar maligno, nem cobices as suas iguarias gostosas. Porque, como imaginou no seu coração, assim é ele. Come e bebe, te disse ele; porém o seu coração não está contigo. Vomitarás o bocado que comeste, e perderás as tuas suaves palavras. Não fales ao ouvido do tolo, porque desprezará a sabedoria das tuas palavras. Não removas os limites antigos nem entres nos campos dos órfãos, porque o seu redentor é poderoso; e pleiteará a causa deles contra ti” (Provérbios 23:1 -11).

É recomendado no livro dos Provérbios atentar para o alimento que é servido, não para a posição da pessoa que se assenta em lugar de destaque. As pessoas se deslumbram com a posição daqueles que estão em destaque, mas, se esquecem de julgar o que eles põem à mesa e servem aos convidados.

O alimento servido não diz de comida, antes de palavras, espírito, pois o que contamina o homem não é o que entra, mas, o que sai.

“Mas, o que sai da boca, procede do coração, e isso contamina o homem”
(Mateus 15:18).

O alimento na Bíblia, dependendo do contexto, é uma figura que remete a uma doutrina e, por isso, deve ser analisada segundo os símiles e parábolas contidas nas Escrituras. As determinações contidas na lei, através de figuras, eram interpretadas de modo literal e não consideravam que: “Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos; Deus, porém, aniquilará tanto um como os outros” (1 Coríntios 6:13).

A figura tornou-se mais importante que a realidade para os judeus, de modo que cuidavam da limpeza de utensílios, mas, o que contaminava era a doutrina (fermento) dos fariseus.

Por causa das prescrições da lei, acerca dos alimentos, os judeus ficavam alertas com o que era posto à mesa e com o lavar dos utensílios e as mãos, porém, quando assentavam com as pessoas de destaque, não atentavam para o que ensinavam. Jesus corrigiu essa distorção, demonstrando que o que sai da boca do homem é o que, realmente, contamina o homem e, nesse quesito, não deveriam confiar no companheiro e nem nos príncipes, em Israel (Miqueias 7:5; Salmo 146:3; Salmo 62:10).

Se alguém é voraz no ‘apetite’, é melhor o suicídio, pois, não analisará o que é dito, e se alimentará das iguarias do governador. A pessoa assentada com alguém de destaque (chefe, governador, grande, líder) se encanta com a posição de quem está à mesa e se esquece de considerar, segundo as Escrituras, que o que procede do coração do ‘governador’ é o que o contamina.

Se alguém não possui domínio próprio e deseja as iguarias deste mundo, jamais fará como Moisés, que desprezou ser chamado de filho da filha de Faraó (Hebreus 11:24).

A ordem é clara: não cobices os seus manjares, pois são alimentos de engano, mentira. É impossível provar através do paladar a comida, em análise, pois, em se tratando de engano, tal alimento é absorvido pelo ouvido e contamina o coração.

O ministro de Laodiceia alcançou a posição de liderança na igreja, por ser um discípulo de Cristo, mas, provavelmente, caiu da graça, por não provar os espíritos (1 João 4:1; Gálatas 5:4). É a típica terra semeada, cuja semente caiu em meio aos espinhos, vez que os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas sufocaram a palavra, tornando-se infrutífera. Se alguém é infrutífero, o veredito está estabelecido: corta e lança no fogo!

“E o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo, e a sedução das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera” (Mateus 13:22);

“Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira” (João 15:2).

O ministro de Laodiceia deixou de ser servo de Cristo e passou a servir a si mesmo, o que é impossível (Mateus 6:24). É tênue a linha entre servir ao Senhor e servir a si mesmo, buscando riquezas, para o seu próprio ventre. Basta fixar os olhos naquilo que não é nada, ou seja, nas coisas que se veem, que deixará de olhar para Cristo e deixará escapar as coisas que não se veem (Hebreus 12:2).

“Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (2 Coríntios 4:18).

O ministro de Laodiceia portou-se como a perdiz, conseqüentemente, chocou ovos que não botou:

“Como a perdiz, que choca ovos que não pôs, assim é aquele que ajunta riquezas, mas não retamente; no meio de seus dias as deixará, e no seu fim será um insensato.” (Jeremias 17:11).

A recomendação é para não comer o pão de quem tem o olhar maligno e nem cobiçar as suas iguarias. O homem maligno é conforme a imaginação do seu próprio coração e, como o coração do homem é maligno, será maligno, continuamente. Se o coração é enganoso, a boca só destilará o engano e maldito será quem sorver as suas iguarias.

“Como o caco de vaso coberto de escórias de prata, assim são os lábios ardentes com o coração maligno” (Provérbios 26:23);

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o

conhecerá?” (Jeremias 17:9).

A má leitura da carta ao ministro de Laodiceia fomenta inúmeros discursos vãos, como: “Deus, que conhece todas as nossas obras, requer de nós uma vida cristã bem definida”; ou: “Deus não quer uma igreja composta de crentes mais ou, menos”; ou, “O cristianismo ficou barato e promocional”, que nada informa ou acrescenta segundo o evangelho.

Enquanto o conteúdo da carta aponta para quem exerce o ministério sem conhecer a palavra da verdade, visto que não maneja bem a palavra da verdade ou, que se obscureceu, seguindo vãs filosofias e discursos vãos, os discursos dos pregadores, em nossos, dias visam somente a membresia das comunidades.

Riquezas apodrecidas

A linguagem da carta de Tiago é a mesma da carta escrita pelo apóstolo João ao anjo de Laodiceia, e o motivo é a nacionalidade, tanto dos remetentes, quanto dos destinatários das cartas. Tiago escreveu a cristãos judeus e o ministro da igreja em Laodiceia era um cristão de origem judaica.

Ao escrever às doze tribos da dispersão, Tiago destaca algumas questões:

1. O homem de coração ‘dobre’ é inconstante em seus caminhos (Tiago 1:8);
2. Questões sociais não são relevantes em Cristo, pois o homem de condição humilde deve gloriar-se da sua posição em Cristo e o rico deve gloriar-se na sua insignificância, porque passará como a flor da erva (Tiago 1:9-10; Ezequiel 21:26);
3. O dever de perseverar crendo em Cristo (Tiago 1:25);
4. Aos que ainda se diziam religiosos, mas, que não possuem domínio sobre a língua, vez que acusam Deus de tentá-lo (Tiago 1:13), em lugar de ouvir, é precipitado a votar (Eclesiastes 5:1) e segue discursos vãos (Tiago 1:22), engana-se a si mesmo, pois, a sua religião é vã (Tiago 1:26);
5. Não podiam fazer acepção de pessoas, desprezando os gentios e acolhendo somente os judeus (Tiago 2:1); o homem maltrapilho ou, o homem com anel, são exemplos para contrapor à recepção dada aos judeus e aos não judeus, nas comunidades de cristãos, entre os judeus;
6. Os ‘ricos’, no contexto, ganha ressignificação e torna-se uma alcunha para

aqueles que mataram o Cristo (Tiago 5:6) e os pobres, por sua vez, os que creram em Cristo, que fossem os cristãos dentre os gentios ou, os cristãos dentre os judeus: “Mas, vós desonrastes o pobre. Porventura, não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais?” (Tiago 2:6; Lucas 6:20-26);

7. Muitos judeus diziam ter fé em Deus, porém, não executaram o mandamento que resulta em Sua obra: crer em Cristo;
8. Muitos cristãos judeus queriam ser mestres, porque possuíam no judaísmo tal posição, porém, ainda tropeçavam na palavra da verdade, o que os tornava inaptos para tal ministério (Tiago 3:2);
9. Todas essas questões fariam com que jorrasse dois tipos de água de uma mesma fonte (Tiago 3:11), de modo que o sábio e entendido deveria ter um bom trato com todos os homens e não um sentimento faccioso, fomentando divisão entre judeus e gentios (Tiago 3:14);
10. Por terem um coração de duplo ânimo, deveriam se purificar, deixando as questões judaizantes para alcançar a verdade em Cristo (Tiago 4:8);
11. Deveriam sentir as suas misérias, lamentar e chorar e não se gloriarem em suas presunções (Tiago 4:16);
12. Através de uma parábola, Tiago descreve a condição dos Judeus que condenaram e mataram o Cristo: “EIA, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas e as vossas vestes estão comidas de traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras e que por vós foi diminuído, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos. Deliciosamente, vivestes sobre a terra e vos deleitastes; cevastes os vossos corações, como num dia de matança. Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu” (Tiago 5:1-6);
13. Ao final da epístola, Tiago complementa: “Irmãos, se algum dentre vós se tem desviado da verdade e alguém o converter, saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador, salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados” (Tiago 5:19-20).

Jesus deu aviso que, se a palavra de Deus é semeada e cai entre espinhos, não dá

fruto com perfeição, ou seja, surge um fruto imperfeito, que é o mesmo que pecar:

“E a que caiu entre espinhos, esses são os que ouviram e, indo por diante, são sufocados com os cuidados e riquezas e deleites da vida, e não dão fruto com perfeição” (Lucas 8:14).

Que relação há entre a figura dos ‘espinhos’ e os ‘cuidados e riquezas da vida’? Ora, o espinho é uma figura utilizada pelo profeta Miqueias para ilustrar os homens que se dizem justos.

“O melhor deles é como um espinho; o mais reto é pior do que a sebe de espinhos; veio o dia dos teus vigias, veio o dia da tua punição; agora será a sua confusão” (Miqueias 7:4);

“E tu, ó filho do homem, não os temas, nem temas as suas palavras; ainda que estejam contigo sarças e espinhos, e tu habites entre escorpiões, não temas as suas palavras, nem te assustes com os seus semblantes, porque são casa rebelde” (Ezequiel 2:6).

O melhor dos homens é comparável a um espinho, mas o mais reto dos homens compara-se a uma sebe de espinhos. O que isso significa? Que há homens que se consideram justos aos seus próprios olhos, mas, que diante de Deus, são como ‘espinhos’. Acerca desses homens, Jesus contou uma parábola, a do escriba e do fariseu:

“E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros” (Lucas 18:9; Lucas 7:30).

Ora, semear o evangelho em meio aos religiosos judeus, homens justos aos seus próprios olhos, faz com que o convertido a Cristo não dê fruto com perfeição. Semear entre os judeus e/ou judaizantes é o mesmo que semear entre ‘espinhos’.

Sobre esse aspecto, já havia alertado o profeta Jeremias: Não semeiem entre espinhos!

“SE voltares, ó Israel, diz o SENHOR, volta para mim; e se tirares as tuas abominações de diante de mim, não andarás mais vagueando, E jurarás: Vive o SENHOR na verdade, no juízo e na justiça; e nele se bendirão as nações, e nele se gloriarão. Porque assim diz o SENHOR aos homens de Judá e a Jerusalém: Preparai para vós o campo de lavoura, e não semeieis entre

espinhos. Circuncidai-vos ao SENHOR, e tirai os prepúcios do vosso coração, ó homens de Judá e habitantes de Jerusalém, para que o meu furor não venha a sair como fogo, e arda de modo que não haja quem o apague, por causa da malícia das vossas obras” (Jeremias 4:1 -4).

Os falsos ‘justos’ em Israel, quando percebiam que a semente lançada estava germinando no coração de alguém, desviavam a atenção do convertido a Cristo para os cuidados deste mundo, que ao ser seduzido pelas riquezas, sufocava a palavra e tornava-se infrutífero (Mateus 13:22). Se a vara fica infrutífera é arrancada e lançada no fogo (João 15:2).

Ora, a parábola trabalha com figuras, de modo que os ‘cuidados deste mundo’ e a ‘sedução das riquezas’ não significa que as pessoas se perdem porque cuidam dos seus afazeres diários, antes, que os seduzidos pela religiosidade dos judaizantes (riqueza) passam a cuidar de dias de festas, luas novas, sábados, ordenanças, etc. (Colossenses 2:16-23).

Quando escreveu aos cristãos da cidade de Colossos, vemos a preocupação do apóstolo Paulo com os cristãos de Colossos e de Laodiceia (Colossenses 2:1), pois o apóstolo não teve um contato pessoal com eles. O contato só foi por cartas e por intermédio de Epafras.

O apóstolo Paulo elogia o líder da igreja local, Epafras, demonstrando que ambos eram servos de Cristo e que, com relação aos cristãos de Colossos, Epafras era um fiel ministro de Cristo (Colossenses 1:7). Ao que parece, Epafras cuidava de três comunidades: Colossos, Laodiceia e Hierápolis (Colossenses 4:13).

É significativo o fato de o apóstolo Paulo lembrar que, em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência, de modo que quem está em Cristo é enriquecido com a plenitude da inteligência (Colossenses 2:2-3) e, em seguida, alertar para que ninguém se deixasse levar por palavras persuasivas (Colossenses 2:4).

Perigos mil rondavam os cristãos de Colossos, portanto, rondavam, também, os de Laodiceia. Que tipo de perigo? Filosofias e vãs sutilizas, decorrentes da tradição dos homens, com base nos princípios do mundo (Colossenses 2:8 e 22).

Ora, inicialmente o ministro da igreja de Laodiceia foi comissionado como líder daquela igreja por professar o evangelho de Cristo, porém, com o passar do

tempo, é bem provável que se deixou seduzir pelas concupiscências loucas e nocivas e acabou submergindo na ruína e na perdição.

Acerca dos que caem em ruína, disse o apóstolo Paulo:

“Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas” (Filipenses 3:18 -19).

O alerta que foi dado a Arquipo, talvez, não tenha sido levado com seriedade pelo anjo de Laodiceia, visto que a carta endereçada aos Colossenses foi lida entre os de Laodiceia e Filipos.

“E disse a Arquipo: Atenta para o ministério que recebeste no Senhor, para que o cumpras” (Colossenses 4:17).

Ao escrever aos de Filipos, o apóstolo Paulo indica o perigo que os rondava: a doutrina dos judaizantes, através de figuras contidas nos profetas:

“Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão” (Filipenses 3:2).

Quem são os ‘cães’? O termo empregado pelo apóstolo dos gentios não era um xingamento, antes, um termo empregado pelo profeta Isaías:

“Todos os seus atalaias são cegos, nada sabem; todos são cães mudos, não podem ladrar; andam adormecidos, estão deitados, e gostam do sono. E estes cães são gulosos, não se podem faltar; e eles são pastores que nada compreendem; todos eles se tornam para o seu caminho, cada um para a sua ganância, cada um por sua parte” (Isaías 56:10 -11; Salmo 58:4 -5).

Os vigias de Israel não passavam de homens cegos, pois nada sabiam. Uma testemunha em Israel só podia testemunhar do que viu e ouviu e, como os ‘vigias’ nada sabiam, por certo eram cegos, ou seja, não eram testemunhas de Deus.

“Por boca de duas testemunhas, ou três testemunhas, será morto o que houver de morrer; por boca de uma só testemunha não morrerá” (Deuteronômio 17:6).

Além de cegos, eram mudos, portanto, cães que não latiam, ou seja, que não davam o aviso diante do perigo. A figura não ilustra tão somente isso, mas, indica que os líderes de Israel eram cães gulosos, ou seja, que não se fartavam. Em seguida é apontado quem são os cães: os pastores, que nada compreendem, pois, cada qual segue o seu próprio caminho, ou seja, serve à sua própria ganância e não segue o caminho da paz.

Era imprescindível que a igreja se guardasse dos falsos pastores, que nada compreendiam, dos maus obreiros e dos da circuncisão ou, seja, dos judaizantes.

Ouro provado, roupas brancas e colírio

“Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas, não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas” (Apocalipse 3:18).

O aconselhamento que consta do Apocalipse, também, consta dos profetas, como se lê:

“Ó VÓS, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde, comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão? E o produto do vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer? Ouvi-me atentamente, e comei o que é bom, e a vossa alma se deleite com a gordura” (Isaías 55:2).

Aos que tem ‘fome’ e ‘sede’ e não tem recursos para saciar a sua fome e a sua sede, é feito um convite solene: ‘Vinde às águas, vinde, comprai sem dinheiro e sem preço!’ Mas, apesar do convite, muitos em Israel gastavam o ganho com o seu trabalho, com o que não era pão.

Ora, é evidente que as figuras ‘fome’, ‘sede’, ‘pão’ e ‘trabalho’, não se referem ao processo de produção, comércio e alimentação cotidiano, pois, Cristo se apresenta como o pão que satisfaz a necessidade do homem.

Os filhos de Israel ‘trabalhavam’, arduamente, a serviço deles mesmos, quando seguiam mandamentos de homens, a serviço de seus próprios ventres, por isso, a

ilustração: gastais com o que não podia satisfazer.

“E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza.” (Ezequiel 33:31).

Ser tão somente ouvinte da palavra é um trabalho que não pode satisfazer (Romanos 2:13; Tiago 1:22), mas, por obra, o mandamento de Deus é atender o convite para comer sem dinheiro e sem preço o que é ofertado, gratuitamente, por Deus.

Logo após a multiplicação dos pães, uma multidão seguiu a Jesus para o outro lado do rio. Quando Jesus se deparou com a multidão, disse:

“Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou” (João 6:27).

Jesus viu o esforço que aquelas pessoas fizeram para alcançá-Lo, porém, o interesse deles era escuso: o pão cotidiano, o pão que perece. Por terem comido pão a sobejar, os filhos de Israel acreditaram que Jesus era o profeta que deveria vir ao mundo e quiseram fazê-Lo rei (João 6:14).

Mas, esse não era o foco do ministério de Cristo: ser rei neste mundo. Jesus, também, não queria ser reconhecido como profeta, antes, queria que o reconhecessem, segundo o testemunho de Deus, contido nas Escrituras: o messias prometido, o Filho de Deus, o Filho de Davi.

“E aconteceu que, estando ele só, orando, estavam com ele os discípulos; e perguntou-lhes, dizendo: Quem diz a multidão que eu sou? E, respondendo eles, disseram: João o Batista; outros, Elias, e outros que um dos antigos profetas ressuscitou. E disse-lhes: E vós, quem dizeis que eu sou? E, respondendo Pedro, disse: O Cristo de Deus” (Lucas 9:18 -20).

A coroação de Cristo, como rei, foi estabelecida por decreto divino (Salmo 2:6-7) e não seriam os homens que haveriam de entronizá-Lo. Cristo deveria resignar-se a esperar o tempo estabelecido pelo Pai (Salmo 110:1), portanto, a proposta dos filhos de Israel era escusa e por isso Jesus se retirou do meio deles.

As pessoas reconheciam Cristo como profeta, porém, negavam o testemunho que Deus deu acerca do seu Filho, que constava das Escrituras. Nenhum deles havia aprendido de Deus, conforme predisseram os profetas:

“Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim” (João 6:45);

“Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão? Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou. Então pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou” (João 8:57 -59).

Bastava ouvirem, atentamente, ao Senhor Jesus, que comeriam o que era bom, pois a alma que obedece ao Senhor se deleita com o melhor. Mas, para alcançar do Senhor o que é bom, os judeus precisavam deixar os seus maus caminhos e maus pensamentos e se converterem ao Senhor.

“Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao SENHOR, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar” (Isaías 52:7).

Mas, não ocorreu conforme a ordem de Deus, antes, os filhos de Israel confiavam em suas próprias ‘riquezas’, como: descendência da carne de Abraão, circuncisão, sacrifícios, genealogias, mandamentos de homens, etc. Daí o alerta de Jesus:

“E os discípulos se admiraram destas suas palavras; mas Jesus, tornando a falar, disse-lhes: Filhos, quão difícil é, para os que confiam nas riquezas, entrar no reino de Deus!” (Marcos 10:24).

Ao instruir os judeus acerca das suas riquezas, Jesus disse:

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas, ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mateus 6:19 -21).

A riqueza do povo de Israel estava na nacionalidade, que tanto prezava, no sangue herdado de Abraão e na ordenança da circuncisão. Mas, para adquirir

tesouro nos céus, primeiro é necessário ao homem vender (abrir mão, dispor) tudo o que tem.

“Também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo” (Mateus 13:44);

“Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me” (Mateus 19:21).

Ora, o apóstolo Paulo deu testemunho que desprezou tudo o que tinha para poder ganhar a Cristo:

“E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como escória, para que possa ganhar a Cristo” (Filipenses 3:8).

De quais coisas o apóstolo Paulo se desfez? Ele havia elencado, anteriormente:

“Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo” (Filipenses 3:5 -7).

Observe que é imprescindível ao homem abrir mão do que possui, para poder ganhar a Cristo. O apóstolo Paulo possuía uma justiça própria, segundo a lei, e sem abrir mão da justiça própria, jamais teria a justiça, que vem de Deus, por meio de Cristo Jesus.

“E seja achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé” (Filipenses 3:9).

A tradição recebida dos pais era uma riqueza que os judeus deveriam abrir mão para ganhar a Cristo.

“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais” (1 Pedro 1:18).

Quando Jesus convocou os discípulos, logo após a pesca maravilhosa, eles abandonaram o barco, as redes e a grande quantidade de peixes, para seguir a Cristo (Lucas 5:11).

Como adquirir de Deus ouro refinado, para ser rico para com Deus? Ora, o apóstolo Pedro diz que a prova da fé é muito mais preciosa do que o ouro provado pelo fogo.

“Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo” (1 Pedro 1:7).

Tendo Cristo, a ‘fé’ manifesta, que trouxe salvação a todos os homens, o homem torna-se rico para com Deus, pois é coerdeiro com Cristo, de todas as coisas.

“E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e coerdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados” (Romanos 8:17; Gálatas 3:23).

Quem tem a Cristo como Senhor, o coração não repousa nas coisas deste mundo, visto que já ressuscitou com Cristo e pensa nas coisas que são de cima (Colossenses 3:1).

A confissão do líder da igreja de Laodiceia demonstra que ele naufragou da fé (1 Timóteo 1:19), em decorrência da sua cobiça (1 Timóteo 6:10). Há os que se desviam da fé por cobiçar bens materiais, por pensar que o evangelho é fonte de lucro (1 Timóteo 6:9; Mateus 13:22), e outros até por cobiçarem algo bom: o episcopado. Mas, se não estiver alicerçado no fundamento, que é Cristo, e não souber manejar bem a palavra da verdade (2 Timóteo 2:17-19), correm o risco de cair no engano do diabo (1 Timóteo 3:6).

O apóstolo Paulo deixou registrado que, de tudo o que consta do Antigo Testamento, fica o alerta para que os cristãos não cobicem as coisas más, como os filhos de Israel.

“E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram” (1 Coríntios 10:6).

O apóstolo dos gentios exortou e deu exemplo, em tudo:

“E todo aquele que luta de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, uma incorruptível. Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar. Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado” (1 Coríntios 9:25 -27).

É equivocada a interpretação que aponta as ‘vestes brancas’, recomendadas por Cristo, como sendo decorrente de questões comportamentais, como caráter, moral, leis, etc.

‘Vestes brancas’ é figura que remete à ideia de justiça, proveniente de Deus. Quando o pecado do homem é coberto (Salmo 32:1), segue-se que tal pessoa, simbolicamente, recebe de Deus uma indumentária, que reflete a nova condição de quem foi justificado.

“Então respondeu, aos que estavam diante dele, dizendo: Tirai-lhe estas vestes sujas. E a Josué disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestes finas” (Zacarias 3:4).

Se for justiça própria, a veste do homem é comparável a trapos de imundície, como os utilizados na antiguidade para cobrir os ferimentos ou, para estancar o fluxo menstrual, mas, se forem as vestes fornecidas por Deus, são vestes finas, vestes de louvor.

“A ordenar acerca dos tristes de Sião que se lhes dê glória em vez de cinza, óleo de gozo em vez de tristeza, vestes de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantações do SENHOR, para que ele seja glorificado” (Isaías 61:3).

A justiça própria é comparável a teias de aranha, pois decorre de mandamentos de homens e não serve para o homem se cobrir diante de Deus.

“Chocam ovos de basilisco, e tecem teias de aranha; o que comer dos ovos deles, morrerá; e, quebrando-os, sairá uma víbora. As suas teias não prestam para vestes nem se poderão cobrir com as suas obras; as suas obras são obras de iniquidade, e obra de violência há nas suas mãos” (Isaías 59:5 -6).

O ‘colírio’ que abre os olhos é o mesmo que ‘circuncidar o coração’ endurecido, ou seja, é ouvir e atender à Palavra do Senhor.

“Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos; para que não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e eu os cure” (Mateus 13:15).

Todos os homens, por serem descendentes de Adão, desviaram-se de Deus, desde o nascimento, e andam errados, desde que nascem e por isso são mentirosos (Salmo 58:3; Romanos 3:4), portanto, seguir uma concepção própria, acerca de como se salvar, é ser cego.

“Por isso o juízo está longe de nós, e a justiça não nos alcança; esperamos pela luz, e eis que só há trevas; pelo resplendor, mas andamos em escuridão. Apalpamos as paredes como cegos, e como os que não têm olhos andamos apalpando; tropeçamos ao meio-dia como nas trevas, e nos lugares escuros como mortos (...) Como o prevaricar, e mentir contra o SENHOR, e o desviarmo-nos do nosso Deus, o falar de opressão e rebelião, o conceber e proferir do coração palavras de falsidade” (Isaías 59:9 -10 e 13).

Aquele que crê em Cristo fez uso do colírio para ver o invisível, pois tem a mesma fé que o crente Moisés, que teve por maiores riquezas o vitupério de Cristo, do que os tesouros do Egito.

“Pela fé deixou o Egito, não temendo a ira do rei; porque ficou firme, como vendo o invisível” (Hebreus 11:27; 2 Coríntios 4:18).

Como o anjo de Laodiceia não sabia que era desgraçado, miserável, pobre, cego e nu, o verso 18 de Apocalipse 3 é uma exortação para que ele reconhecesse a sua real condição e mudasse de concepção (arrependimento).

Enriquecidos n'Ele

A riqueza do cristão está em Cristo, a palavra e o conhecimento de Deus (1 Coríntios 1:5) e, quanto mais sofrer perseguições e injúrias, por causa do evangelho, maior será a recompensa nos céus (Mateus 5:11-12). Sem a revelação de Deus contida nas Escrituras, o homem não passa de miserável, pobre, cego e nu.

“Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.”
(Colossenses 2:3).

Ao ouvir a palavra da verdade e crer, o crente recebeu de Deus poder para ser feito filho de Deus (João 1:12). Para ser feito filho de Deus, o homem precisa morrer com Cristo e, então, ressurgirá dentre os mortos uma nova criatura. O fato de ser uma nova criatura é o que caracteriza o cristão, como ‘unido’ a Cristo.

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Coríntios 5:17).

‘Estar em Cristo’ é ‘ser uma nova criatura’. ‘Estar em Cristo’ é ter comunhão íntima, pois, é participante do corpo de Cristo. Quando o apóstolo Paulo diz: “Porque em tudo fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento” (1 Coríntios 1:5), demonstra que, em Cristo o homem é enriquecido.

A plenitude da inteligência, com relação ao mistério de Deus, é o que torna o homem rico para com Deus.

“Para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em amor, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus e Pai, e de Cristo” (Colossenses 2:2).

O anjo de Laodiceia já não dispunha do discernimento necessário para perceber o seu real estado: desgraçado, miserável, pobre, cego e nu!

“Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu” (Apocalipse 3:17).

Só é possível discernir (οἶδα), quando se tem o conhecimento necessário. Ora, quando está em Cristo, o cristão possui abundância de fé, palavra, ciência e zelo (diligência), pois, a graça é abundante, sabendo que Cristo se fez pobre para que n’Ele, o crente esteja enriquecido (2 Coríntios 8:9).

O serviço do ministro de Laodiceia era inócuo, pois, recebeu a palavra de Deus em vão (2 Coríntios 5:1). Só é possível enriquecer os que estão sob o seu cuidado, quando se está na palavra da verdade, ou seja, no evangelho (poder de Deus) (2 Coríntios 5:7 e 10).

O obreiro deve ser zeloso do que é honesto: não só para com Deus, mas, também, para com o que é concernente aos homens (2 Coríntios 8:21). O honesto para com Deus é crer em Cristo, conforme as Escrituras, e o honesto para com os homens é portar-se de modo digno: não dando escândalo a judeus, nem a gregos e nem à igreja de Deus (1 Coríntios 10:32; 2 Coríntios 6:3).

Há dois tipos de escândalo:

1) aquele que atenta contra a verdade do evangelho. Esse tipo de escândalo é produzido por homens levianos, que introduzem, encobertamente, heresias de perdição, através de palavras e lisonjas.

2) os decorrentes de questões comportamentais, pois a liberdade de quem está em Cristo, pode ser censurada pelos fracos (1 Coríntios 8:9). Nesse sentido, o crente em Cristo deve ter o cuidado de não destruir o seu irmão em Cristo, por questões vãs (Romanos 14:20).

“E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles. Porque os tais não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre; e com suaves palavras e lisonjas enganam os corações dos simples” (Romanos 16:17 -18).

Amor

“Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê, pois, zeloso e arrepende-te”
(Apocalipse 3:19).

O alerta final ao anjo da igreja, demonstra o cuidado de Deus para com os que creram em Cristo, para que não se desviem, conforme exortou o escritor aos Hebreus:

“E já vos esquecestes da exortação que vos admoesta como filhos: Filho meu, não desprezes a correção do Senhor, nem te desanimes quando por ele és repreendido; pois o Senhor corrige ao que ama, e açoita a todo o que recebe por filho. É para disciplina que sofreis; Deus vos trata como a filhos; pois qual é o filho a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos se têm tornado participantes, sois então bastardos, e não filhos” (Hebreus

12:5 -8).

A todos quanto Deus ama, Ele repreende, ou seja, reitera o seu mandamento, pois no mandamento de Deus está o seu cuidado (amor) para com o homem.

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3; 2 João 1:6).

O escritor aos Hebreus fez esse alerta à igreja, já no Apocalipse, o alerta é dado ao anjo da igreja.

O escritor aos Hebreus buscou a base da exortação, que fez à igreja, no Livro dos Provérbios:

“Filho meu, não rejeites a correção do SENHOR, nem te enojas da sua repreensão. Porque o SENHOR repreende aquele a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem” (Provérbios 3:11 -12).

Ora, Deus quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade (1 Timóteo 2:4), de modo que Ele, em sua infinita misericórdia, deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que n’Ele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna (João 3:16). O amor de Deus está implícito no ato de conceder o Seu Filho, e está explícito no mandamento: que creiam naquele que Ele enviou, pois Cristo é a benignidade e o amor de Deus manifesto aos homens.

“Mas quando apareceu a benignidade e amor de Deus, nosso Salvador, para com os homens” (Tito 3:4).

Tudo o que está registrado nas Escrituras, com relação ao povo de Israel, nos serve de exemplo, uma vez que foram castigados inúmeras vezes por Deus por serem desobedientes.

“Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos” (1 Coríntios 10:11);

“A tua malícia te castigará, e as tuas apostasias te repreenderão; sabe, pois, e vê, que mal e quão amargo é deixares ao SENHOR teu Deus, e não teres em ti o meu temor, diz o Senhor DEUS dos Exércitos” (Jeremias 2:19);

“Não obedeceu à sua voz, não aceitou o castigo; não confiou no SENHOR;

nem se aproximou do seu Deus” (Sofonias 3:2).

Mas, porque os castigos aplicados aos filhos de Israel foram postos por figuras para os que creem em Cristo? A resposta está neste Provérbio:

“Quando o escarnecedor é castigado, o simples torna-se sábio; e o sábio quando é instruído recebe o conhecimento” (Provérbios 21:11).

Os líderes do povo de Israel são como o ‘escarnecedor’ que foi castigado e os que creem em Cristo são os ‘simples’, que se tornaram sábios. O sábio, por sua vez, é receptivo ao conhecimento de Deus, diferente do escarnecedor, que não considera o mandamento de Deus.

“Ouvi, pois, a palavra do SENHOR, homens escarnecedores, que dominais este povo que está em Jerusalém” (Isaías 28:14);

“O escarnecedor busca sabedoria e não acha nenhuma, para o prudente, porém, o conhecimento é fácil” (Provérbios 14:6).

Sê zeloso

Caso o ministro de Laodiceia mudasse de concepção (arrepende-se), em função da exortação, que fosse zeloso de si mesmo e da doutrina, conseqüentemente, seria zeloso da igreja de Deus.

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.” (1 Timóteo 4:16).

O apóstolo Paulo é um exemplo de zelo:

“Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo” (2 Coríntios 11:2).

O zelo do apóstolo Paulo se verifica na repreensão que fez ao apóstolo Pedro, visto que, diante de uma atitude escusa do apóstolo Pedro, com relação à verdade do evangelho, que comia com os gentios, mas, quando viu chegarem alguns

judeus da parte de Tiago, se apartou dos gentios, com receio do judeus (Gálatas 2:12), defendeu a essência do evangelho: em Cristo não já judeu e nem grego.

Não se submeter aos falsos irmãos, que se intrometem para espreitar a liberdade cristã, é ser zeloso, pois, se o crente fraquejar nesse embate, comprometerá a verdade do evangelho (Gálatas 2:4-5).

O zeloso em todo o tempo, está atento para angariar pessoas para o reino de Deus (1 Coríntios 9:20-21). Se for para ganhar um judeu, que se faça como judeu. Se for para ganhar um gentio, que se faça como gentio. Mas, tudo deve ser feito por causa do evangelho, não por vangloria ou, por contenda (1 Coríntios 9:23).

O zelo com a doutrina é a base para que, pregando aos outros, de algum modo não seja reprovado diante de Deus.

“Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado” (1 Coríntios 9:27).

Arrepende-te

A ordem para arrepender-se não diz de penitências, prolongadas orações, jejuns, sacrifícios, etc., isso porque alguns pensam que a condição de ‘morno’ é pertinente a cristãos não dados a tais práticas.

Arrepender-se é mudança de concepção, do grego ‘metanoia’, ou seja, deve-se abandonar o conceito de que ‘é rico’, ‘de que nada tem falta’ e adquirir ouro provado no fogo, vestes brancas e colírio para ver (Apocalipse 3:17-18).

O arrependimento não tem em vista questões de ordem moral, comportamental ou legal, antes, está relacionado com a doutrina do evangelho, se o homem é obediente ou, não.

Apelo

“Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta,

entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.” (Apocalipse 3:20).

Após repreender o anjo da igreja de Laodiceia, Jesus demonstra que a repreensão e o castigo não são uma imposição, antes, um apelo à volição do ministro de Laodiceia.

O ministro de Laodiceia foi avisado, portanto, restava a ele atender, como diz o provérbio:

“O avisado vê o mal e esconde-se; mas os simples passam e sofrem a pena.”
(Provérbios 27:12).

Onde o espírito de Deus está, aí há liberdade (2 Coríntios 3:17), portanto, a repreensão é Cristo à porta chamando. Se o ministro de Laodiceia se arrependesse, ou seja, dando ouvidos (obedecendo) à voz de Cristo, certamente que o ministro de Laodiceia teria plena comunhão (cear) com Cristo.

Com Cristo não há graça irresistível, como se, ante o apelo do mestre à porta, o indivíduo não consiga resistir. A questão é condicional (se alguém ouvir e abrir a porta) e não impositiva (entrarei e cearei, mesmo que o indivíduo resista).

“Mas, como alguns deles se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho perante a multidão, retirou-se deles, e separou os discípulos, disputando todos os dias na escola de um certo Tirano.” (Atos 19:9);

“Não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto.” (Hebreus 3:8);

“Determina outra vez um certo dia, hoje, dizendo por Davi, muito tempo depois, como está dito: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações.” (Hebreus 4:7).

A figura utilizada por Jesus, para retratar o seu apelo ao anjo de Laodiceia, era muito conhecida à época, pois, ninguém devia se escusar de atender a porta, vez que era imprescindível aos viajantes, que lhes dessem guarida.

Qualquer que ouvir a voz de Cristo e obedecê-lo, gozará de plena comunhão: Cristo não se envergonhará de chamá-lo de irmão (Hebreus 2:11).

“De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós

rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus.”
(2 Coríntios 5:20).

Conclusão

A carta ao anjo de Laodiceia é a sétima carta pastoral redigida pelo evangelista João, cujo autor é Cristo, endereçada ao ministro de uma comunidade cristã do primeiro século.

A observação que foi feita contrasta com o que foi dito ao anjo da igreja que estava em Esmirna, o que evidencia tudo o que foi discorrido, acerca do anjo de Laodiceia, que foi nomeado ‘morno’.

O ministro de Esmirna foi declarado rico para com Deus, no entanto, sofria a oposição dos judaizantes, diferentemente, do anjo de Laodiceia, que se julgava rico, mas, era pobre para com Deus.

“Conheço as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de Satanás.”
(Apocalipse 2:9).

Como a circuncisão para Deus é a do coração e não a circuncisão do prepúcio da carne, o anjo de Esmirna recebeu o louvor de Cristo (Romanos 2:28-29), portanto, foi um bem-aventurado (Mateus 5:3). Da mesma forma, Cristo conhecia a blasfêmia dos que se auto intitulavam judeus, o que demonstra que o ministro de Esmirna não se locupletava dos preceitos de homens, para não sofrer perseguições dos seus concidadãos.

O ministro de Laodiceia, por sua vez, foi declarado ‘morno’, por se achar rico, abastado, vez que não se opunha à doutrina dos judaizantes, que se infiltrou em meio aos cristãos daquela comunidade, para não sofrer os revezes de ser perseguido.

O anjo de Laodiceia adotou um posicionamento de neutralidade diante da oposição ‘espírito’ e ‘carne’, ou seja, entre evangelho e mandamentos de homens, de modo a ter apoio tanto daqueles que queriam seguir o evangelho de Cristo, quanto dos que queriam seguir mandamentos de homens.

Desse substrato de letargia emerge a confissão do mensageiro de Laodiceia: ‘rico sou e estou enriquecido’ e de nada tenho falta, esquecendo-se da exortação: que comunhão tem a luz com as trevas (2 Co 6:14-16), ou, de que ninguém pode servir a dois senhores (Mateus 6:24).

O apóstolo Paulo não alinhavou aliança com o judaísmo, porque temos a seguinte declaração:

“Como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo, e possuindo tudo.” (2 Coríntios 6:10).

A oposição dos judaizantes era constante:

“Porque, mesmo quando chegamos à Macedônia, a nossa carne não teve repouso algum; antes em tudo fomos atribulados: por fora combates, temores por dentro.” (2 Coríntios 7:5).

O anjo de Laodiceia se fez amigo do mundo, portanto, tornou-se inimigo de Deus (Tiago 4:4) e a única saída era abandonar a duplicidade de pensamento (Tiago 4:8), reconhecendo a atual condição miserável, lamentar e chorar (Tiago 4:9), para então ser consolado por Deus (Mateus 5:4).

Se continuasse seguindo tal pensamento, o anjo de Laodiceia teria o seu candeeiro removido, como foi alertado o anjo de Éfeso (Apocalipse 2:5) e declarado morto, como o anjo de Sardes (Apocalipse 3:1).

Correção Ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] “746 αρχη arché de 756; TDNT - 1:479,81; n f 1) começo, origem 2) a pessoa ou coisa que começa, a primeira pessoa ou coisa numa série, o líder 3) aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa 4) a extremidade de uma coisa 4a) das extremidades de um navio 5) o primeiro lugar, principado, reinado, magistrado 5a) de anjos e demônios” Dicionário bíblico Strong.

Isaías 59 - As transgressões dos filhos de Israel

O capítulo 59 de Isaías aplica-se aos filhos de Israel, e não a igreja.

As transgressões dos filhos de Israel

“... os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça.”

(Isaías 59:2).

Introdução

Neste capítulo o profeta Isaías denuncia as transgressões dos filhos de Israel, e para isso, utiliza diversas figuras.

Para compreender as figuras e, conseqüentemente, a mensagem, será necessário analisar outras passagens bíblicas e compará-las.

Apesar da religiosidade dos filhos de Israel, o capítulo 59 do Livro de Isaías destaca a apostasia da nação, e por fim, o profeta apresenta uma promessa de redenção.

Mãos estendidas para salvar

“EIS que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem agravado o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça.” (Isaías 59:1 -2).

Deus escolheu os filhos de Israel como seu povo dentre todas as nações que havia

sobre a terra, isso em função da promessa feita aos pais (Deuteronômio 7:7 -8).

Por causa da promessa feita a Abraão (Gênesis 15:13 -16), Deus resgatou os filhos de Israel do Egito com mão poderosa (Êxodo 6:1), e fez o seu nome conhecido em toda terra (Êxodo 9:16).

Como Deus é imutável, desde que os filhos de Israel foram resgatados da servidão, a mão de Deus continuou estendida para salvar. Mas, por que se fez necessário o profeta Isaías enfatizar que as mãos de Deus não estavam encolhidas? E nem agravado os seus ouvidos? (v. 1). Porque os filhos de Israel não estavam invocando a Deus!

“Não terão conhecimento os que praticam a iniquidade, os quais comem o meu povo, como se comessem pão, e não invocam ao SENHOR?” (Salmos 14:4).

O que foi dito por Moisés se confirmou: os filhos de Israel não tinha conhecimento (Deuteronômio 32:28), e não invocavam a Deus (Salmo 53:4).

Ora, o Senhor é rico para com todos os que O invocam (Salmo 86:5; Romanos 10:12), desde que O invoquem em verdade (Salmo 145:18). Se os ouvidos de Deus não estão agravados, o problema está em quem invoca.

“Contudo tu não me invocaste a mim, ó Jacó, mas te cansaste de mim, ó Israel.” (Isaías 43:22).

Por causa da relutância dos filhos de Israel em invocar ao Senhor, o resultado se viu na deportação para a Babilônia.

“Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos.” (Jeremias 8:20).

As transgressões dos filhos de Israel era uma barreira que não permitia terem comunhão com Deus. O resplendor do rosto do Senhor é misericórdia, mas os pecados dos filhos de Israel faziam com que Deus escondesse o seu rosto, e assim não eram atendidos (v. 2).

“O SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti;” (Números 6:25);

“E disse: Esconderei o meu rosto deles, verei qual será o seu fim; porque são

geração perversa, filhos em quem não há lealdade.” (Deuteronômio 32:20).

Violência e falsidade

“Porque as vossas mãos estão contaminadas de sangue, e os vossos dedos de iniquidade; os vossos lábios falam falsidade, a vossa língua pronuncia perversidade. Ninguém há que clame pela justiça, nem ninguém que compareça em juízo pela verdade; confiam na vaidade, e falam mentiras; concebem o mal, e dão à luz a iniquidade. Chocam ovos de basilisco, e tecem teias de aranha; o que comer dos ovos deles, morrerá; e, quebrando-os, sairá uma víbora.” (Isaías 59:3

-5)

Qual o significado de ter as mãos manchadas de sangue? Deus estava acusando-os de homicidas? Não!

As ‘mãos contaminadas de sangue’ é uma figura que se refere aos sacrifícios que continuamente os filhos de Israel traziam. Para compreender essa figura, se faz necessário recordar o primeiro capítulo do Livro de Isaías, quando Deus abertamente diz que de nada serve a multidão dos sacrifícios, e que já estava farto dos holocaustos e nem se agradava do sangue de bezerras (Isaías 1:11).

As ofertas eram vãs, o incenso, as luas novas, os sábados e a convocação das assembleias eram abominação (Isaías 1:12), bem como as luas novas e as solenidades Deus as odiava (Isaías 1:14), de modo que quando estendiam as mãos pedindo socorro, Deus escondia o seu rosto. Quando oravam, Deus não ouvia, pois as mãos deles estavam contaminadas de sangue.

“Por isso, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue.” (Isaías 1:15)

O problema não estava nas mãos de Deus e nem em seus ouvidos (Isaías 59:1), e sim, nas mãos de quem esperava ser atendido por Deus. Com base no verso 15, do capítulo 1, do Livro de Isaías, bem como o contexto, certo é que as ‘mãos manchadas de sangue’ referem-se aos sacrifícios.

Observe o que Deus diz acerca dos sacrifícios:

“Quanto aos sacrifícios das minhas ofertas, sacrificam carne, e a comem, mas o SENHOR não as aceita; agora se lembrará da sua iniquidade, e punirá os seus pecados; eles voltarão para o Egito.” (Oseias 8:13);

“Porque nunca falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios.” (Jeremias 7:22);

“Para que, pois, me vem o incenso de Sabá e a melhor cana aromática de terras remotas? Vossos holocaustos não me agradam, nem me são suaves os vossos sacrifícios.” (Jeremias 6:20);

“De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o SENHOR? Já estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados; nem me agrado de sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes.” (Isaías 1:11);

“Porém Samuel disse: Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do SENHOR? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros.” (1 Samuel 15:22).

Através do profeta Isaías, Deus compara quem sacrifica um boi a quem mata um homem, ou quem sacrifica um cordeiro como quem degola um cão. Quem oferece uma oblação a quem oferece sangue de porco, e quem queima incenso a quem bendiz um ídolo, o que demonstra a iniquidade nos dedos dos filhos de Israel.

“Quem mata um boi é como o que tira a vida a um homem; quem sacrifica um cordeiro é como o que degola um cão; quem oferece uma oblação é como o que oferece sangue de porco; quem queima incenso em memorial é como o que bendiz a um ídolo; também estes escolhem os seus próprios caminhos, e a sua alma se deleita nas suas abominações.” (Isaías 66:3).

Como Deus nunca ordenou nada acerca de sacrifícios, antes regulamentou como deveriam ser oferecidos caso alguém desejasse (Levítico 1:2), certo é que os filhos de Israel preferiam oferecer sacrifícios a obedecer a Deus, ou seja, seguiam os seus corações enganosos.

Como era possível aos filhos de Israel falar falsidade e perversidade, se tinha a lei

à disposição?

Ora, a boca fala o que há em abundância no coração (Mateus 12:34), e ser circuncidado na carne, no prepúcio, não muda o coração de ninguém. Para falarem a verdade, os filhos de Israel deveriam ser circuncidados por Deus, pois Deus circuncida o coração, de modo que o velho homem morre e é criado um novo homem (Deuteronômio 10:16).

Quando há a circuncisão do coração, o coração velho é lançado fora, bem como toda a carne, e Deus dá um novo coração e um novo espírito (Ezequiel 36:25 -27; Ezequiel 18:31). Com um coração novo, o homem se torna bom, o que torna possível ao homem bom do bom tesouro do seu coração falar coisas boas: a verdade.

“O homem bom tira boas coisas do bom tesouro do seu coração, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más.” (Mateus 12:35).

Mas, como os filhos de Israel poderiam falar a verdade, se permaneciam com o mesmo coração que vieram ao mundo?

“Alienam-se os ímpios desde a madre; andam errados desde que nasceram, falando mentiras.” (Salmo 58:3).

O Salmo 12 descreve uma realidade funesta: faltava homens bons, bem nascidos, nobres (Salmo 12:1). Em lugar de falar a verdade ao seu próximo, os homens falavam a falsidade, com lisonjas e coração dobre. Por toda parte havia ímpios, isto porque os mais vis, ou seja, baixo, inferior, ralé (Salmo 12:8), eram exaltados.

Só é bem nascido aquele que é nascido da semente incorruptível, que é a palavra de Deus, pois todos os nascidos segundo a carne e o sangue são vis, maus (João 1:12 -13).

Não havia em Israel quem clamasse pela justiça? Ninguém que defendesse a verdade?

O profeta Jeremias deixa claro que não:

“DAI voltas às ruas de Jerusalém, e vede agora; e informai-vos, e buscai pelas suas praças, a ver se achais alguém, ou se há homem que pratique a justiça ou busque a verdade; e eu lhe perdoarei a esta cidade.” (Jeremias 5:1).

Um que praticasse a justiça e buscasse a verdade já era suficiente para Deus poupar a cidade de Jerusalém, o que demonstra que estava em condição pior que as cidades de Sodoma e Gomorra, que precisavam de dez justos (Gênesis 18:32).

É em função desta condição funesta que o profeta Isaías, em consonância com o que profetizou Moisés, nomeou os filhos de Israel de povo de Gomorra, e os seus líderes como 'poderosos' de Sodoma (Isaías 1:9), pois a colheita pela rebeldia seria destruição.

“Porque a sua vinha é a vinha de Sodoma e dos campos de Gomorra; as suas uvas são uvas venenosas, cachos amargos têm. O seu vinho é ardente veneno de serpentes, e peçonha cruel de víboras.” (Deuteronômio 32:32 -33).

Os filhos de Israel confiavam no que era vão: em si mesmos, nas alianças com os povos vizinhos, nas obras da lei, em mandamentos de homens, e como não falavam a palavra de Deus, falavam mentiras.

“Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.” (Mateus 12:34).

É em razão do profetizado por Moisés que Jesus nomeia os escribas e fariseus de raça de víboras, pois o vinho que produziam era proveniente das vinhas de Sodoma. Vinho é símbolo de aliança, e a aliança que tinham era com a morte.

“Porquanto dizeis: Fizemos aliança com a morte, e com o inferno fizemos acordo; quando passar o dilúvio do açoite, não chegará a nós, porque pusemos a mentira por nosso refúgio, e debaixo da falsidade nos escondemos.” (Isaías 28:15).

O que é clamar pela justiça? Não havia quem defendesse causas sociais? Não havia tribunais humanos que distribua a justiça a quem precisasse? Ora, a Bíblia não fala de questões humanas, e sim da justiça de Deus.

O que era justiça para os judeus? Segundo o profeta Moisés, cumprir todas as ordenanças de Deus seria justiça:

“E será para nós justiça, quando tivermos cuidado de cumprir todos estes mandamentos perante o SENHOR nosso Deus, como nos tem ordenado.” (Deuteronômio 6:25).

Se ninguém compareceu em juízo pela 'verdade', isto significa que ninguém se sujeitou as ordenanças estabelecidas por Deus. Em vez de obedecerem às ordenanças de Deus, confiaram na vaidade. E o que seria vaidade, ou a mentira que proferiam? Mandamentos de homens!

“Porque o Senhor disse: Pois que este povo se aproxima de mim, e com a sua boca, e com os seus lábios me honra, mas o seu coração se afasta para longe de mim e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído;” (Isaías 29:13).

A vaidade que confiavam e a mentira que propagavam referem-se aos mandamentos de homens. Quem ouvia o que os filhos de Israel dizia, tinha a impressão que honravam a Deus, porém, o temor (mandamento) para com Deus não passava de regras e preceitos de homens.

Como não eram filhos de Deus, mas uma mancha, os filhos de Jacó concebiam o mal e só produziam iniquidade. Como eram comparáveis as áspides, chocavam ovos de basilisco (cobra, áspide) quando buscavam fazer um prosélito, e as vestimentas eram semelhantes a teias de aranha, o seja, não servia para se cobrir.

Quem se alimentasse da doutrina deles, permanecia na morte, mas se alguém se tornasse adepto da doutrina, ou seja, o ovo 'vinga-se', mais uma víbora viria ao mundo. Por isso e dito:

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós.” (Mateus 23:15).

Toda palavra que Deus não falou é tida por vaidade, efêmera, vã, pois a única palavra que permanece para sempre é a palavra de Deus (Isaías 40:8).

“Porventura não tivestes visão de vaidade, e não falastes adivinhação mentirosa, quando dissestes: O SENHOR diz, sendo que eu tal não falei?” (Ezequiel 13:7).

Trapos de imundície

“As suas teias não prestam para vestes nem se poderão cobrir com as suas obras; as suas obras são obras de iniquidade, e obra de violência há nas suas mãos. Os seus pés correm para o mal, e se apressam para derramarem o sangue inocente; os seus pensamentos são pensamentos de iniquidade; destruição e quebrantamento há nas suas estradas.” (Isaías 56:6 -7).

Adão e Eva após a queda confeccionaram aventais de folhas de figueiras (Gênesis 3:7), e Deus lhes preparou túnicas de peles antes de expulsá-los do jardim (Gênesis 3:21). Neste verso, Deus repreende os filhos de Israel por tentarem se cobrir com suas obras, e não com a palavra de Deus. Como as obras dos filhos de Israel eram feitas em cumprimento de mandamento de homens, não passava de obras de iniquidade, obras de violência.

“Ai dos filhos rebeldes, diz o SENHOR, que tomam conselho, mas não de mim; e que se cobrem, com uma cobertura, mas não do meu espírito, para acrescentarem pecado sobre pecado;” (Isaías 30:1);

“E respondeu-me, dizendo: Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel, dizendo: Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos.” (Zacarias 4:6).

O espírito do Senhor é proteção, cobertura, mas força e violência, decorrente de mandamentos de homens, são trapos de imundície, não passam de teias de aranha. As ‘teias de aranha’ são o mesmo que ‘trapos de imundície’, os panos utilizados pelas mulheres no período de menstruação:

“Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam.” (Isaías 64:6).

Como os filhos de Israel não eram sujeitos à lei de Deus, mas inclinados a obedecerem a mandamentos de homens, o profeta os descreve como velozes para o mal, e apressados a derramarem sangue inocente, ou seja, se ocupavam em oferecer sacrifícios.

“Eu publicarei a tua justiça, e as tuas obras, que não te aproveitarão.” (Isaías 57:12)

O Pregado também descreve os filhos de Israel nos mesmos termos:

“Não entres pela vereda dos ímpios, nem andes no caminho dos maus. Evita-o; não passes por ele; desvia-te dele e passa de largo. Pois não dormem, se não fizerem mal, e foge deles o sono se não fizerem alguém tropeçar. Porque comem o pão da impiedade, e bebem o vinho da violência.” (Provérbios 4:14-17).

O Livro dos Provérbios aponta os habitantes de Jerusalém como ímpios, e a cidade de Jerusalém como uma mulher adúltera, que deixou o guia da sua mocidade e se esqueceu da aliança com o seu Deus:

“O bom siso te guardará e a inteligência te conservará; Para te afastar do mau caminho, e do homem que fala coisas perversas; Dos que deixam as veredas da retidão, para andarem pelos caminhos escusos; Que se alegram de fazer mal, e folgam com as perversidades dos maus, Cujas veredas são tortuosas e que se desviam nos seus caminhos; Para te afastar da mulher estranha, sim da estranha que lisonjeia com suas palavras; Que deixa o guia da sua mocidade e se esquece da aliança do seu Deus; Porque a sua casa se inclina para a morte, e as suas veredas para os mortos. Todos os que se dirigem a ela não voltarão e não atinarão com as veredas da vida.” (Provérbios 2:11-19).

A casa de Israel se inclina para a morte, e os seus caminhos para os mortos, e todos que se dirigem à nação não compreendem as veredas da vida, de modo que há destruição e quebrantamento nas suas estradas (Isaías 59:7).

E qual o artifício utilizado pela nação para enganar os incautos? ‘Já paguei os meus votos’, assim como é descrito o comportamento da mulher adúltera, que representa a nação:

“E eis que uma mulher lhe saiu ao encontro com enfeites de prostituta, e astúcia de coração. Estava alvoroçada e irrequieta; não paravam em sua casa os seus pés. Foi para fora, depois pelas ruas, e ia espreitando por todos os cantos; E chegou-se para ele e o beijou. Com face impudente lhe disse: Sacrifícios pacíficos tenho comigo; hoje paguei os meus votos. Por isto saí ao teu encontro a buscar diligentemente a tua face, e te achei. Já cobri a minha cama com cobertas de tapeçaria, com obras lavradas, com linho fino do Egito. Já perfumei o meu leito com mirra, aloés e canela. Vem, saciemo-nos de amores até à manhã; alegremo-nos com amores. Porque o marido não está em

casa; foi fazer uma longa viagem;” (Provérbios 7:10 -19).

Tropeçam ao meio dia

“Não conhecem o caminho da paz, nem há justiça nos seus passos; fizeram para si veredas tortuosas; todo aquele que anda por elas não tem conhecimento da paz. Por isso o juízo está longe de nós, e a justiça não nos alcança; esperamos pela luz, e eis que só há trevas; pelo resplendor, mas andamos em escuridão. Apalpamos as paredes como cegos, e como os que não têm olhos andamos apalpando; tropeçamos ao meio-dia como nas trevas, e nos lugares escuros como mortos. Todos nós bramamos como ursos, e continuamente gememos como pombas; esperamos pelo juízo, e não o há; pela salvação, e está longe de nós.” (Isaías 59:8 -11).

Como os filhos de Israel eram faltos de entendimento e sem bom senso, loucos (Deuteronômio 32:28), não atinavam acerca do caminho da paz. A paz em questão diz da paz com Deus, e, pois não ordenavam os seus passos segundo o mandamento de Deus, que é justiça.

Como andavam após a dureza do coração maligno, e não davam ouvidos às palavras de Deus, estabeleceram veredas tortuosas, e os que trilhavam tais caminhos eram faltos de conhecimento.

“Este povo maligno, que recusa ouvir as minhas palavras, que caminha segundo a dureza do seu coração, e anda após deuses alheios, para servi-los, e inclinar-se diante deles, será tal como este cinto, que para nada presta.” (Jeremias 13:10).

Enganados que estavam em seus próprios pensamentos, recusavam ter comunhão com Deus (Jeremias 4:22).

“A tua habitação está no meio do engano; pelo engano recusam conhecer-me, diz o SENHOR.” (Jeremias 9:6).

Por estarem no engano, nutriam falsas esperanças, pois se espera luz e só há trevas, querem gloria, mas só há trevas. O profeta descreve a nação como cegos, que procuram se orientar tateando (Jeremias 5:21). Mesmo quando a claridade do dia está em seu ponto mais alto, ao meio-dia, tropeçam.

Em função desta realidade, Jesus alertou os judeus dizendo:

“Disse-lhes, pois, Jesus: A luz ainda está convosco por um pouco de tempo. Andai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apanhem; pois quem anda nas trevas não sabe para onde vai.” (João 12:35).

Jesus Cristo é o sol nascente das alturas para dirigir os passos dos homens pelas veredas da paz (Lucas 1:78 -79), mas mesmo assim tropeçaram na ‘pedra angular’, a ‘pedra de esquina’ como que ao meio-dia.

Mas, que creu na previsão de Moisés?

“E apalparás ao meio dia, como o cego apalpa na escuridão, e não prosperarás nos teus caminhos; porém somente serás oprimido e roubado todos os dias, e não haverá quem te salve.” (Deuteronômio 28:29).

Embora os filhos de Israel soltassem a voz clamando por salvação assim como os ursos bramam, não havia resposta, pois as iniquidades encobria o favor de Deus, de modo que não eram ouvidos (Isaías 59:2).

Confissão

“Porque as nossas transgressões se multiplicaram perante ti, e os nossos pecados testificam contra nós; porque as nossas transgressões estão conosco, e conhecemos as nossas iniquidades; Como o prevaricar, e mentir contra o SENHOR, e o desviarmo-nos do nosso Deus, o falar de opressão e rebelião, o conceber e proferir do coração palavras de falsidade. Por isso o direito se tornou atrás, e a justiça se pôs de longe; porque a verdade anda tropeçando pelas ruas, e a equidade não pode entrar.” (Isaías 59:12 - 14).

Desde o versículo 9, o profeta Isaías se inclui na descrição do povo de Israel, e no versículo 12 fica evidente o motivo: admissão de culpa, confissão de pecado.

Assim como o profeta Daniel, Isaías reconhece as transgressões dos filhos de Israel, e que os pecados dos filhos de Jacó pesavam em desfavor de todos eles.

“E orei ao SENHOR meu Deus, e confessei, e disse: Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos; Pecamos, e cometemos iniquidades, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus

mandamentos e dos teus juízos;” (Daniel 9:4 -5).

Mas, os judeus à época de Jesus, em lugar de admitirem que eram pecadores e sujeitos ao pecado, assim como fez Isaías e Daniel, alegaram que, por serem descendência de Abraão nunca foram escravos de ninguém.

“Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?” (João 8:33).

O braço do Senhor

“Sim, a verdade desfalece, e quem se desvia do mal arrisca-se a ser despojado; e o SENHOR viu, e pareceu mal aos seus olhos que não houvesse justiça. E vendo que ninguém havia, maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; por isso o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve. Pois vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o capacete da salvação na sua cabeça, e por vestidura pôs sobre si vestes de vingança, e cobriu-se de zelo, como de um manto.” (Isaías 59:15 -17).

A verdade em Israel estava agonizante, e qualquer que buscasse se desviar do mal corria o risco de ser saqueado. Como seria possível alguém servir a Deus, se o que faziam era guardar mandamento de homens, e impor os seus rituais, legalismos e moralismo aos homens?

Jesus se opôs aos seus compatriotas, e arrebataram-Lhe a vida, de modo que os inimigos do Filho do homem foram os de sua própria casa (Miquéias 7:6).

Mas, apesar da apostasia dos filhos de Israel, Deus observou e pareceu mal que não houvesse justiça, vez que não havia ninguém que tivesse conhecimento e buscasse a Deus (Salmo 53:2). Como não havia que lutasse pela causa de Deus, nem mesmo um intercessor, o Seu próprio braço suscitou salvação, e a sua própria justiça O susteve.

Quem é o braço do Senhor? Cristo é o braço, a força e a salvação do Senhor.

Vários versículos fazem referencia a Cristo como o braço do Senhor:

“Eis que o Senhor DEUS virá com poder e seu braço dominará por ele; eis que

o seu galardão está com ele, e o seu salário diante da sua face.” (Isaías 40:10);

“Perto está a minha justiça, vem saindo a minha salvação, e os meus braços julgarão os povos; as ilhas me aguardarão, e no meu braço esperarão.” (Isaías 51:5);

“O SENHOR desnudou o seu santo braço perante os olhos de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus.” (Isaías 52:10);

“QUEM deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do SENHOR?” (Isaías 53:1).

Cristo, a salvação de Deus, foi manifesto a todas as gentes, pois essa foi a promessa feita a Abraão: ‘em ti serão benditas todas as famílias da terra’ (Gênesis 12:3; Atos 3:25).

Cristo saiu em defesa da justiça, e para isso vestiu-se de justiça, como que de uma couraça. Pôs por capacete da sua cabeça a salvação de Deus. Cobriu-se de zelo pelas coisas do Pai “Pois o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim.” (Salmos 69:9; Salmo 119:139), e vestiu-se de vestes de vingança (Isaías 63:3). Cristo estava protegido pela palavra de Deus, como que por uma armadura, sendo a palavra de Deus (fidelidade) escudo e broquel (Salmo 91:4).

“Regozizar-me-ei muito no SENHOR, a minha alma se alegrará no meu Deus; porque me vestiu de roupas de salvação, cobriu-me com o manto de justiça, como um noivo se adorna com turbante sacerdotal, e como a noiva que se enfeita com as suas joias.” (Isaías 61:10).

Cristo é o renovo justo prometido a Davi, que brotou do tronco de Jessé, e sobre Ele repousou a palavra do Senhor que produz justiça sobre a terra (Isaías 11:1-3). Com o seu conhecimento, o Cristo justificou a muitos (Isaías 53:11).

“E a justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade o cinto dos seus rins.” (Isaías 11:5).

Retribuição segundo as obras

“Conforme forem as obras deles, assim será a sua retribuição, furor aos seus adversários, e recompensa aos seus inimigos; às ilhas dará ele a sua recompensa.

Então temerão o nome do SENHOR desde o poente, e a sua glória desde o nascente do sol; vindo o inimigo como uma corrente de águas, o Espírito do SENHOR arvorará contra ele a sua bandeira. E virá um Redentor a Sião e aos que em Jacó se converterem da transgressão, diz o SENHOR. Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o SENHOR: o meu espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se desviarão da tua boca nem da boca da tua descendência, nem da boca da descendência da tua descendência, diz o SENHOR, desde agora e para todo o sempre.” (Isaías 59:18 -21).

Cristo há de recompensar os seus adversários conforme as suas obras:

“O qual recompensará cada um segundo as suas obras; a saber: A vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, honra e incorrupção; Mas a indignação e a ira aos que são contenciosos, desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade;” (Romanos 2:6 -8).

Todos os povos igualmente serão recompensados por Cristo, de modo que temerão o Cristo por todos os termos da terra.

Se o inimigo vier como que a inundação de águas, Cristo arvorará a sua bandeira e pelejará.

A promessa feita por intermédio de Isaías diz do futuro dos filhos de Israel, quando Cristo virá a Jerusalém como Redentor para os que se desviarem das transgressões (Isaías 59:20).

Neste tempo será estabelecida uma nova aliança: as palavras de Deus que estavam sobre o profeta Isaías será igualmente dada a todos em Israel, de modo que perpetuamente não se desviarão dela.

“Eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que farei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porque eles invalidaram a minha aliança apesar de eu os haver desposado, diz o SENHOR. Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o

SENHOR: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.” (Jeremias 31:31 -33).

Aplicação prática

De tudo que analisamos no capítulo 59 de Isaías, resta para Igreja entender que tudo o que foi escrito, para nossa instrução foi escrito, para que não incorramos no mesmo exemplo de desobediência, ou que não haja em nos um coração perverso de incredulidade que nos afaste do Deus vivo.

“E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram.” (1 Coríntios 10:6).

“Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo. Antes, exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado;” (Hebreus 3:12 -13).

O capítulo 59 de Isaías aplica-se aos filhos de Israel, e não a igreja. É certo que as mãos de Deus não estão encolhidas para salvar, e que hoje, a salvação se dá através da verdade do evangelho.

O protesto contra Israel se deu porque permaneciam no pecado, mas para a Igreja o texto não se aplica, visto que para a Igreja não há mais condenação (Romanos 8:1). Todos que invocaram a Cristo como Senhor em seus corações, e confessam que Deus o ressuscitou dentre os mortos estão salvos, e já contemplaram a glória de Deus na face de Cristo (Hebreus 1:3).

Não há mais barreira de iniquidade que faça separação entre os crentes em Cristo e Deus, antes os cristãos gozam de plena comunhão com o Pai e o Filho, uma vez que já entraram no descanso prometido (Hebreus 4:3).

Por crer em Cristo, nos fomos vivificados juntamente com Cristo, de modo que todas as nossas ofensas foram perdoadas, de modo que os crentes em Cristo não são mais acusados de pecado (Filipenses 2:13).

Os crentes em Cristo não se vestem com trapos de imundície, antes são vestes de louvor, vestes de justiça, pois Deus é glorificado em que se dê muito fruto (João

15:8), o fruto dos lábios que confessam a Cristo (Hebreus 13:15), de modo que não nos socorremos de sacrifícios para nos aproximar de Deus como faziam os filhos de Israel.

“GUARDA o teu pé, quando entrares na casa de Deus; porque chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal.” (Eclesiastes 5:1).

Tiago e as obras

Tiago afirma que a fé que a pessoa nutre em Deus, sem ser fazedor da obra (que é crer em Cristo), jamais poderá salvar. Ele enfatiza que a fé (crer em Deus) que essa pessoa afirma ter, ou seja, uma fé sem obras (sem crer em Cristo), não pode salvar.

Tiago e as obras

“Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tg 2:26).

Introdução

A má compreensão da abordagem de Tiago invariavelmente leva muitos leitores a entender que ‘boas obras’ está relacionada a alguma ação que beneficie o próximo.

O objetivo deste artigo é demonstrar sucintamente que ‘obras’ na epístola de Tiago trata da essência do evangelho, e não de ações caridosas.

Qual é a fé que salva?

Ao perguntar: *‘Qual é a fé que salva?’*, os interpretes se preocupam em descobrir se Tiago contradiz o apóstolo Paulo, ou em como conciliar Romanos 3, verso 28 com Tiago 2, verso 24. Entretanto, o correto é ler a epístola considerando o contexto em que os termos ‘fé’ e ‘obras’ foram empregados, independentemente das considerações do apóstolo Paulo.

Se o leitor da epístola de Tiago compreender a exposição, não será necessário tentar conciliar Tiago com a exposição do apóstolo Paulo, vez que devemos partir do pressuposto de que não há divergência de ideias entre eles.

Comparações e questionamentos acerca das epístolas paulinas à vista do exposto por Tiago só devem ser feitos após compreender cabalmente o texto da epístola de Tiago.

Obras

Lançar como pressuposto se é possível acreditar em alguém que se diz electricista, mas que não consegue trocar uma lâmpada, ou se alguém diz ser motorista, mas não consegue estacionar um veículo, ou que alguém se diz matemático, mas não sabe o resultado de uma simples operação matemática, etc., não deve ser a base para analisar a abordagem de Tiago acerca das obras.

Ao indagar o fato de alguém dizer que tem fé, Tiago não estava analisando se essa pessoa pratica boas ações. Isto porque, uma pessoa que troca uma lâmpada pode indicar que é um electricista, mas praticar boas ações não possui relação com a questão levantada por Tiago.

Os escribas e fariseus eram considerados pelos homens como sendo justos pelas ações que praticavam, mas eram reprovados por Deus (Mt 23:28). Boas ações não são indicativas de que alguém é salvo, verdade que se verifica na censura que Jesus emitiu acerca dos fariseus, pois sabiam dar boas dádivas aos seus semelhantes, porém, eram maus diante de Deus.

“Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mt 7:11);

“Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lc 11:13).

A disposição de alguém em realizar boas ações não é prova de fé, pois é próprio aos homens dar boas dádivas aos seus semelhantes:

“E qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente? Ou, também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?” (Lc 11:11 -12).

O que Tiago demonstra em sua epístola é que a fé alegada por seus interlocutores era réproba, e não que deveriam praticar boas ações para evidenciar o mérito da fé que professavam.

O problema

“Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?” (Tg 2:14).

A pergunta elaborada por Tiago não visava estimular os seus ouvintes as práticas de civilidade, antes questionar se tal fé era de fato proveitosa. A questão é se a tal fé pode salvar, e não se é necessário praticar boas ações.

Considerando que o termo ‘fé’ no verso tem o sentido de crer, acreditar, confiar, temos que questionar qual é o objeto dessa fé, e não se esse alguém pratica boas ações. Que proveito há em alguém alegar que crê, se não crê que Jesus é o Cristo? Que proveito há em crer no impossível, ou em milagres, ou nos anjos, etc?

A questão foi formulada acerca do se crê, pois não basta crer que Deus é um só, se não executar a obra da lei perfeita da liberdade (evangelho):

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito” (Tg 1:25).

Tiago está questionando o fato de alguém dizer que crê em Deus, mas não realiza o que Ele determina (Tg 1:22). É possível a alguém ser salvo simplesmente por

que diz que acredita em Deus, mas não põe por obra o que Ele determinou através do mandamento anunciado pelos apóstolos? Tal crença é sem proveito algum!

“Mas a seu tempo manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador” (Tt 1:3).

O mandamento de Deus exarado no evangelho é de que o homem creia em Cristo Jesus (1 Jo 3:23). Não há proveito em dizer que tem fé em Deus, se não tiver a obra exigida por Ele. Dizer que crê em Deus sem executar a obra de Deus, não produz salvação.

De que obra Tiago está tratando? Da obra da fé, ou seja, crer no enviado de Deus! (2 Ts 1:11)

“Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6:29).

Perceba que a questão que Tiago está tratando não tem em vista bom comportamento, boas ações, etc. O que está sendo abordado é o fato de alguns judeus convertidos dizerem que criam em Deus, mas que não obedeciam ao mandamento de Deus: crer em Cristo.

Esses são aqueles que, segundo o apóstolo Paulo a Tito, diziam ‘conhecer’ a Deus, mas que não criam em Cristo.

“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra” (Tt 1:16);

“Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade” (1Jo 2:4);

Negar com as obras é o mesmo que não guardar os seus mandamentos.

Tiago não estava questionando quem dizia ter fé em Cristo, antes questiona quem dizia ter fé em Deus e não criam em Cristo. É por isso que Jesus alertou os seus discípulos de que quem diz que tem fé (crê) em Deus, também precisa crer n’Ele (Jo 14:1).

A abordagem de Tiago tem em vista a linguagem utilizada pelos dos profetas e

que era compreensível aos seus interlocutores, cristão convertidos dentre os judeus:

“E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra” (Ezequiel 33 : 31 -32).

Não basta ser ouvinte, pois aquele que ouve a palavra e não obedece, ou seja, não põe por obra, não passa de um ouvinte esquecido (Tg 1:23). O homem tem que ser cumpridor da palavra, e não se enganar com falso discurso como: ‘eu creio em Deus’ (Tg 1:22). Quem diz crer em Deus e não crê em Cristo está fiado em um falso discurso.

Se alguém diz ter fé, que tenha fé no testemunho que Deus deu acerca do seu Filho Jesus Cristo. Quem diz que tem fé, ou seja, que diz que crê em Deus, que creia que Jesus é o Cristo, porque se não crê em Cristo, tem Deus por mentiroso.

“Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu” (1Jo 5:10).

É um equívoco entender a abordagem de Tiago como se ele estivesse recriminando quem defende a ideia de que somente a fé em Cristo Jesus é suficiente para salvação. A fé em Cristo Jesus jamais pode ser denominada de ‘fé somente’, pois o evangelho é poder de Deus para salvação.

Ao dizer: ‘qual é o proveito, se alguém disser que tem fé’, Tiago estava recriminando os cristãos convertidos dentre os judeus que defendiam o posicionamento de somente ter fé em Deus, esquecendo-se da instrução de Jesus: crede também em mim!

Tiago afirma que a fé que a pessoa nutre em Deus, sem ser fazedor da obra (que é crer em Cristo), jamais poderá salvar. Ele está dizendo que a fé (crer em Deus) que essa pessoa afirma ter, ou seja, uma fé sem obras (sem crer em Cristo), não pode salvar. Ora, a fé em Cristo é a obra exigida para salvação, o que é completamente diferente de alguém dizer que tem fé em Deus somente.

De outra banda, quando o apóstolo Paulo defende que pelas obras ninguém será salvo, as obras que ele faz referência são as da lei (Gl 2:16). As obras que não salvam são as obras da lei, diferente do que Tiago propõe que é a 'obra da fé', que é crer em Cristo (2 Ts 1:11).

Entender que o problema dos irmãos destinatários da epístola de Tiago não era a ortodoxia (doutrina correta), mas a ortopraxia (prática correta), é posicionamento completamente equivocado[1]. Na verdade, o que é abordado por Tiago é a questão da doutrina correta: crer que Jesus é o Cristo, e não somente dizer que tem fé em Deus.

Da mesma forma que alguns diziam ter fé que há um só Deus, os demônios também compartilham dessa crença e estremezem, porém, é inócua tal crença pelo fato de não ter um mandamento. O que salva é a obediência ao mandamento de Deus: crer em Cristo, e não crer que Deus existe.

“Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremezem” (Tg 2:19).

A abordagem de Tiago não tem em vista questões de cunho comportamental (ortopraxia), pois os exemplos apresentados não visa obras de caridade, como dar alimento aos necessitados, e sim demonstrar que, da mesma forma que é inócua despedir quem precisa de alimento e vestimenta sem a provisão necessária, também é inócua dizer que tem fé em Deus, se não crê que Jesus é o Cristo (Tg 2:15 -17).

“E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos, e fartei-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma” (Tg 2:15 -17).

A prova da fé de quem diz que tem fé em Deus é crer em Cristo, pois a simples alegação de que tem fé em Deus, nada evidencia. Oferecer o único filho em sacrifício evidenciou a crença de Abraão em Deus, pois ele executou a obra exigida por Deus. A crença de Abraão sempre resultou em plena obediência, e por isso mesmo tal crença foi lhe imputada como justiça (Gn 15:6).

Neste mesmo sentido Raabe, que apesar dos riscos, recebeu os espias em sua casa, pela convicção de que *“Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra”*

(Js 2:11), demonstrou a sua fé em Deus escondendo os espias.

Descartar que a apreensão intelectual de crença em Cristo Jesus não é o que salva é depor contra a verdade das Escrituras, que diz:

“Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos, a saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10:8 -9).

Diferente da fé em Cristo, a ‘fé’ dos demônios não resulta de um mandamento com promessa, e sim, de um saber. A confissão da unidade de Deus pelos judeus segue o mesmo diapasão dos demônios, pois não tinham em vista um mandamento.

Sem o mandamento não há salvação, mesmo quando se crê na existência de Deus!

“Sê tu a minha habitação forte, à qual possa recorrer continuamente. Deste um mandamento que me salva, pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza” (Sl 71:3).

Aceitar a verdade do evangelho como verdadeira significa crer no testemunho que Deus deu acerca do seu Filho, e para salvação é o que Deus exige do homem. Tal confiança em Deus por intermédio de Cristo é uma entrega plena a Deus.

[1] *“Por toda a epístola de Tiago fica claro que o problema dos irmãos destinatários não era a ortodoxia (doutrina correta), mas a ortopraxia (prática correta). Eles não tinham problemas com o “crer”, mas com o “fazer”. É um desafio para todos nós, que enfatizamos tanto a salvação pela fé em Cristo Jesus, e constantemente nos esquecemos que nossas obras serão julgadas. No encerramento desta lição, vale reler 2Coríntios 5.10: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.” Pr. José Humberto de Oliveira, estudo publicado originalmente pela Editora Cristã Evangélica, na revista “Tiago: a Fé em Ação”.*

O conflito na alma e o inimigo na alma

Enquanto Barclay analisa os termos gregos utilizados pelo apóstolo Paulo, que foram traduzidos por: adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices e glotonarias, a partir do comportamento desregrado dos gregos e dos romanos (esquecendo que o apóstolo Paulo não julga os que são de fora, mas os que são de dentro), não percebe que a lista das obras da carne foi feita a partir da apostasia dos filhos de Israel, que foram postos por exemplos.

O conflito na alma e o inimigo na alma

Este artigo tece considerações, em função do livro “*As obras da carne e o fruto do Espírito*”, de William Barclay, publicado pela editora ‘Edições Vida Nova’, em especial, sobre o capítulo I, que aborda duas questões: ‘O conflito na alma’ e ‘O inimigo na alma’.

O conflito na alma

O Dr. Barclay, já no primeiro parágrafo do seu livro, afirma que *‘A filosofia e a teologia são essencialmente uma transcrição e uma interpretação da experiência humana...’*, e conclui: *‘... e a experiência humana é de que há um conflito na alma humana’*[1] Barclay, William, *As obras da carne e o fruto do Espírito*, Tradução Gordon Chown, Ed. Edições Vida Nova, SP, 1988. Pág. 13.

Apesar de citar trecho da carta do apóstolo Paulo aos Gálatas, tanto a asserção, quanto a conclusão de Barclay, não refletem a verdade exarada nas Escrituras.

Primeiro, porque a filosofia não é matéria bíblica. Segundo, se esses, também, são os termos da teologia, uma transcrição e uma interpretação da experiência humana, não estamos falando de um estudo de Deus, mas, de uma matéria secular.

A Bíblia tem por base a revelação divina, não as experiências humanas. Por mais que a experiência humana diga que há um conflito na alma, a Bíblia não trata desses conflitos e nem se apoia nas experiências humanas. Por mais que evidências palpáveis aos sentidos humanos apontem a existência de um conflito na alma, a revelação das Escrituras, por ser a verdade, suplanta as experiências humanas.

Por mais que o pensamento judaico acerca do homem aponte para a existência de um conflito interno, conforme exarado na doutrina de yetserhatobh e yetserhara[2] (a natureza boa e a má), tal pensamento nada pode comunicar aos cristãos, pois a Bíblia é clara, ao dizer que os judeus não tem o conhecimento de Deus (Dt 32:28; Is 1:6; Os 4:6), portanto, a doutrina deles não é confiável.

No entanto, o Dr. Barclay busca, não só o pensamento judaico, mas, também, entre os gregos[3], evidências para sustentar a sua asserção inicial e aponta para Platão que, no Fedro (246B), *“descreve a alma do homem como o cocheiro, cuja tarefa é dirigir, em arreios duplos, dois cavalos, um dos quais é ‘nobre e de raça nobre’, e o outro é ‘o oposto na raça e no caráter’”*. Barclay não para por aí e busca, entre Ovídio (Metamorfoses 7.20), Sêneca (Cartas 112.3), Epíteto (Discursos 2.11.1) e outros, evidenciar a tal *‘experiência humana’*[4], que comprove que há um conflito na alma.

Barclay destaca dois escritores gregos: Platão e a sua obra Fédon, que narra às últimas horas de Sócrates e Filo, e acrescenta que este último estabeleceu uma ponte entre o pensamento hebraico e o grego e aquele influenciou incalculavelmente o pensamento cristão, e que ambos sublinharam em seus escritos que o corpo é eminentemente mal (idem, págs. 14 e 15).

A informação inicial apresentada por Barclay, de que o apóstolo *‘Paulo não foi, de modo algum, a primeira pessoa que viu a vida em termos do conflito interno’* (idem, pág. 13), não é verdadeira, pois, em suas epístolas, o apóstolo dos gentios não trata das experiências humanas e nem dos seus conflitos internos, mas, da *‘oposição’* entre o *‘mandamentos de homens’*, que é contrário ao *‘mandamento de*

Deus', ou seja, 'carne' versus 'espírito'.

Quando o apóstolo Paulo afirma que a carne milita contra o espírito, ele tem em vista dois sistemas doutrinários antagônicos: os mandamentos dos homens e o mandamento de Deus. Aqueles que estão em Cristo Jesus, são os que andam no espírito, diferentemente daqueles que andam segundo a tradição dos homens, ou seja, segundo a carne.

“PORTANTO, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:1).

A oposição entre a 'carne' e o 'espírito' descrita pelo apóstolo Paulo não é interna ao homem, pois o que 'carne' e 'espírito' disputam é o homem, na busca de sujeita-los *'para que não façais o que quereis'* (Gl 5:17). A oposição entre carne e espírito, descrita pelo termo grego ἀντικειμαι (antikeimai), não diz de um embate, de um enfrentamento, mas, de oposição. Os que são segundo o evangelho, agradam a Deus, pois se sujeitam ao mandamento, que é crer em Cristo (At 10:35), mas os que são segundo a lei, ou seja, segundo as obras da carne, são inimigos de Deus, pois não se sujeitam ao mandamento de Deus (Rm 8:7-9).

A má leitura de Barclay se deve à falta de compreensão, acerca do termo grego 'pneuma', quando empregado pelo apóstolo Paulo, em certos contextos, nas suas epístolas.[5]

O problema exposto na base de um dilema, se o pneuma (espírito), faz parte do homem ou, se é uma parte do homem após ele se tornar cristão, demonstra o quanto a incompreensão de certos termos gregos empregados no Novo Testamento interferiu na leitura e na compreensão de Barclay. Pela incompreensão do tema, Barclay cita J. E. Frame, que, por sua vez, cita Teodoro de Mopsuéstia (ou, Teodoro de Antioquia; 350-428), somando-se erro sobre erro:

“Deus nunca colocou os três, a alma, o espírito e o corpo, num descrente, mas somente nos crentes. Destes, a alma e o corpo são naturais, mas o espírito é um benefício (euergesia) especial para nós, uma dádiva da graça aos que creem”. Teodoro de Mopsuéstia.

Em primeiro lugar, o homem, seja ele crente em Cristo ou, não, só é homem, porque é formado por corpo, alma e espírito. É impossível ao homem ser homem sem corpo, da mesma forma que é impossível ao homem ser o que é sem a alma e

o espírito. O espírito que compõe a natureza do homem, tanto natural, quanto espiritual, não diz da dádiva da graça ou de um dom de Deus para a natureza humana redimida.

Todos os homens possuem um corpo constituído de matéria orgânica, formado do pó da terra (Gn 2:7) e Cristo, ao se tornar homem, também teve que ser participante de carne e sangue (Hb 2:14 e 16; Sl 139:13-16; Sl 22:9-10; Sl 40:6). Todos os corpos dos homens são constituídos de matéria orgânica e semelhantes entre si, pois, todos vem do pó e ao pó retornam.

Todos os homens possuem um espírito criado por Deus, exceto Jesus Cristo-homem, visto que o próprio espírito do Verbo eterno esvaziou-se a si mesmo do seu poder e glória e se faz homem, sendo introduzido pelo Altíssimo no ventre de Maria, no corpo que lhe foi preparado, sem vínculo com a semente de Adão (Hb 10:5; Fl 2:7).

Todos os homens possuem uma alma, que muitos se referem como a sede dos sentimentos, emoções e desejos dos homens. No entanto, a alma é a identidade do espírito, que unido ao corpo passa a existir dotado de sentimentos, emoções e desejos. Um espírito unido a um corpo, distingue-se dos demais espíritos, quando são unidos a um corpo pela concepção e a alma diz da individualidade do espírito, que o distingue dos demais.

Todos os espíritos dos homens, quando criados por Deus, são idênticos entre si, sem nada que os distingam. Quando do nascimento do homem, em que há a união entre o corpo e o espírito, temos uma alma vivente: um espírito que é único, pela identidade que adquire, através da sua alma.

Os seres angelicais são espíritos e quando criados, o foram de uma única vez, cada qual com a sua identidade e individualidade, distintos um do outro, diferentemente do homem, no qual a identidade e a individualidade do espírito se dá, quando unido ao corpo.

Se Deus retirar o espírito e o fôlego que concedeu ao homem, imediatamente, todos sem exceção, expiram e voltam ao pó da terra (Jó 34:14). O fôlego está relacionado à vida do corpo, constituído de matéria orgânica (Jó 33:4-6) e o espírito está relacionado à existência do homem, o que permite compreender os eventos à sua volta (Jó 38:36). Sem o espírito, o homem seria semelhante aos animais, que se guiam por instintos, ou seja, sem compreender os eventos à sua

volta (Sl 32:9).

É próprio do espírito do homem ter e expressar sua opinião, ante os eventos que o cercam por intermédio do corpo, ou seja, através dos lábios (Jó 32:17-20). Eliú, filho de Baraquiel, o buzita, antes de ouvir Jó e os seus amigos, achava que era próprio aos mais velhos ensinarem sabedoria e, por isso, tinha receio de expor a sua opinião (Jó 32:6-7). Ao ouvir os mais velhos, Eliú decepcionou-se e chegou à conclusão de que os mais velhos não são os mais sábios e nem os idosos tem conhecimento do que é mais correto (Sl 32:9). Embora fosse consenso à época de Eliú que a sabedoria e o conhecimento eram próprios aos mais velhos, o jovem Eliú conseguiu abstrair, através do que ouviu da discussão dos amigos de Jó, que não era assim.

Como é próprio a todos os homens ter um espírito (o sopro do Senhor Todo Poderoso), Eliú compreendeu que o entendimento e a sabedoria são, igualmente, alcançados por todos, independentemente de ter ou não idade avançada, o que fez com que aquele jovem expressasse a sua opinião diante de alguns velhos (Jó 32:8 e 17).

“Pensava eu: ‘Que a experiência fale mais alto e os muitos anos de vida ensinem a sabedoria’. Contudo, o homem tem um espírito e o sopro de Shaddai, o Todo-Poderoso, que lhe proporciona entendimento. Não são apenas os mais velhos, os maiores e mais sábios, nem os mais idosos que têm o conhecimento do que é mais certo” (Jó 32:7-9).

O espírito do homem não é um entendimento, antes o entendimento é uma faculdade do espírito, que o torna capaz de raciocinar, considerar, compreender, etc. Ao nascer, o homem é um ser terreno, dotado de um espírito, com a faculdade de compreensão, aprendizagem, interação, etc. Entretanto, o discernimento do homem precisa ser exercitado, assim como o corpo, para que possa se desenvolver, até chegar à maturidade, tornando-se apto a discernir entre o bem e o mal (Is 7:16; Hb 5:14).

O espírito do homem, paulatinamente, cresce em entendimento quando interage com o mundo, e isso por intermédio do seu corpo. Deus soprou no homem o fôlego da vida e, assim, este tornou-se alma vivente, dotado de um espírito. O entendimento de Adão só veio através da interação que ele tinha com Deus na virada do dia e com a vivência no jardim do Éden e, assim, é com todos os seus

descendentes, pois os filhos interagem com os pais.

A consideração de Teodoro de Mopsuéstia é equivocada, pois, todos os homens, sem exceção, são constituídos de corpo, alma e espírito. Na morte física, o corpo volta ao pó, porém, o espírito, que volta para Deus, jamais se dissocia da alma, pela eternidade. Todo homem, primeiro, teve o corpo formado do pó da terra, através da herança de carne e sangue, que recebe dos pais; em seguida, um espírito, que procede de Deus e, por fim, surge a alma, como identidade do espírito. Ao morrer, o corpo volta para o pó da terra, porém, espírito e alma seguem para a eternidade, quando os homens ressurgirão com corpo glorioso ou, em ignomínia.

Mas, o que é o 'pneuma', como dom de Deus, que é próprio à natureza redimida do crente em Cristo? Por 'natureza redimida', entende-se como o homem de novo gerado, por meio da palavra do evangelho, que é semente incorruptível.

O termo grego 'pneuma' (espírito), além de se referir a um dos elementos imateriais do homem criado por Deus, também, é utilizado para fazer referência à mensagem do evangelho. O termo 'espírito' é utilizado para fazer referência a uma doutrina, assim como o termo 'fé', que contém, em seu bojo, a ideia de 'verdade'. É com esse significado que Jesus afirmou que as suas palavras são 'espírito e vida' (Jo 6:63).

Adão, ao pecar, separou-se de Deus, ou seja, morreu. Todos os descendentes de Adão, igualmente, alienaram-se de Deus, ou seja, estavam mortos em delitos e pecados (Ef 2:1). O termo 'morte' é empregado no sentido de 'separação', não no sentido de término das funções vitais. Para a cessação das funções vitais do indivíduo, o escritor do Gênesis utilizou a expressão 'voltar ao pó'.

Mas, como o homem volta à comunhão com Deus? Em outras palavras, como o homem é vivificado? Através do espírito, ou seja, pela palavra de Deus (Dt 8:3), pois, por ela, é criado um novo homem (Ef 4:23).

É por isso que o Verbo eterno se fez carne, pois o mandamento de Deus, dado através de Cristo, concede vida aos que creem! Esse mandamento (espírito) é concedido gratuitamente (1 Jo 3:23; Jo 3:16), pois, é dito: pela graça sois salvos! (Ef 2:8). O homem é salvo por meio da 'verdade anunciada' (Gl 3:1), que é a 'fé', ou seja, evangelho, espírito (Rm 1:16), a fé, que de uma vez foi dada aos santos (Jd 1:3), a palavra anunciada pelos ministros do espírito.

O apóstolo Paulo foi feito ministro do espírito, ou seja, de um Novo Testamento:

“O qual nos fez, também, capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica” (2 Co 3:6).

É por isso que o apóstolo Paulo faz referência a Cristo como o último Adão, o espírito vivificante:

“Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante” (1 Co 15:45).

O espírito do homem regenerado é o mesmo, antes de ser gerado de novo, porém, o que muda é o espírito como mensagem, entendimento, o que se dá no arrependimento. O arrependimento, essencialmente, é uma mudança de espírito, ou seja, de compreensão, acerca de como ser salvo. O espírito dos escribas e fariseus era de que estavam salvos, por serem descendentes da carne de Abraão, mas com o evangelho, deveriam mudar de concepção, espírito, pois a salvação se dá por Cristo, o reino dos céus que era chegado (Mt 3:2 e 8-9).

É pelo espírito (mensagem) do evangelho que sabemos que Deus está em nós e nós n'Ele (1 Jo 3:24). Quem é gerado de novo pelo espírito, é espiritual (Jo 3:6) e quem foi gerado segundo a carne, é carnal, sendo que o espírito (mensagem que acredita ser a verdade) deste, consiste em mandamento carnal e daquele, 'poder da vida incorruptível' (Hb 7:16) .

Outro equívoco, é entender que é por meio do pneuma, como espírito do homem[6], que Deus pode falar aos homens, ou que os homens podem ter comunhão com Deus. O pneuma, que Deus fala aos homens, diz da sua palavra, da sua mensagem anunciada por Cristo. É somente por meio do evangelho, que é espírito e vida, que o homem tem comunhão com Deus. O homem possui um espírito, mas não é esse espírito que tem comunhão com Deus ou que torna possível ouvir a Deus.

Watchman Nee, em seu livro, 'O homem espiritual' incorre no mesmo erro de Barclay, ao afirmar que:

“É através do espírito que temos comunhão com Deus e somente por ele podemos compreendê-lo e adorá-lo. Por isso se diz que ele é o elemento que

nos confere consciência de Deus. Deus habita no espírito; o eu, na alma; e os sentidos, no corpo (...) Por meio do seu espírito, o homem se relaciona com o mundo espiritual e com o Espírito de Deus...” Nee, Watchman, ‘O homem espiritual’ Vol. 1, Editora Betânia – Belo Horizonte, 2002, Pág. 34.

Deus não habita no espírito do homem, mas, no seu corpo:

“Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (1 Co 6:19).

O corpo do crente não está em posição inferior ao seu espírito, pois o corpo pertence ao Senhor e o Senhor ao corpo (1 Co 6:13). Ao crer em Cristo, o homem une-se ao Senhor em um só espírito (1 Co 6:17; Ef 2:18), tornando-se, assim, membro do corpo de Cristo (1 Co 6:15). É pelo espírito do evangelho que o homem tem acesso a Deus, por isso, é dito um só espírito (Ef 2:18; Ef 4:4).

Após a queda de Adão, todos os seus descendentes são concebidos todos em pecado, ou seja, em corpo, alma e espírito. Esses elementos não se dividem, não há um mais nobre que o outro, ou seja, o corpo inferior e o espírito superior. É, eminentemente, platônica a ideia de que o espírito é mais nobre[7] que o corpo e o corpo, inferior. Todos os elementos que compõem a natureza do homem estão, igualmente, separados de Deus, sem comunhão, por causa da pena imposta, em decorrência da ofensa de Adão: morte.

Quando o homem crê em Cristo, por intermédio da palavra do evangelho, é purificado, completamente, pelo lavar regenerador do espírito (palavra), de modo que o seu corpo, alma e espírito são plenamente santificados e conservados irrepreensíveis.

“E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, alma e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso SENHOR Jesus Cristo” (1 Ts 5:23).

Deus não se comunica com o espírito do homem, como se fosse autônomo do corpo, antes, se comunica com o homem, através do evangelho, o qual o apóstolo Paulo foi feito ministro, e esse homem é corpo, alma e espírito. Para Deus comunicar-se com o homem, é necessário alguém que pregue e que o homem ouça, e isso só é possível através dos ouvidos, ou seja, através do corpo.

“Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam o evangelho de paz; dos que trazem alegres novas de boas coisas. Mas nem todos têm obedecido ao evangelho; pois Isaías diz: SENHOR, quem creu na nossa pregação? De sorte que a fé é pelo ouvir e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10:14-17).

Adão foi formado do pó da terra e Deus soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida, concedendo-lhe, além do corpo formado do pó da terra, um espírito, tornando-se assim alma vivente (Gn 2:7). No Éden, Deus se comunicava com o homem pessoalmente, e não com o seu espírito, como se o espírito de Adão fosse independente do corpo.

O Verbo eterno, ao se fazer homem, também, lhe foi preparado um corpo por Deus (Sl 40:6) e Ele foi lançado no ventre de Maria (Sl 22:9-10). Por não ser gerado do sangue, da vontade da carne e do varão, Cristo veio ao mundo sem pecado. O corpo de Cristo não era menos nobre que o seu espírito e alma, tanto que Deus garantiu que nenhum dos seus ossos seriam quebrados (Sl 34:20). Deus ressuscitou o corpo de Cristo e o glorificou, o que demonstra que o corpo não é menos nobre que o espírito.

O termo ‘pneuma’ é utilizado para fazer referência, tanto a Deus, como o Espírito eterno; ao homem, como alma vivente; à parte imaterial do homem criada por Deus; ao evangelho como doutrina; e, ao Espírito Santo. Se o leitor não souber distinguir essas nuances, quanto à aplicabilidade do termo, através do contexto onde empregado, acabará fazendo uma leitura equivocada.

Cristo falou que enviaria o Consolador, ao fazer referência à terceira pessoa da trindade; em outras passagens, é dito que Deus envia o seu espírito, ou o espírito do Seu Filho, uma referência ao evangelho de Cristo; em outras passagens, o Espírito Santo é apresentado fazendo morada no cristão, assim como o Pai e o Filho.

O posicionamento de Barclay é equivocado, conforme se lê:

“Se for assim, o cristão é distintivamente um homem em quem esta presença e poder tem entrado como não podem entrar em outros homens. Então, seria verdadeiro dizer que o espírito do cristão não é outra coisa

senão o Espírito Santo fazendo Sua habitação no homem, e dando à vida deste uma paz, uma beleza e poder que simplesmente não estão disponíveis nem são possíveis ao homem não-cristão” Idem, Pág. 17.

O espírito do homem é o homem e o Espírito Santo é a divindade, em comunhão com o homem, o que ocorre pela palavra de Deus que, também, é denominada espírito.

“Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto” (2Ts 2:2)

Quando o apóstolo Paulo escreve aos cristãos desejando que a bênção de Deus estivesse com eles, assim o faz dizendo: *‘A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito’* (Gl 6:18, Fl 4:23 e Fm 25). A graça de Deus não pode estar com o espírito dos não cristãos, mas é afeta aos espíritos dos cristãos. Espírito foi empregado por Paulo como indivíduo, não como uma personalidade cristã.

Os termos gregos arraboñ (penhor) e sfragizein (selar) que o apóstolo Paulo utilizou em conexão com o termo pneuma, não significa que o espírito do homem é a presença e o poder de Deus dentro dele. Na verdade, o apóstolo Paulo estava demonstrando que, ao Jesus conceder o Consolador, os cristãos foram selados, sendo o Consolador uma garantia da herança dos cristãos (Ef 1:13-14).

O erro de interpretação de Barclay torna-se mais nítido, quando ele faz referência à passagem bíblica de Romanos 8, versos 1 à 17, quando ele conclui que a passagem trata do Espírito de Deus e do espírito do homem.

“Este fato é exposto de modo mais claro na passagem mais rica de Paulo a respeito do Espírito Santo e o espírito do homem” Idem. Pág. 19.

A passagem de Romanos 8 apresenta o evangelho como antagônico ao mandamento de homens, ou seja, o espírito antagônico à carne, não o espírito do homem e o Espírito Santo, até porque, segundo Barclay, o homem sem Deus não tem espírito[8], e outras vezes tergiversa[9] sobre essa questão. O espírito que faz do homem um cristão diz do evangelho, não do Espírito Santo, que guia o homem a toda verdade.

Além de fazer referência ao homem, através do termo pneuma, o apóstolo Paulo faz uso do termo psuché, traduzido por alma. O termo é utilizado para fazer referência ao homem como indivíduo, ou, para fazer referência à humanidade (Rm 2:9; Rm 13:1), ou, à própria existência do indivíduo com vida física (Rm 16:4).

O adjetivo psuchikos, também é utilizado para classificar o indivíduo como natural, o que o desqualifica para compreender, por si só, as coisas de Deus, o que só é possível através da revelação do evangelho (1 Co 2:14).

O inimigo na alma

Mas, com o homem é pneuma, psuchê e sôma, verifica-se que este último termo é utilizado para fazer referência ao corpo constituído de matéria orgânica. Há passagens que utilizam o termo sôma para fazer referência ao homem sujeito ao pecado, em que o corpo é figura utilizada para fazer referência ao homem, como pertencente ao pecado, por causa da ofensa de Adão. O corpo físico é apresentado como corruptível, mas, os cristãos aguardam a sua incorruptibilidade, vez que, o que é mortal, será revestido da imortalidade.

Geralmente, o termo sôma possui um sentido negativo, quando empregado como figura, para descrever a realidade do homem sem Deus, ou, positivo, quando a serviço de Deus, mas no geral, o corpo físico não é nem bem nem mal.

O apóstolo Paulo também utiliza o termo sarx, comumente traduzido por carne, e Barclay interpreta que o tal conflito da alma se dá pela oposição carne e espírito.

“i. Sarx é a inimiga mortal do pneuma. O conflito na alma é exatamente entre a carne, para usar a tradução comum da palavra, e o espírito. ‘Estes,’ diz Paulo, ‘são opostos entre si’ (Gl 5:17). Qualquer que seja, uma outra verdade a este respeito, estas duas são forças opostas dentro da existência humana” Idem. Pág. 20.

Apesar de confessar que o termo sarx não possui uma tradução adequada, Barclay se lança a comentar o que é a carne. No item 5[10], Barclay aponta que, em certos contextos, o termo ‘carne’ significa ‘julgando por padrões humanos’. Ora, carne refere-se à concepção dos judeus, segundo o mandamento de homens que foram instruídos, o que se opõe ao evangelho, que é revelação de Deus em Cristo.

A Bíblia não trata de nenhum conflito na alma, mas, da carne como doutrina, e o espírito como doutrina. Os homens que são segundo a carne, se inclinam para as coisas da carne, que são: circuncisão, nacionalidade, tribo, genealogias, etc. A inclinação da doutrina, segundo a carne é morte, pois, não é segundo a lei de Deus e todos que seguem a carne não podem agradar a Deus.

Há passagens em que o apóstolo Paulo utiliza o termo para fazer referência a uma doutrina e, em outras, ele utiliza o termo para fazer referência às pessoas que vivem segundo essa doutrina. Os sábios, segundo a carne, diz daqueles que são versados na doutrina de homens (1 Co 1:26).

E por que o termo 'carne' passou a ser empregado como sinônimo da doutrina dos judaizantes? Porque a circuncisão se dá no prepúcio da carne, símbolo da aliança que Deus fez com os descendentes de Abraão, e que os judeus tomaram por símbolo de salvação.

Como todos os homens são constituídos, fisicamente, de carne, o termo, também, foi utilizado para fazer referência à humanidade (Rm 3:20), entretanto, o uso mais comum, é para retratar o pensamento judaico, que faz da sua carne o seu braço.

“Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, que faz da carne o seu braço, e que aparta o seu coração do SENHOR!” (Jr 17:5).

É por isso que o apóstolo Paulo alerta que, apesar de Jesus descender de Davi, segundo a carne, pelo vínculo de sangue com Maria, contudo, não podemos considerá-lo segundo esses parâmetros e nem a ninguém (2 Co 5:16). Isso porque, qualquer que era alguma coisa, segundo a carne, não tem o que comunicar a quem está em Cristo (Gl 2:6).

Viver na carne é o inverso de ser cristão, se considerarmos o judaísmo, que é a essência da carne. Daí, conclui-se que o apóstolo Paulo, como os filósofos, nunca tratou de um conflito na alma, mas, da oposição lei e evangelho, como água e óleo.

A ilustração que Barclay faz da carne é totalmente descabida, pois, a Bíblia apresenta o homem como em pecado, desde o nascimento, portanto, não há que se falar que é através da 'carne' que o pecado invade o homem [11]. O homem é formado em iniquidade e concebido em pecado (Sl 51:5), desvia-se desde a madre e anda errado desde que nasce, proferindo mentiras (Sl 58:3).

O pecado não precisa 'entrar' no homem, porque o homem já está sujeito ao pecado como escravo.

Por fim, Barckay passa a descrever as 'obras da carne' e, pelo erro inicial, com relação à carne e ao espírito, a leitura que faz das obras da carne e do fruto do espírito não passa de um equívoco generalizado.

Enquanto Barclay analisa os termos gregos utilizados pelo apóstolo Paulo, que foram traduzidos por: adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices e glotonarias, a partir do comportamento desregrado dos gregos e dos romanos (esquecendo que o apóstolo Paulo não julga os que são de fora, mas os que são de dentro), não percebe que a lista das obras da carne foi feita a partir da apostasia dos filhos de Israel, que foram postos por exemplos.

Como Deus não se agradou dos filhos de Israel, e por isso muitos pereceram no deserto, eles foram feitos figuras, para que não incorramos no mesmo exemplo de desobediência.

“E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber e levantou-se para folgar” (1 Co 10:6-7).

A lista de obras da carne tem em vista os cristãos utilizarem da lei, legitimamente, não como os que vivem, segundo a carne, pois a lei foi feita para os judeus, homens injustos e obstinados.

“Querendo ser mestres da lei e não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam. Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela usa, legitimamente; Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os devassos, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros e para o que for contrário à sã doutrina, conforme o evangelho da glória de Deus bem-aventurado, que me foi confiado” (1 Tm 1:7-11).

Vale destacar que a experiência universal da vida[12] nada pode nos comunicar com relação à verdade das Escrituras, pois, esta, é revelação e aquela, sabedoria humana, em que a sabedoria humana, invariavelmente, desembocará em mandamentos tais como: “*Não toques, não proves, não manuseies*” (Cl 2:21).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1]“*A filosofia e a teologia são essencialmente uma transcrição e uma interpretação da experiência humana, e a experiência humana é de que há um conflito na alma. Para Paulo, tratava-se de uma guerra entre duas forças opostas que chamava de carne e espírito. “Porque a carne milita contra o Espírito,” disse ele, “e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si” (Gl 5.17).”* Barclay, William, *As obras da carne e o fruto do Espírito*, Tradução Gordon Chown, Ed. Edições Vida Nova, SP, 1988. Pág. 13.

[2]“*No homem, conforme entendiam, havia duas naturezas, de modo que este sempre estava na situação de alguém que é atraído para duas direções ao mesmo tempo (...) O impulso mau estava espreitando o homem quando emergia do ventre, porque ‘o pecado jaz à porta,’ ou seja: à porta do ventre (Gn 4.7; Sanhedrin 91b) e no decurso de toda vida do homem, permanecia ‘seu inimigo implacável’ (Tanhuma, Beshallah 3). O conflito na alma fazia parte da herança da crença judaica”* Barclay, William, *As obras da carne e o fruto do Espírito*, Tradução Gordon Chown, Ed. Edições Vida Nova, SP, 1988. Pág. 13.

[3]“*O cavalo nobre é a razão e o cavalo indócil é a paixão; o cavalo de natureza má ‘sobrecarrega o carro’ e o arrasta para a terra. Aqui, também, há o mesmo quadro de guerra e tensão, sempre com a terrível possibilidade da ruína como consequência”*. Idem.

[4]“*O mal do corpo veio a ser uma das ideias dominantes do pensamento hebraico. SômaSêma, o corpo é um túmulo, dizia o provérbio rimado órfico. O corpo, disse Filolao, é uma casa de detenção onde a alma é aprisionada para expiar seu pecado. Epíteto pode dizer que tem vergonha de possuir um corpo, que*

é uma 'pobre alma algemada a um cadáver' (Fragmento 23). Sêneca fala da 'habitação detestável' do corpo e da carne vã a que a alma está aprisionada (Cartas 92.110). 'Desprezem a carne,' diz Marco Aurélio, 'sangue e ossos e a rede que é uma meada torcida de nervos, veias e artérias' (Meditações 2.2).

[5]*"Descobrir o que Paulo quer dizer com espírito, o pneuma, não é totalmente fácil. A dificuldade torna-se clara quando comparamos diferentes textos gregos do NT com diferentes versões, porque as versões não concordam entre si quanto à ortografia de espírito e pneuma, com ou sem maiúscula inicial, ou seja, quando a referência diz respeito ao Espírito de Deus ou ao espírito do homem (...) Mas, o verdadeiro problema é saber se o pneuma, o espírito, faz parte do homem propriamente dito, ou se é apenas uma parte do homem depois de ele se tornar cristão; se o pneuma faz parte da natureza humana ou se é o dom de Deus para a natureza humana redimida" Idem. Pág. 17.*

[6]*"Ainda mais, o pneuma é o elo entre Deus e o homem; é através do pneuma que Deus pode falar aos homens e que os homens podem ter comunhão com Deus" Idem. Pág. 17.*

[7]*"Por intermédio da alma, o espírito pode subjugar o corpo, para que obedeça a Deus. Da mesma forma, o corpo, através da alma, pode levar o espírito a ter amor pelo mundo. Desses três elementos, o espírito é o mais nobre porque se une com Deus. O corpo é inferior, pois está em contato com a matéria" Nee, Watchman, 'O homem espiritual' Vol. 1, Editora Betânia - Belo Horizonte, 2002, Pág. 34.*

[8]*"Pode ser dito que para Paulo o espírito do homem é o poder de Deus que nele habita ou, num outro modo de expressar o fato, é o Cristo ressurreto que reside nele" Idem. Pág. 19.*

[9]*"Além disso, é exatamente a possessão desse espírito que torna o homem diferente da criação animal" Idem. Pág. 17.*

[10]*"v. Paulo usa sarx em frases e contextos onde usaríamos uma frase tal como: 'julgando por padrões humanos" Idem. Pág. 21.*

[11]*"A essência da carne é a seguinte. Nenhum exército pode invadir um país pelo mar a não ser que possa obter uma cabeça de ponte. A tentação não teria a capacidade de afetar os homens, a não ser que houvesse algo já existente no homem que correspondesse à tentação. O pecado não poderia obter nenhuma*

cabeça de ponte na mente, coração, alma e vida do homem a não ser que houvesse um inimigo dentro dos portões que tivesse disposto a abrir a porta para o pecado. A carne é exatamente a cabeça de ponte, através da qual o pecado invade a personalidade humana. A carne é como o inimigo do lado de dentro e que abre o caminho para o inimigo que está forçando a porta” Idem. Pág. 24.

[12]“*Mas de onde vem esta cabeça de ponte? De onde surgiu este inimigo do lado de dentro? É experiência universal da vida que um homem pela sua conduta capacita-se ou não a experimentar certas coisas”* Idem. Pág. 24.

Tiago 2 - Fé e obras

De nada aproveita ao homem dizer que tem fé (que crê em Deus) e não ter obras (obedecer). Só é plenamente aceitável e aproveitável se ele tiver fé (crer) e as obras (obedecer).

Tiago 2 - Fé e obras

Introdução

O comentário ao capítulo 1 da Carta do apóstolo Tiago contém os elementos necessários à interpretação do capítulo 2.

Declarações do apóstolo como: “[Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma](#)”, ou “[assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta](#)”, tem suas bases no capítulo um.

Antes de continuarmos a explicação versículo à versículo, já é possível determinarmos o tema central da carta: a perseverança dos cristãos no

evangelho.

A prova da VOSSA fé produz a perseverança (Tg 1:2). Neste versos Tiago destaca que o crente que suporta a provação é bem-aventurado (v. 12). A perseverança é condição essencial para se alcançar à bem-aventurança prometida por Deus aos que O amam (v. 25).

[“Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.”](#) (Mateus 24:13).

Nesta linha de raciocínio, o apóstolo Paulo também destacou que a perseverança é produzida na tribulação (Rm 5. 3). O escritor aos Hebreus também demonstrou que é necessária a perseverança depois que se crê em Cristo:

[“Porque necessitais de perseverança, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa”](#) (Hb 10:36).

Perseverança: Obra completa da fé (confiança, crença) posta à prova (Tg 1:3-4);

A vontade de Deus: [“Que creiais naquele que ele enviou”](#) (Jo 6:29).

Apesar de estar endereçada ‘às doze tribos da dispersão’ (Tg 1:1), o conteúdo da carta é de suma importância a todos os cristãos, e não somente aos cristãos convertidos dentre os judeus.

O apóstolo Tiago demonstra que a fé (confiança) do cristão ao ser provada desenvolve a perseverança. Esta ideia é confirmada pelo apóstolo Paulo: [“E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência...”](#) (Rm 5:3).

A prova da fé (confiança) produz a perseverança, e a perseverança é a obra completa da fé (confiança), como se lê abaixo:

[“Sabendo que a prova de vossa fé obra a paciência. Tenha porém a paciência a obra perfeita, para que perfeitos e totalmente finados se torneis, em nada faltando”](#)

Novo Testamento - 2ª impressão - Data da edição: 1693, com

introduções e resumos da edição de 1681 de Amsterdam, além de Notas de Rodapé dos revisores - Impresso na Batávia (Ilha de Java). SBB.

Tiago insta os leitores a entenderem que a prova da confiança deles produz a perseverança. Após a provação, restava aos cristãos e estarem de posse da perseverança, que é a obra completa (perfeita) da confiança que nutriam no evangelho.

Este aspecto da confiança dos cristãos é retratado pelo apóstolo Paulo aos cristãos de Tessalonicenses, ao enfatizar a perseverança de Cristo:

[“Ora o Senhor encaminhe os vossos corações no amor de Deus, e na paciência de Cristo” \(2Ts 3:5 \).](#)

Tanto o apóstolo Paulo quanto Tiago concordam que a perseverança é a obra perfeita da fé (crer):

[“Bem-aventurado o homem que suporta com perseverança a provação...” \(Tg 1:12 ; Rm 5:3 \).](#)

O homem será bem-aventurado no que realizar quando suporta a provação, visto que atenta para a lei perfeita, a da liberdade. Esta é a obra a se executar: a perseverança (Tg 1:25).

A fé que Tiago faz referência diz da confiança do individuo na palavra da verdade. Decorre da fé (evangelho) que uma vez foi dada aos santos (Jd 1:3). A confiança em Cristo quando provada (produz) a perseverança.

Em resumo, o capítulo um demonstra a obra da confiança do homem (fé) quando provada: a perseverança.

A perseverança é algo próprio da confiança, pois se alguém confia persevera. A fé como verdade, fundamento, fidelidade, não vem do cristão, mas de Deus, e a perseverança é resultado de uma confiança inabalável na fidelidade revelada no evangelho. A perseverança (fé) é característica de quem possui a fé (evangelho).

Alerta Segundo a Lei Real

1 Meus irmãos, não tenhais a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas.

Novamente o apóstolo Tiago demonstra a fraternidade em Cristo: meus irmãos.

A fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória é coletiva. A fé no sentido de evangelho pertence ao Senhor da glória e ela foi dada aos cristãos (Jd 1:3 ; Ef 2:8 ; Tg 1:3).

Apesar da fé ser entregue aos santos, estes não deviam tê-la em acepção de pessoas, pois o evangelho não era só para os judeus, mas para todos os povos.

Este versículo é um aconselhamento, e em seguida é dado um exemplo.

2 Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com trajes preciosos, e entrar também algum pobre com sórdido traje, 3 E atentardes para o que traz o traje precioso, e lhe disserdes: Assenta-te tu aqui num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé, ou assenta-te abaixo do meu estrado, 4 Porventura não fizestes distinção entre vós mesmos, e não vos fizestes juizes de maus pensamentos?

O exemplo de acepção de pessoas para ter o foco nas diferenças socioeconômicas, no entanto, não é esse o objetivo de Tiago.

Imaginemos que em uma reunião formada por cristãos judeus entrasse um com anel de ouro, e outro maltrapilho, e aquele com traje precioso fosse honrado e o maltrapilho desprezado, é evidente que houve acepção de pessoas.

Mas, Tiago não estava escrevendo a judeus, mas a cristãos convertidos dentre os judeus, e como a entrada de pessoas nas reuniões dos cristãos era livre, diferente do ajuntamento dos judeus, nas reuniões os cristãos convertidos dentre os judeus não podiam fazer acepção de pessoas, preferindo os judeus em detrimento dos gentios.

Em um primeiro momento o exemplo parece hipotético, porém, a exortação torna-se incisiva, isto porque fizeram distinção entre eles mesmos, preferindo uns em

detrimento de outros. A distinção que faziam não era por questões econômicas, pois um judeu em uma sinagoga não era rejeitado por ser pobre, e sim por questões de nacionalidade.

5 Ouvi, meus amados irmãos: Porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?

O agora é o momento para qual os cristãos foram preparados: “Ouvi, meus amados irmãos...” (Tg 1:19).

A linguagem utilizada neste verso é essencialmente evangelística: Deus escolheu os ‘pobres aos olhos do mundo’ para serem ‘ricos na fé’.

Os termos ‘ricos’ e ‘pobres’ neste verso não tem viés econômico, antes são duas figuras para fazer referência, respectivamente, àqueles que crucificaram o Cristo e àqueles que aceitam o evangelho de Cristo. Compreendendo essas duas figuras, evidencia a essência do exemplo do homem com anel no dedo e o de traje andrajoso.

Neste versículo não há qualquer promessa melhora ou mudança na condição financeira dos cristãos. Qualquer tipo de promessa de melhora na condição financeira dos cristãos após aceitarem a Cristo não é bíblica.

Observe que a promessa confere direito aos cristãos, porém, a herança está atrelada ao reino prometido, que não é deste mundo.

6 Mas vós desonrastes o pobre. Porventura não vos oprimem os ricos, e não vos arrastam aos tribunais?

O irmão Tiago é incisivo e expõe um problema no seio da igreja: “Mas vós desonrastes o pobre”. Aqueles que precisavam ouvir tal queixa e acusação já haviam sido preparados – sejam prontos a ouvir e perseverantes.

Que pobre eles desonraram? O irmãos em Cristo convertido dentre os gentios. E quem eles honravam? Alguém que tinha por sobrenome judeu, a mesma estirpe

de pessoas que oprimiam os seguidores de Cristo e os arrastavam aos tribunais.

Aqueles que sofreram a afronta também estavam preparados: sejam tardios em falar, e tardios em irar.

O tema da carta é perseverar, e no capítulo 1, Tiago reuniu elementos que preparou o ânimo dos seus leitores, pois os humildes são chamados de irmãos e herdeiros de alta posição: filhos de Deus; mas, os ricos, possuem um veredicto: passará como a erva (Tg 1:9 -10).

Só os humildes permanecem para sempre, o que contrasta com a condição do rico, que é fugaz:

“E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.” (I João 2:17)

Recomendações

7 Porventura não blasfemam eles o bom nome que sobre vós foi invocado?

Os ricos segundo os parâmetros deste mundo, além da opressão que impunham aos cristãos, acabavam por levá-los aos tribunais.

8 Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real: Amarás a teu próximo como a ti mesmo, bem fazeis.

Se os leitores da carta de Tiago andassem conforme as Escritura (A. T.), estariam realizando o bem *“E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem” (2Ts 3:13).*

Observe a distinção que Tiago faz dos elementos da lei ao citar um único trecho de Levítico (a Escritura): deveriam cumprir a lei real, ou o que foi instituído por Cristo *“Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR” (Lv 19:18 ; Mc 12:31).*

9 Mas, se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, e sois redarguidos pela lei como transgressores.

O apóstolo Tiago faz esta declaração com base neste versículo: “Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado” (Tg 4:17).

Aquele que não anda conforme a lei real, este é transgressor e comete pecado, pois tal pessoa ainda não teve um encontro real com Cristo “Aquele que diz que está na luz, e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas” (1Jo 2:9).

10 Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos.

Este é um parâmetro da lei: um ‘simples’ tropeço em qualquer ponto leva a pessoa subordinada a ela a derrocada total.

11 Porque aquele que disse: Não cometerás adultério, também disse: Não matarás. Se tu, pois não cometeres adultério, mas matares, estás feito transgressor da lei.

Este versículo é um exemplo aplicado dos parâmetros da lei que foi apresentado no versículo anterior.

12 Assim falai, e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade.

Este versículo contempla o argumento do apóstolo João: “Aquele que diz que está na luz, e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas” (1Jo 2:9). O procedimento do cristão deve estar em conformidade como que ele professa.

Ao falar: “Amarás o teu próximo, como a ti mesmo”, deveriam proceder conforme o que diziam. Deveriam falar conforme a lei régia e proceder conforme ela estipula.

Aquele que procede conforme o que fala, age assim por saber que será julgado pela lei da liberdade. Tal julgamento é de obras e se dará no Tribunal de Cristo “Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo” (Rm 14:10); “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (2Co 5:10).

A lei da liberdade nos remete ao versículo vinte e cinco do capítulo um: “Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecimento, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito” (Tg 1:25).

Aquele que não é relapso, ou seja, que atenta bem para a lei da liberdade, cumpre com o determinado e é bem-aventurado no seu feito.

Ele é bem-aventurado por suportar com perseverança a tentação. A fé que ele recebeu deve se desenvolver, tornando-se perseverante.

13 Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa do juízo.

A misericórdia divina só é demonstrada aos homens em particular quando este tem um encontro com Ele.

Sabemos que Deus amou o mundo de tal maneira, e que deu o seu Filho unigênito. Está é a misericórdia de Deus demonstrada ao mundo, em que seu Filho morreu, sendo nós ainda pecadores.

Mas, para que o homem seja participante desta misericórdia deve crer em Cristo para ser participante da luz.

Todos aqueles que creem em Cristo são participante de sua natureza e devem andar como ele andou. Contudo, devemos observar o que diz o apóstolo João: “Outra vez vos escrevo um mandamento novo, que é verdadeiro nele e em vós; porque vão passando as trevas, e já a verdadeira luz ilumina. Aquele que diz que está na luz, e odeia a seu irmão, até agora está em trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo. Mas aquele que odeia a seu irmão está

em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos” (1Jo 2:8 -11).

Aquele que não faz misericórdia é porque está em trevas e anda nas trevas. Não conhece a Deus, ou antes, não é conhecido por Ele. Tal homem, por não ser perseverante, ou seja, não continuou na fé que professava, uma vez viu, mas agora não sabe para onde deva ir, pois as trevas cegaram os seus olhos.

Estes são aqueles que não fazem misericórdia e terão o juízo de Deus.

O apóstolo João é bem claro com relação ao amor: “Ora, o seu mandamento é este, que creiamos no nome do seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou” (1Jo 3:23).

O mandamento de Deus é claro: “Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6:29). Somente após crer no enviado do Pai, é que o amor ao semelhante passa a ter valor diante de Deus. Devemos nos amar segundo o mandamento que foi ordenado: que creiais naquele que Ele enviou.

Porventura a Fé pode salvá-los?

14 Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?

O apóstolo Tiago continua a exposição do versículo doze: “Assim falai, e assim procedei...”. Qual o proveito se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Esta pergunta encontra resposta nos versículos seguintes.

“Meus irmãos, que aproveita, se alguém disser que a fé tem, e as obras não tiver? porventura pode o a [tal] fé salvar?”

Novo Testamento - 2ª impressão - Data da edição: 1693, com introduções e resumos da edição de 1681 de Amsterdam, além de Notas de Rodapé dos revisores - Impresso na Batávia (Ilha de

Java). SBB.

O leitor deve observar atentamente a construção do versículo 14: alguém diz que tem fé, porém, ele não tem as obras.

De nada aproveita ao homem ter fé e não ter obras. Só é plenamente aceitável e aproveitável se ele tiver a fé e as obras.

Certa feita algumas pessoas se acercaram a Cristo e perguntaram: “Que faremos para executarmos as obras de Deus?” (Jo 6:28). Jesus respondeu: A obra de Deus é esta: “Que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6:29).

O que esta passagem nos ensina? Que as pessoas geralmente estão em busca de algo material, e não de Deus. A multidão estava a procura de Jesus por causa do pão que comeram (v. 26), porém, a mensagem e os sinais demonstrados não os fez compreender que Jesus era o Cristo (v. 27).

Quando Jesus demonstra que eles o buscavam de maneira enfatuada, interpelaram: “Que faremos para executar a obra de Deus?”.

Geralmente os homens que ainda não tiveram um encontro com Cristo, entendem que para se aproximar de Deus, ou que para agradá-lo, é necessário fazer alguma coisa. Observe que a multidão queria fazer a obra de Deus.

Quando Jesus revela a obra a ser realizada (que creiais naquele que ele enviou), estes apresentam empecilhos: “Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que operas tu?” (Jo 6:30).

A humanidade é voluntariosa quando se proclama afazeres. Constroem grandes templos, fazem grandes sacrifícios, são generosos nas esmolas, porém, quando tomam ciência do que devem fazer, que é crer em Cristo, estes pedem um sinal.

O jovem rico ao se aproximar de Jesus fez a mesma pergunta: “Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna?” (Mt 19:16). Jesus enumerou algumas coisas pertinentes à lei, e o jovem rico demonstrou que aquela era sua prática de vida, mas ele queria fazer algo mais para ter garantia da vida eterna “Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda?” (Mt 19:20).

Jesus aponta o essencial para que ele alcançasse a perfeição: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu;

e vem, e segue-me” (Mt 19:21).

A condição para alcançar a perfeição não estava no disponibilizar das riquezas, antes na crença na palavra de Cristo. Quando Jesus lhe apresentou a obra a ser realizada (crer naquele que Deus enviou), o Jovem rico recuou.

Nestas passagens Cristo confirma as palavras do apóstolo Paulo ao dizer que a salvação é por meio da fé “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2:8). Ou seja, que “...sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam” (Hb 11:6).

Também somos informados que as boas obras Deus preparou de ante mão para que andássemos nela “Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10). Ou melhor, que as boas obras são feitas, realizáveis em Deus “Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus” (Jo 3:21).

Reiterando: a salvação é por meio da fé e as boas obras foram preparadas por Deus e são feitas Nele.

Através desta análise podemos demonstrar que há uma grande diferença entre ‘obras da fé’ e o que chamamos de ‘boas ações’.

‘Boas ações’ são pertinentes e possíveis de serem realizadas por todos os homens e independe da fé. Tanto o crente quanto o incrédulo podem e devem realizar boas ações aos seus semelhantes. Mesmo aqueles que não creem em Cristo realizam boas ações, e nem por isso serão salvos.

Desta maneira é possível verificar que ‘boas obras’ não está vinculado a procedimentos humanos, já que as boas obras só são realizáveis quando o homem está em Deus por meio de Cristo.

Verifica-se que boas obras e más obras são termos utilizados que fazem referência tanto ao comportamento humano, quanto ao que é realizável em Deus “Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela” (Rm 13:3).

O que define quando o texto faz referência a ‘boas ações’ e a ‘boas obras’? O

contexto geralmente aponta qual a ideia a se considerar. Na citação acima, temos que 'boas obras' é o fazer 'boas ações', ou seja, o bem.

Este versículo contém elementos para nortear o entendimento do leitor, porém, há vários versículos que não dispõe do contexto para uma boa interpretação. Nestes versículos o que vale é o posicionamento doutrinário adotado pelos apóstolos.

Um exemplo claro de que devemos nos valer do posicionamento doutrinário adotado pelos apóstolos está neste versículo que estamos analisando.

A análise que fizemos acima aponta os seguintes posicionamentos doutrinários:

- Sabemos que a salvação é por meio da fé;
- Que a salvação é dom de Deus;
- Que a salvação não é por obras, para que ninguém se glorie;
- Que as boas obras são feitas em Deus;
- Que não é possível ao homem realizar a obra de Deus;
- Basta ao homem crer no enviado de Deus para se alcançar a salvação.

O versículo que estamos analisando apresenta os elementos seguintes:

[“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?”](#)

O versículo aponta que é necessário ter fé e ter as obras. Em momento algum o apóstolo Tiago alude que a prática de boas obras é o meio pelo qual se alcança a salvação. Em momento algum ele afirma que boas obras auxilia a fé.

Observe que as obras pertencem à fé (obras da fé). As obras da fé que Tiago faz alusão não podem ser confundidas com 'boas ações'.

Neste versículo o apóstolo não fala de prática de boas obras, ou prática de boas ações. Ele fala de posse da fé e posse das obras da fé.

É totalmente pertinente o que Tiago escreveu e o que os outros apóstolos escreveram.

Primeiro porque a Bíblia demonstra que a fé é proveniente de Deus [“E pela fé no seu nome fez o seu nome fortalecer a este que vedes e conheceis; sim, a fé que](#)

vem por ele, deu a este, na presença de todos vós, esta perfeita saúde” (At 3:16 ; Rm 12:3 ; 1Co 12:9).

Qualquer tipo de prática não torna o homem agradável a Deus “Ora, a lei não é da fé; mas o homem, que fizer estas coisas, por elas viverá” (Gl 3:12).

Novamente o apóstolo Paulo excluiu qualquer prática: “Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça” (Rm 4:5).

Não existe contradição alguma entre Paulo e Tiago, pois Tiago não fala em pratica de obras, mas sim da posse da posse das obras da fé.

Para ilustrar a ideia, Tiago estabelece um exemplo:

Fé e Obras

15 E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, 16 E algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?

Estes dois versículos são bases para um comparativo.

Perceba que os dois versículos não constituem uma exortação à prática destas ações, pois a questão de alimentar o faminto era algo já resolvido entre os cristãos, tão resolvido que o apóstolo utiliza como exemplo para mostrar a inutilidade da fé sem as obras.

É uma constante em nossos dias utilizar este comparativo como base para instar as pessoas a serem praticantes de boas ações. Para isso utilizam o jargão: ‘Está escrito’! Está escrito que de nada adianta visitar o irmão necessitado sem dar-lhe o necessário ao sustento.

Estes dois versículos são duas perguntas com respostas prontas. O apóstolo já sabia da resposta dos leitores.

'Meus irmãos, qual é o proveito...?' (v. 14)

'Se (...) qual o proveito disso?' (v. 15- 16).

A resposta do versículo quatorze é negativa, e a dos versículos quinze e dezesseis era de se esperar negativa.

É necessário dar alimento e roupa a quem tem necessidade? Sim! Mas, a ideia em discussão vem do versículo seguinte:

17 Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.

Novo Testamento - 2ª impressão - Data da edição: 1693, com introduções e resumos da edição de 1681 de Amsterdam, além de Notas de Rodapé dos revisores - Impresso na Batávia (Ilha de Java). SBB.

O versículo inicia-se através de uma comparação com o exemplo do versículo anterior. A leitura da ideia do versículo anterior é de que nada adianta falar ao necessitado que se satisfaça sem prover-lhe os meios para tanto. Assim também, ou seja, da mesma forma a fé.

Assim também a fé é sem efeito, ou seja, em si mesma está morta, pois não tem o que lhe é próprio: as obras. As obras são concernentes a fé, de sorte que se ela não tiver as obras, a morte também lhe será própria.

Quais são as obras da fé?

A paciência é a obra perfeita da fé e nela estão contidas todas as outras obras. Observe:

“Sabendo que a prova da vossa fé opera a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma” (Tg 1:3 -4).

Os cristãos deveriam ter a paciência, a obra perfeita da fé!

O apóstolo não faz referência à prática de obras, mas a posse da obra perfeita da fé.

É certo que a perseverança termina a obra que teve início através da fé, e que

nela estão inclusas todas as outras obras.

O texto é claro: a fé quando provada produz a paciência, a obra perfeita da fé.

A obra em discussão é a da fé, e não a obra do homem que pratica boas ou más ações.

Sobre as questões comportamentais da nova criatura (as boas obras), o apóstolo Paulo recomenda aos cristãos agirem em conformidade ao 'fruto do Espírito' [“Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito”](#) (Gl 5:22 -25).

O apóstolo Tiago ao falar das obras da fé retrata as mesmas questões do apóstolo Paulo quando fala do fruto do Espírito. As obras da fé e o fruto do Espírito são questões pertinentes ao homem interior, que devem influenciar o comportamento deste mesmo homem nas suas relações com o mundo [“Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito. Não sejamos cobiçosos de vanglórias, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros”](#) (Gl 5:25 -26).

Observe que o fruto é do Espírito da mesma forma que as obras são da fé. Se tal fé não possuiu as obras que dela decorrem, é morta em si mesmo. Aquele que possui a fé deve também estar de posse das obras que a fé produz [“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?”](#) (v. 14).

As obras que o crente deve ter posse são as da fé, e difere das boas ações que os cristãos devem efetivamente praticar (diferente de ter).

É fácil visualizarmos que as obras da fé não dizem respeito às questões comportamentais (obras do homem) quando compreendemos que todos os homens, sejam salvos ou não, podem praticar boas ações.

De outra forma, é fácil verificarmos que as boas obras dizem respeito àqueles que vêm para Cristo por meio da fé, e que tais obras somente se realizam em Deus (Jo 3:21 ; Is 26:12 ; Ef 2:10). Ou seja, não é possível àqueles que não aceitaram a Cristo como salvador terem boas obras ou o fruto do Espírito. Primeiro porque não são nascidos do Espírito; Segundo porque as boas obras são feitas em Deus.

Porém, há um outro aspecto a se considerar com relação àqueles que estão em Cristo: o homem regenerado realiza as boas obras por estarem em Deus por meio de Jesus, conforme lemos em Isaías “SENHOR, tu nos darás a paz, porque tu és o que fizeste em nós todas as nossas obras” (Is 26:12); porém, este mesmo homem realiza boas e más ações, e estas serão provadas como pelo fogo quando do Tribunal de Cristo (2Co 5:10) “E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, A obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo” (1Co 3:12 -15).

A Nova Criatura:

- É nascida de Deus “O que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3:6);
- As boas obras são feitas em Deus “... a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus” (Jo 3:21);
- As boas obras foram preparadas por Deus “...criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10);
- Porém, a nova criatura pode praticar boas e más ações “... cada um receberá segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (2Co 5:10);
- E será salvo “...mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo” (1Co 3:12 -15);
- Ele é salvo por meio da fé e deve estar de posse das obras da fé. É espiritual e deve andar (comportar) segundo o Espírito (Gl 5:25).

A Velha Criatura

- É nascida da semente de Adão “Necessário vos é nascer de novo” (Jo 3:7), e precisa nascer novamente, da semente incorruptível, a palavra de

Deus;

- As suas obras são más “...os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más” (Jo 3:19);
- Fazer o mal está ligado à natureza, e não as ações do homem não regenerado “Porventura pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Tampouco podeis vós fazer o bem, acostumados que estais a fazer o mal” (Jr 13:23);
- A velha criatura pode fazer boas e más ações, porém não pode realizar o bem “Não há quem faça o bem, não há nem um só” (Rm 3:12);
- Como a velha natureza está vendida ao pecado como escrava, por mais que se tenha vontade, não realizará o bem “...com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem” (Rm 7:18); Por mais que se queira fazer o bem é uma impossibilidade que reside na natureza decaída, que é escrava do pecado;
- Por mais que pratiquem boas ações, jamais a velha criatura verá o reino dos céus, pois sobre ela pesa uma condenação “...quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (Jo 3:18);
- Por mais que pratiquem boas ações, a velha criatura não possui a fé e as obras da fé. Ela não vive no Espírito e não pode andar em Espírito (Gl 5:25).

A Perseverança

A carta de Tiago não foge do tema que está na introdução. Na introdução fica claro que o tema da carta é: “perseverança, obra perfeita da fé” (Tg 1:2 -4).

Os outros escritores também fizeram referência à perseverança, e eles têm a mesma ideia sobre o seu valor.

Paulo disserta sobre o amor em I Co 13, e de maneira semelhante Tiago disserta quase que exclusivamente sobre a perseverança em sua carta.

Sobre a fé sabemos que ela foi implantada no cristão através da palavra da verdade, que é poderosa para salvar as nossas almas (Tg 1:21). O apóstolo Pedro

nos informa que o objetivo fim da nossa fé é salvação das nossas almas (1Pe 1:9).

Assim como Pedro, Tiago também nos informa que a fé é provada (1Pe 1:7 ; Tg 1:3).

Veja nas referências abaixo a harmonia de ideia entre Pedro e Tiago:

Aquele que é perseverante em observar a lei perfeita, a da liberdade, receberá a coroa da vida (1Pe 1:22 -23; Tg 1:21 e 25). Compare os textos.

A segunda carta de Pedro tem início semelhante à carta de Tiago. Pedro cumprimenta com graça e paz todos aqueles que receberam a fé por meio do conhecimento de Deus, que deu tudo que diz respeito a vida e a piedade. A essa fé alcançada deveriam diligentemente acrescentar as obras da fé.

O apóstolo Pedro enumera as obras da fé: “E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, E à ciência a temperança, e à temperança a paciência, e à paciência a piedade, E à piedade o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados. Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 1:5 -11; Gl 5:22 -23 ; Tg 3:17).

Observe que os elementos que se deve ter acrescentado à fé não diz de afazeres (prática de ações ou obras). Não são os afazeres que se deve acrescentar a fé, antes os cristãos deve ter a posse da fé, e somado a ela estas outras virtudes, produzidas por meio da fé (bondade, conhecimento, domínio próprio, perseverança, piedade, fraternidade e amor). Se a fé produz (obra) a paciência, da mesma forma ela produz as virtudes enumeradas acima.

Aquele que está de posse das virtudes que decorrem da fé não estará ocioso, mas se aplicará em produzir boas ações no conhecimento de Cristo Jesus.

Da mesma forma, Tiago receita aqueles que sentissem falta de alguma coisa, que pedissem a Deus sabedoria (Tg 1:5), que a todos concederia do alto (Tg 1:17), a

sabedoria que é pura, pacífica, moderada, tratável, misericordiosa e de bons frutos, imparcial e honesta (Tg 3:17).

Novo Testamento - 2ª impressão - Data da edição: 1693, com introduções e resumos da edição de 1681 de Amsterdam, além de Notas de Rodapé dos revisores - Impresso na Batávia (Ilha de Java). SBB.

Tendo posse desta sabedoria, o cristão tem os meios para mostrar através do seu bom comportamento em mansidão de sabedoria as suas obras. Se o cristão é completo, tem fé e obras, deve por meio do seu bom procedimento mostrar as suas obras em mansidão.

- É a perseverança que termina a obra que teve início na fé (Tg 1:3) - “Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa” (Hb 10:36). É preciso considerar que a vontade de Deus é que se creia naquele que Ele enviou. Ou seja, primeiro se crê na mensagem do evangelho e para que se possa alcançar a promessa precisa ter a perseverança, a obra perfeita da fé.
- Não há como dissociar perseverança e fé (Tg 1:12) - “Para que vos não façais negligentes, mas sejais imitadores dos que pela fé e paciência herdaram as promessas” (Hb 6:12). A carta de Tiago trabalha esta ideia desde o início (2Ts 1:4).
- A carta de Tiago trata do que se deve ter e acrescentar à fé - “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, E a paciência a experiência, e a experiência a esperança. Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos” (Rm 5:3 -4; Rm 8:25). Tiago trata do comportamento do cristão enquanto com perseverança se aguarda a promessa.
- A salvação se opera através da obra perfeita de fé - “Mas, se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; se somos consolados, para vossa consolação é, a qual se opera suportando com paciência as mesmas aflições que nós também padecemos” (2Co 1:6). A salvação se opera suportando com paciência as mesmas aflições que sobrevieram aos apóstolos.

A obra que a fé opera (produz) está relacionada ao homem interior, e o capítulo um bem demonstra esta verdade.

18 Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.

Novo Testamento - 2ª impressão - Data da edição: 1693, com introduções e resumos da edição de 1681 de Amsterdam, além de Notas de Rodapé dos revisores - Impresso na Batávia (Ilha de Java). SBB.

Diante da afirmação anterior, alguém poderia contradizer o apóstolo dizendo: Tu tens a fé, ou seja, a afirmação é o mesmo que por em descrédito o argumento do apóstolo que acabou de dizer que a fé sem as obras é morta.

A resposta do apóstolo é: “...e eu tenho as obras:”, ou seja, ‘... e eu (que ou digo) tenho as obras’. Este alguém que diz: “Tu tens fé”, estaria querendo apontar um possível erro conceitual do apóstolo, porém, Tiago reafirma o seu posicionamento: “E eu tenho obras”.

O apóstolo Tiago põe a prova o que estava afirmando: “mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras”.

O apóstolo não descarta a fé, pois o seu discurso é para que se tenha ‘as obras’ da fé. Observe que as obras é o elemento essencial da fé, pois como alguém sem as obras da fé poderia demonstrar a fé? “Mostre-me a tua fé sem as tuas obras”.

Tiago se propõe a demonstra a sua fé por intermédio de suas obras. Como a paciência é a obra perfeita da fé, é facilmente demonstrável a fé por meio do que ela produz.

A Fé Morta

19 Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremeçam.

A crença em um só Deus é importante, porém, é inócua tal crença se não se fizer

acompanhar as obras.

“NÃO se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.”
(João 14:1).

De nada adianta dizer crer em Deus se o indivíduo não crê no testemunho que Ele deu acerca do seu Filho. As Escrituras é um testemunho vivo que Deus deu do seu Filho, e aqueles que creem em Cristo realizam a ‘obra’ exigida por Deus, pois Cristo mesmo disse: - ‘A obra de Deus é está: que creiais naquele que ele enviou!’

20 Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?

A insensatez de alguns em compreender a mensagem do apóstolo sobre as obras da fé, leva o apóstolo a dar exemplos:

21 Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?

A fé de Abraão foi demonstrada na perseverança em levar o seu único filho até o altar de sacrifício. Sobre este aspecto o escritor aos Hebreus assim escreveu: *“Pela fé ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito”* (Hb 11:17).

Abraão não se fez de rogado quando lhe sobreveio a provação, permanecendo firme.

Abraão foi justificado quando creu em Deus, porém a sua fé provada se demonstrou mais preciosa que o ouro, e as suas obras testemunharam acerca de sua fé *“Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo”* (1Pe 1:7).

Em Gn 15:6 a fé de Abraão foi lhe imputada para justiça, ou seja, Deus justificou a Abraão, e sobre este aspecto Paulo afirma: *“Pois, que diz a Escritura? Creu*

Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Ora, àquele que faz qualquer obra não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça” (Rm 4:3 -5).

O aspecto que Paulo comenta é o da declaração divina acerca do homem: aquele que crê que Deus justifica o ímpio, esta fé é imputada como justiça. Abraão não tinha praticado nenhuma obra, mas creu. Ele estava de posse da fé que veio por meio da palavra de Deus, que lhe fez a promessa.

Tiago comenta Gn 22, onde a ação de Abraão confirma a sua fé em Deus. Neste ponto é as obras de Abraão que o justifica, ou seja, são as obras que dizem algo à respeito do pai Abraão. Em Gênesis quinze, Deus declara algo sobre Abraão, e em Gênesis vinte e dois, as obras dizem algo acerca do patriarca “...pelas obras justificado...” (v. 21).

22 Bem vêes que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada.

Através do exemplo anterior o apóstolo espera que o leitor insensato possa ver que a fé coopera com as obras, e que pelas obras a fé é aperfeiçoada. Ou seja, a prova da fé leva ao aperfeiçoamento da fé, resultando em obras pertinentes à fé.

23 E cumpriu-se a Escritura, que diz: E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus.

Tiago citou dois pontos distintos da Escritura: Gn 15:6 , da justificação pela fé, e 2Cr 20:7 , onde Jeosafá em pé na congregação nomeia Abraão de “amigo de Deus”.

A escritura cumpriu-se na seqüência exata e em dois pontos distintos: Deus justificou a Abraão (Gn 15:6), e a sua perseverança na fé, apesar da prova, concedeu-lhe a dádiva de ser chamado de amigo de Deus “Porventura, ó nosso Deus, não lançaste fora os moradores desta terra de diante do teu povo Israel, e não a deste para sempre à descendência de Abraão, teu amigo?” (2Cr 20:7).

O cumprimento da Escritura se dá em dois momentos: Quando Deus justifica o crente Abraão e ele persevera mesmo quando a sua fé foi provada, o que lhe deu o título de amigo de Deus posteriormente. Se Abraão não estivesse de posse da obra perfeita da fé, a perseverança, jamais teria recebido o título de amigo de Deus.

24 Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé.

Este versículo demonstra que o homem é justificado pelas obras da fé. Ou seja, o homem não é justificado somente pela fé, mas pela fé e pelas obras que esta fé produz (Tg 1:4).

25 E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários, e os despediu por outro caminho?

A ação de Raabe em esconder os espias de Israel demonstra de maneira clara que ela havia crido em Deus. O que ela ouviu acerca do Deus de Israel foi o bastante para que ela alcançasse a fé, que logo em seguida foi posta à prova (Js 2:1 -24).

26 Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.

Tiago conclui o pensamento com uma comparação. Assim como o corpo sem o espírito está morto, a fé sem obras é morta.

A fé sem as suas obras é morta. Não há referência as obras ou ações humanas como meio para se alcançar o favor de Deus.

O favor de Deus foi demonstrado, sendo que Cristo foi morto, e éramos ainda pecadores. Ele morreu isto porque não havia como o homem realizar algo que pudesse mudar sua realidade.

Agora que já fomos reconciliados com Deus através da morte de Cristo, haveria

algo ainda a ser feito para permanecer com tal dádiva? Não!

O que o apóstolo demonstra é que devemos ter a fé e estar de posse das obras da fé.

“Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hb 4:16).

Após cremos em Deus, devemos nos achegar ao trono da graça com confiança, certos de que em tempo oportuno acharemos graça e misericórdia.

O aproximar do trono da graça com confiança é uma das obras da fé, da mesma forma que o é reter firmemente a nossa confissão (Hb 4:14).

As obras da fé são aspectos que se manifestam no homem interior, onde ele lança mão da esperança proposta. Ele possui essa consolação como ancora firme e segura da alma.

Por várias vezes Tiago chama os cristãos de irmãos.

Quando ele chama o lugar de reunião dos cristãos de ‘sinagoga’ (com base no texto grego Tg 2:2), é porque o conceito de igreja não se estendia ao templo, como o é em nossos dias.

As várias referências que a Bíblia registra acerca da igreja descrevem mais um reunião de pessoas do que o templo onde estavam se reunindo. Para Paulo a igreja era a união de gentios e judeus em torno do nome de Cristo (Ef 3:10).

O ajuntamento dos cristãos constitui a igreja, porém o local pode ser denominado de templo, igreja ou sinagoga. À época de Tiago o termo mais preciso para o local de ajuntamento era ‘sinagoga’.

Neste aspecto o apóstolo João escreveu no Apocalipse desta maneira: “Conheço as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de Satanás” (Ap 2:9); “Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem: eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo” (Ap 3:9). O apóstolo escreve ao anjo das igrejas da

Ásia, porém havia algumas pessoas que se diziam judias, mas na verdade eram sinagoga de Satanás. Ou seja, aqueles que se arrogavam no direito de se dizerem judeus queriam avocar para si a filiação divina, mas não passavam de sinagoga (templo) de Satanás.

As expressões judaicas que a carta apresenta decorrem de uma vida inteira voltada para o judaísmo. Tal característica não determina precisamente que os destinatários da carta também devam ser todos judeus convertidos ao cristianismo.

O tema da carta não é uma questão própria e exclusiva dos judeus convertidos, mas de todos quantos creem em Cristo: perseverança!

A carta não apresenta temas como idolatria e escravidão pelo simples fato de os destinatários serem cristãos. Com relação a idolatria já havia recomendações proveniente do concílio de Jerusalém (At 15:20).

Não entraremos nas questões pertinentes às hipóteses das datas em que foi escrita a epístola, porém a carta não faz menção a cristãos gentios ou judeus por ser unânime entre os apóstolos desde o concílio em Jerusalém que os judeus e gentios constituem a igreja de Cristo (At 15:14).

Qualquer desvio deveria ser prontamente reprimido (Gl 2:14). Quem presenciou a repreensão de Paulo ou que ouviu falar de tal acontecimento, já estava mais do que alertado quanto a qualquer tipo de dissensão entre povos no seio da igreja.

As argumentações teológicas em Tiago são as mesmas que permeiam as cartas de Paulo, como já vimos em (Tg 1:17 -18).

Aliado a esta característica, não dá para afirmar que a carta de Tiago foi escrita antes dos evangelhos. A linguagem dos evangelhos é voltada para fatos históricos, com exceções ao evangelho de João.

Tiago não faz alusão ao concílio de Jerusalém, porém tal fato não pode ser utilizado para tentar precisar a data da carta, visto que tal fato não é pertinente ao tema em questão.

Há quatro indivíduos identificados como Tiago no novo testamento. Podemos sugerir qual deles seria o autor da carta, porém não é possível afirmar

categoricamente.

O que é plenamente observável a respeito do escritor da carta é que ele não precisava defender a sua posição no seio da igreja à maneira de Paulo. Bastou a simples identificação: “Tiago, servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo...” (Tg 1:1).

Abraão foi salvo pela fé ou pelas obras?

Se Abraão tivesse saído do meio de sua parentela e fosse habitar as regiões de Canaã sem que Deus lhe ordenasse, a sua decisão não seria por fé. Se Abraão tivesse decidido, de moto próprio, oferecer Isaque em holocausto a Deus, sem que Deus houvesse ordenado, o seu sacrifício não seria por fé e sua atitude não seria em função de uma provação (Hb 11:17).

Abraão foi salvo pela fé ou pelas obras?

Introdução

Na maioria dos comentários bíblicos, em que os termos ‘fé’ e ‘obras’ aparecem, a palavra ‘paradoxo’ acaba sendo utilizada. Há até quem afirme que no Novo Testamento há inúmeros “paradoxos aparentes”.

O que é um paradoxo?

Segundo definição que consta na Wikipédia:

“Paradoxo é uma declaração, aparentemente, verdadeira, que leva a uma contradição lógica, ou, a uma situação que contradiz a intuição comum. Em

termos simples, um paradoxo é “o oposto do que alguém pensa ser a verdade”. A identificação de um paradoxo, baseado em conceitos aparentemente simples e racionais tem, por vezes, auxiliado, significativamente, o progresso da ciência, filosofia e matemática”.
Wikipédia.

Diante dessa definição de paradoxo: ‘declaração aparentemente verdadeira’, é correto entender que as asserções[1] bíblicas são ‘aparentemente’ verdadeiras? Os dois versículos abaixo, são a exata expressão da verdade ou, ‘aparentemente’ verdadeiros?

“Assim como Abraão creu em Deus, isso lhe foi imputado como justiça” (Gl 3:6);

“Porventura, o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?” (Tg 2:21).

Os versos acima são paradoxais? Há contradição entre o ensinamento do apóstolo Paulo e do irmão Tiago? A doutrina de Cristo possui pontos aparentemente discordantes? São ensinamentos aparentemente verdadeiros?

A palavra de Deus não é uma declaração aparentemente verdadeira, antes, é a verdade “Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17), portanto, os ensinamentos bíblicos, não comportam essa definição de ‘paradoxo’.

Na comunicação falada ou escrita há ‘paradoxos’, porém, tais paradoxos são figuras de pensamento, um dos recursos linguísticos (figuras de linguagem) que tornam uma mensagem mais expressiva, que nada mais é do que uma proposição construída, através da união de ideias contraditórias.

Quando Jesus propôs a Nicodemos que era necessário nascer de novo, o alerta de Jesus era verdadeiro, entretanto, por desconhecer a natureza daquilo que Jesus propôs, surgiu na cabeça de Nicodemos um paradoxo: Como é possível um homem nascer, sendo velho? (Jo 3:4)

A mensagem de Jesus não era contraditória e nem aparentemente verdadeira, mas a limitação de Nicodemos que, sendo mestre, não compreendeu a mensagem, é que levou a questionar, sobre como seria possível um homem velho, nascer de novo.

Abraão foi salvo pela 'fé' ou, por 'obras'? Há contradição entre a 'fé' e as 'obras', ou, a contradição decorre da má compreensão?

Abraão creu em Deus

[“Assim como Abraão creu em Deus, isso lhe foi imputado como justiça”](#) (Gl 3:6).

Como ler esse versículo? A 'confiança' de Abraão é o que o justificou? O que dizer do versículo: 'O justo viverá da fé?'

Quando o apóstolo Paulo escreveu, repreendendo os cristãos da Galácia, sobre o fascínio que os levou a se desviarem da verdade do evangelho, lembrou que anunciou aos Gálatas o Cristo crucificado (Gl 3:1; 1Co 1:23), e que não receberam o espírito pelas 'obras da lei', antes pela 'pregação da fé' (Gl 3:2 e 5).

Que 'espírito' eles receberam pela 'pregação da fé'? O espírito que o apóstolo Paulo faz referência, diz do evangelho, a palavra de Deus, vez que os cristãos são ministros do espírito, ou seja, ministros da justiça, ministros da nova aliança: [“O qual, nos fez, também, capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica \(...\) Como não será de maior glória o ministério do Espírito? Porque, se o ministério da condenação foi glorioso, muito mais excederá em glória o ministério da justiça”](#) (1Co 3:6 e 8-9).

Jesus afirmou que as palavras d'Ele são espírito e vida: [“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida”](#) (Jo 6:63).

A mensagem do evangelho é cumprimento do anunciado pelos profetas: água sobre o sedento, espírito derramado. É por isso que o homem nasce de novo, somente pela água e pelo espírito: [“Porque derramarei água sobre o sedento e rios sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção sobre os teus descendentes”](#) (Is 44:3). [“E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões”](#) (Jl 2:28; Jo 3:5).

Como Deus dá do seu espírito? Como Deus opera milagres? O apóstolo Paulo afirma que Deus deu o seu espírito e opera milagres pela 'pregação da fé', ou seja, através do evangelho (Gl 3:5). Cristo foi ungido para evangelizar, ou seja, o espírito de Deus estava sobre Ele, o mesmo espírito foi dado aos cristãos pela pregação da fé. **"Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos"** (Jd 1:3; Is 11:1-3; Is 61:1-3).

O evangelho foi anunciado pelo apóstolo Paulo aos gentios, de modo que ele era ministro do evangelho, anunciando a 'fé' (evangelho) entre os gentios. **"Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro"** (Cl 1:23; Rm 1:8).

A 'fé' se refere à mensagem das boas novas, o espírito derramado sobre toda carne, o mesmo espírito do qual o apóstolo Paulo foi constituído ministro. A 'fé' diz do evangelho anunciado a toda criatura, que há debaixo do sol (judeus e gentios), esperança anunciada para que os homens creiam e sejam salvos: **"Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofrereis"** (2Co 11:4).

O crente é salvo ao crer na 'loucura da pregação', mas a salvação decorre especificamente da 'loucura da pregação', que é Cristo crucificado, que para os judeus era escândalo e para os gregos, loucura **"Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação"** (1Co 1:21-23).

O poder para a salvação não está na capacidade do homem de acreditar, mas, sim, na mensagem pregada. Para aqueles que são salvos, a palavra da cruz é o poder de Deus: **"Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu e também do grego"** (Rm 1:16; 1Co 1:18).

Deus salva pela 'loucura da pregação', ou seja, pela fé. Para ser salvo, é imprescindível ouvir a palavra da verdade, pois, no evangelho, está o poder para que o homem seja feito filho de Deus (Jo 1:12; Ef 1:13). O homem é justificado pela fé, ou seja, por Cristo, pelo evangelho. **"E de tudo o que, pela lei de Moisés,**

não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê” (At 13:39).

Acerca da salvação em Cristo, foi predito a Abraão: ‘**Todas as nações serão benditas em ti**’ (Gl 3:8). O apóstolo Paulo, ao ler Gênesis 12, verso 3, interpretou essa passagem bíblica como uma profecia, acerca de como Deus haveria de justificar os gentios: pela fé, ou seja, por meio de Cristo - a fé que havia de se manifestar: “**Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar, pela fé, os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti**” (Gl 3:8 compare com Gl 3:23).

Por que os gentios seriam benditos em Abraão? Por causa do descendente prometido a Abraão: Cristo. O descendente prometido a Abraão foi estabelecido como luz para todos os povos, não o patriarca (Is 42:6; Is 49:6). Cristo é a fé manifesta, na plenitude dos tempos, por quem os homens são justificados e não o patriarca (Gl 3:23-25).

O apóstolo Paulo apresenta Abraão como exemplo de alguém que foi justificado, ao crer em Deus (Gl 3:6). Mas, como Abraão confiou em Deus? Deus ordenou a Abraão que deixasse a sua parentela e partisse para uma terra que seria revelada e lhe fez uma promessa: Abraão seria uma grande nação e os seus descendentes seriam inumeráveis, assim como as estrelas do céu, apesar de Abraão não ter descendente, na época (Gn 15:4-5).

Abraão demonstrou que confiou em Deus, quando saiu do meio da sua parentela, porém, a bênção de Abraão não decorre do fato de ele ter saído do meio da sua parentela (confiança), antes, Abraão foi abençoado porque foi estabelecido que, se ele saísse do meio da sua parentela, Deus haveria de abençoá-lo grandemente. A bênção está na palavra que diz: ‘**E far-te-ei uma grande nação e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção**’ (Gn 12:2).

A força da salvação está na promessa de que Deus haveria de abençoar os gentios, através do descendente de Abraão e não em Abraão ter saído do meio da sua parentela. Semelhantemente, a força do pecado está na lei que estabelece: ‘*certamente morrerás*’, não nas ações dos pecadores: “**Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a lei**” (1Co 15:56).

Quando Ló se apartou de Abraão, Deus indicou ao patriarca qual a terra que os seus descendentes haveriam de herdar, em função do que lhe foi prometido, caso

saísse do meio dos seus parentes. (Gn 13:15-16)

Por isso, é dito pelo escritor aos Hebreus que, pela fé, ou seja, pela palavra de Deus, Abraão, sendo chamado para um lugar que havia de receber por herança, obedeceu e saiu (Hb 11:8). O fato de Abraão ter saído, indica que ele creu na palavra de Deus. Pela fé, ou seja, por causa da palavra de Deus, Abraão peregrinou na terra da promessa, como que em terra alheia (Hb 11:9).

Se Abraão tivesse saído do meio de sua parentela e fosse habitar as regiões de Canaã sem que Deus lhe ordenasse, a sua decisão não seria por fé. Se Abraão tivesse decidido, de moto próprio, oferecer Isaque em holocausto a Deus, sem que Deus houvesse ordenado, o seu sacrifício não seria por fé e sua atitude não seria em função de uma provação (Hb 11:17).

Quando lemos que Abraão foi justificado pela fé, significa que Abraão foi justificado pela palavra de Deus. É por isso que é dito que a fé foi imputada[2] a Abraão (Rm 4:9). O que foi conferido a Abraão? Uma capacidade de crer? Não! O que foi imputado a Abraão foi a fé, a palavra de Deus, que é fato, prova, sem tergiversações.

A capacidade de crer é pertinente a todos os homens. É um atributo natural do ser humano, acreditar no que é real, verdadeiro, firme, palpável, etc. O que foi dado a Abraão foi a fé, ou seja, uma promessa graciosa e firme (Rm 4:16). Abraão acreditou em Deus, por não atentar para a condição do seu corpo amortecido ou, para o amortecimento do ventre de Sara, e sim, se deixou fortificar pela palavra que lhe foi anunciada: fé! (Hb 11:19-21)

A certeza de Abraão não surgiu de suas próprias convicções, antes pela palavra da fé que lhe disse que haveria de ser abençoado, caso obedecesse. De posse da palavra de Deus, teve certeza que Aquele que prometeu, era poderoso para cumprir (Rm 4:21). Ao sair do meio de sua parentela, Abraão estava admitindo, através da sua ação, que Deus é fiel e poderoso para cumprir o que prometeu, pelo que **'... isso lhe foi imputado para justiça'** (Rm 4:22); **"Assim como Abraão creu em Deus, isso lhe foi imputado como justiça"** (Gl 3:6).

Ao sair do meio da sua parentela, Abraão estava admitindo, por meio de sua ação, que Deus é fidedigno[3], ou seja, digno de 'fé' (πιστευω - pisteuo), digno de 'confiança', pela sua própria glória e virtude (2Pe 1:3).

É na fé (πιστις – pistis), ou seja, na palavra de Deus que há poder. Foi pela palavra de Deus que Sara recebeu poder de conceber um filho, mesmo sendo estéril e de avançada idade. Quando é dito que ‘... **pela fé, a própria Sara recebeu poder...**’, o termo ‘fé’ não diz das convicções de Sara, antes aponta para a fidelidade, a lealdade, o caráter de alguém em quem se pode confiar. A crença de Sara resume-se em ‘ter por fiel’ aquele que havia feito a promessa (Hb 11:11).

Foi pela palavra de Deus que os antigos alcançaram bom testemunho, pois sem a palavra de Deus, nada podiam esperar ou acreditar (Hb 11:1). A Bíblia diz que Abraão é o Pai da fé, pois o evangelho foi primeiramente anunciado a Ele: a vinda do Cristo em quem todas as famílias da terra seriam bem-aventuradas, e não porque Ele creu, até porque existiram heróis da fé antes do patriarca Abraão.

Abraão foi salvo pela ‘fé’, porque ‘creu’ em Deus, por causa do que lhe foi dito (fé):

“(Como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí) perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos e chama as coisas que não são como se já fossem. O qual, em esperança, creu contra a esperança, tanto que ele tornou-se pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: Assim será a tua descendência” (Rm 4:17-18).

Deus deu a sua palavra e Abraão creu em Deus, que vivifica os mortos e chama as coisas que não são, como se já fossem, ou seja, Deus é poderoso para realizar o que prometeu, portanto, digno de confiança. Ao crer, Abraão tornou-se pai de muitas nações, isto conforme a palavra de Deus que diz: Assim será a tua descendência!

‘Fé’ e ‘crer’

Durante a leitura das cartas paulinas, verifica-se que o substantivo fé (πιστις – pistis) e o verbo crer (πιστευω – pisteuo) são empregados, quase que o mesmo número de vezes, por volta de 244 ocorrências e aquele, por volta de 243 vezes, sem falar no termo fé como adjetivo (πιστός – pistos), que ocorre 67 vezes.

Apesar de ser equivalente, o número de vezes que os termos πιστις e πιστός são empregados, vale destacar que o substantivo πιστις (pistis), quando empregado

pelo apóstolo Paulo, em várias ocasiões, assume uma conotação específica.

Geralmente, a definição de πιστις[4] nos dicionários, aponta para as disposições internas do indivíduo, ou seja, para questões de cunho subjetivo: convicção. Porém, ao fazer uso do termo, o apóstolo Paulo, na maioria das vezes, o faz como figura de linguagem, uma metonímia[5].

Como Cristo é o autor e consumidor da fé (Hb 12:2), o substantivo fé é utilizado para fazer referência à pessoa de Cristo e à sua doutrina, havendo substituição do autor (Cristo) pela sua obra (fé).

Quando é dito pelo apóstolo Paulo que, *‘em todo o mundo é anunciada a vossa fé’* (Rm 1:8), o termo foi utilizado para fazer referência à doutrina de Cristo, ou seja, o evangelho. Quando é dito que *‘antes que a fé viesse’*, ou *‘aquela fé que havia de se manifestar’* (Gl 3:23), o substantivo fé foi empregado para fazer referência à pessoa de Cristo.

Quando é dito que o homem é justificado pela fé, na verdade, o apóstolo está declarando que o homem é justificado por Cristo. Quando é dito que o homem é salvo pela graça de Deus, por meio da fé, na verdade, o apóstolo está esclarecendo que Cristo é o dom inefável de Deus, e que, através d’Ele, o homem é salvo (Ef 2:8).

Por que devemos fazer essa análise? Porque, quando emprega o substantivo ‘fé’, em sua epístola, o irmão Tiago o faz, somente com um único significado: crer, portanto, apontando, apenas, para as disposições internas do indivíduo, diferentemente do apóstolo Paulo, que emprega o termo, tanto no sentido de ‘doutrina’, quanto no sentido de ‘crer’.

Observe essa definição:

“A fé é mais do que uma crença intelectual em Deus. Se essa crença não nos leva a uma santa vida de justiça e misericórdia, ela não é a fé salvadora (Mt 7.21-23)” Radmacher, Earl; Allen, Ronald B.; House, H. Wayne, O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais - A Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro, 2010, pág. 675.

De que ‘fé’ o autor está falando? De um corpo doutrinário, ou de crer?

Se a ‘fé’, em análise pelos editores do ‘O novo comentário bíblico do NT’, refere-

se ao evangelho, efetivamente, por meio do evangelho (fé), o homem recebe poder de ser feito filho de Deus, portanto, é de novo criado, em verdadeira justiça e santidade (Ef 3:23). Está acima de uma crença intelectual em Deus, antes é a palavra de Deus pela qual o homem é santificado: **“Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade”** (Jo 17:17).

Se eles abordaram a ‘fé’, no sentido de ‘crer’, ‘acreditar’, tal fé não pode ser nada, além de uma crença intelectual na palavra de Deus. Quando o homem crê em Cristo, na verdade, exerce uma crença intelectual em Deus, conforme o Seu testemunho, exarado nas Escrituras. Deus deu testemunho do seu Filho nas Escrituras e crer nas Escrituras é exercer um culto racional.

Não é o crer, que leva o homem a uma ‘santa vida de justiça’, antes é a fé manifesta - Cristo - que santifica os que creem, concedendo-lhes uma nova vida: santa e justa. É a verdade, a ‘fé’ que santifica, e não o crer: **“E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade”** (Jo 17:19). Os equívocos quanto ao significado do termo ‘fé’, leva ao entendimento errôneo de que o dever de andar como filhos da luz (comportamento), diz de uma fé que ‘... é mais do que uma crença intelectual’.

A obra de Abraão

“Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?” (Tg 2:21)

Comparando a escrita do apóstolo Paulo com a do irmão Tiago, percebe-se que, por causa do público alvo da carta, há uma mudança gritante no emprego de alguns termos, sem falar que o apóstolo Paulo, ao escrever, utiliza diversos recursos linguísticos de estilo, enquanto Tiago, pela graciosidade poética da sua epístola, fez uso somente de figuras e parábolas.

Quando Tiago diz ‘a prova da vossa fé’, diz da confiança do homem que é posta à prova, e não da palavra de Deus, que é simultaneamente fundamento e prova. Se o homem é provado e permanece confiante, a confiança transforma-se em ‘perseverança’. **“Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem, tanto o Pai, como o Filho”** (2 Jo 1:9; Tg 1:3).

O não crente precisa crer para ser salvo e o salvo precisa portar-se de modo digno do evangelho e perseverar na fé, combatendo o bom combate: “**Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo, como aos que te ouvem**” (2Tm 4:16); “**Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós, que estais num mesmo espírito, combatendo, juntamente, com o mesmo ânimo, pela fé do evangelho**” (Fl 1:27).

Se alguém vai pedir algo a Deus, deve pedir com fé, ou seja, acreditando, crendo (Tg 1:6). O termo ‘fé’, foi empregado por Tiago, no sentido de ‘crer’, diferentemente do apóstolo Paulo que, muitas vezes, emprega o termo, no sentido de evangelho, doutrina.

Mas, por questões de estilo e escrita, há divergências entre o exposto pelo apóstolo Paulo e Tiago? Não! A má compreensão da exposição é que leva as divergências, não o conteúdo doutrinário exposto por eles.

O apóstolo Paulo afirma que o evangelho é poder de Deus para salvação (Rm 1:16), enquanto que Tiago, por sua vez, afirma que a palavra implantada nos cristãos é poderosa para salvar (Tg 1:21). Sem contradição alguma a exposição de ambos!

Entretanto, a linguagem utilizada por eles é diferente, em alguns aspectos, apesar de a doutrina não ser divergente, e, isto se dá em função do público alvo da mensagem. Observe que o apóstolo Paulo diz que o evangelho é poder de Deus para a salvação ‘de todo aquele que crê’ e o irmão Tiago, em vez de dizer que é necessário crer, aponta a necessidade de cumprir a palavra, ou seja, de ‘ser executor da obra’ (Tg 1:25).

‘Acreditar’ e ‘crer’ são verbos que melhor se adequam à realidade dos gentios, enquanto a linguagem dos judeus traduz a ideia de que, quem crê em Deus, é executor de um ‘trabalho’, de uma ‘obra’.

A linguagem do Antigo Testamento aponta o obediente, como aquele que crê, acredita, daí a linguagem dos judeus em identificar ao que obedece, ou seja, quem é executor do que é ordenado por Deus, como quem crê. A linguagem do irmão Tiago evidencia a sujeição do crente e o senhorio de Deus, e a linguagem do apóstolo Paulo evidencia a condição de quem é livre no Senhor.

Entretanto, é imprescindível ao leitor notar a diferença da abordagem paulina da do irmão Tiago. Abordagem do apóstolo Paulo no verso 16 de Romanos 1 possui viés evangelístico, e a abordagem no verso 21 do capítulo 1 de Tiago possui viés exortativo. Este aborda a necessidade de os cristãos perseverarem firmes na palavra neles implantada, enquanto que, aquele, enfatiza a universalidade do evangelho: todo aquele que crê, tanto judeus quanto gentios.

A linguagem de Tiago é a mesma de Cristo, pois é própria aos judeus. Quando a multidão perguntou a Jesus qual era a obra de Deus para realizarem, Jesus respondeu que a obra de Deus é crer naquele que Ele enviou (Jo 6:28-29). O executor da obra, que é bem-aventurado em seu feito, diz de quem crê em Cristo, pois a lei perfeita, a da liberdade, diz do evangelho, a palavra poderosa para salvar: **“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito”** (Tg 1:25).

Tiago escreveu aos servos de Cristo das doze tribos da dispersão, ou seja, aos cristãos convertidos do judaísmo (Tg 1:1). Mas, entre esses cristãos, havia aqueles que diziam crer em Deus e cuidavam ser religiosos e não se sujeitavam a Cristo, conseqüentemente, a mensagem de Tiago enfatiza o que foi dito por Jesus aos seus discípulos: **“... credes em Deus, crede também em mim”** (Jo 14:1).

Daí o questionamento de Tiago nos versos 14 a 26, do capítulo 2, da sua epístola: **“Que aproveitamento há se alguém disser que tem fé e não tiver obras?”** (Tg 2:14). O termo ‘fé’ foi utilizado no sentido de ‘crer’, conforme o verso 19: **“Crês tu que Deus é um só?”**, e não no sentido de ‘evangelho’, ‘doutrina’, como quando o apóstolo Paulo diz que acabou a carreira e guardou a ‘fé’ (2 Tm 4:7).

Que proveito teriam os discípulos ao ‘crerem em Deus’ e não crerem em Cristo? Poderia tal fé salvar os discípulos? Não! Pois qualquer que diz crer em Deus, deve crer naquele que Ele enviou: **“E Jesus clamou e disse: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou”** (Jo 12:44).

O termo ‘fé’, utilizado por Tiago, não faz referência ao evangelho e nem a Cristo, bem como o termo ‘obras’ no contexto, não faz referência à lei de Moisés. O termo ‘fé’ foi utilizado para fazer referência a uma crença em uma doutrina ou pensamento diverso da doutrina do evangelho de Cristo (Tg 3:19), e o termo ‘obras’ foi utilizado para fazer referência à lei perfeita, a da liberdade, e não às

obras da lei de Moisés (Tg 1:22 e 25).

Acreditar que Deus é um só não salva, da mesma forma que não salva acreditar que o homem pode ser salvo por ser descendente da carne de Abraão ou, pela circuncisão. Os judeus acreditavam que nunca foram escravos de ninguém, mas tal 'fé' não os tornava livres do pecado (Jo 8:33). Há quem creia em Cristo, como alguns judeus, mas segundo a concepção do seu coração enganoso. Embora esta pessoa tenha 'fé' (creia), tal fé é sem proveito para a salvação, ou seja, não os faz livres do pecado: **“Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos”** (Jo 8:31).

Muitos judeus criam em Cristo, mas quando arguidos, continuavam confiados que eram livres por serem descendentes de Abraão (Jo 8:31 e 39). Poderia tal 'fé' salvá-los? Pode alguém ser salvo, por crer na existência de Deus? Não!

Neste sentido, que proveito há, se alguém diz que tem fé, mas não crê em Jesus? Que proveito há em dizer que conhece a Deus, se não guardar o Seu mandamento? Tal pessoa é mentirosa e nela não está a verdade (1 Jo 2:3-5). Que proveito há em dizer: 'nunca fomos escravos de ninguém', se não é liberto pela verdade? (Jo 8:31-32)

O irmão Tiago não estava questionando se há proveito em ter fé em Cristo, ou seja, se quem crê em Cristo não será salvo, pois é evidente que quem crê em Cristo será salvo (1 Jo 5:13). A fé em Cristo pode salvar o crente, pois, acerca de Cristo, testemunharam todos os profetas, de que recebem o perdão dos pecados, todos os que creem n'Ele (At 10:43). Por Cristo é justificado todo aquele que crê, ou seja, qualquer que tem fé n'Ele (At 13:39).

A abordagem de Tiago, em relação àqueles que diziam que tinham fé, é a mesma que fez o apóstolo Paulo, ao escrever a Tito, quando disse: **“Professam conhecer a Deus, mas o negam pelas suas obras...”** (Tt 1:16). É sem proveito dizer que se conhece a Deus, ou dizer que se tem 'fé', se esse alguém não guarda o seu mandamento (1 Jo 2:4). E qual é o mandamento a cumprir, para que o homem passe a conhecer a Deus? Que creia em Cristo, no nome do Filho de Deus (1 Jo 3:23), pois, o que guarda esse mandamento, permanece em Deus e Deus nele (1 Jo 3:24; Gl 4:9).

Qual a obra que o homem deve realizar? Crer em Cristo! (Jo 6:28-29). É sem valor

algum, professar que se conhece a Deus, mas não se crê em Cristo, ou seja, se o nega pelas obras. Cristo é salvação para todos quantos O obedecem, portanto, Ele salva quem realiza a sua obra: “E, sendo ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem” (Hb 5:9).

O questionamento de Tiago só é compreendido quando o leitor perceber que a obra a qual ele fez referência diz da obra de Deus, que é crer em Cristo e não das obras decorrentes da lei: guardar os sábados, a circuncisão, dias, luas, etc. Aquele que diz que crê em Deus, se não crê em Cristo, a obra exigida por Deus, tal ‘fé’ é morta em si mesma (Tg 2:17).

Ao ler esta passagem de Tiago, tem que se ter em mente que, quem crê em Cristo, não crê somente em Cristo, mas também em Deus e vice-versa: “E Jesus clamou e disse: ‘Quem crê em mim, crê, não somente em mim, mas também naquele que me enviou’” (Jo 12:44). Ora, quem diz ter fé, tem que ter a obra, ou seja, crer em Cristo. Quem crê em Cristo crê no testemunho que Deus deu acerca do seu Filho Jesus Cristo (1 Jo 5:10).

Muitos judeus diziam que criam que Deus é um só, mas, apesar de ser bom crer na existência de Deus, não consideravam que os demônios também criam e estremeçam, mas, tal fé não salva os demônios.

O que salva o homem é o mandamento de Deus, contido no evangelho: realizar a obra de Deus, ou seja, crer em Cristo, não a disposição do homem em crer na existência de Deus, ou em milagres, ou em anjos, ou no sobrenatural, ou na circuncisão, ou na carne de Abraão, etc.

Quando Tiago utiliza o termo ‘louco’, ‘insensato’, deixa evidente que estava tratando com cristãos convertidos dentre os judeus. Os profetas utilizavam o termo ‘louco’, ‘ignorante’ para fazer referência aos filhos de Israel, e, Tiago ao escrever às doze tribos da dispersão, escreveu a cristãos convertidos, dentre os judeus (Dt 32:6; Jr 4:22).

Tiago destaca que, somente dizer acreditar (fé) em Deus, sem obedecê-Lo (obras) é inútil e utiliza a pessoa do patriarca Abraão como exemplo, que, ao oferecer o seu único filho em holocausto, demonstrou confiar em Deus (Tg 2:20).

O irmão Tiago evidencia que Abraão foi justificado pelas obras, quando ofereceu o seu filho Isaque sobre o altar (Tg 2:21). Como? Ao dizer que Abraão foi justificado

pelas obras, isto não significa que Abraão foi justificado pelas obras da lei, visto que à época do patriarca ainda não havia sido entregue a lei aos filhos de Israel (Rm 4:13). O apóstolo Paulo é específico: ninguém é justificado 'pelas obras da lei', na verdade o homem é justificado pelas obras, em função da lei (mandamento) da fé.

As 'obras da lei' referem-se à lei de Moisés, que é antagônica à 'lei da fé', ou seja, ao mandamento do evangelho: crer em Jesus Cristo: **"Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé"** (Rm 3:27). **"Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei, nenhuma carne será justificada"** (Gl 2:16).

Se Abraão tivesse proposto de si mesmo fazer um sacrifício, oferecendo o seu filho em holocausto, a sua ação não o justificaria. Mas, como Deus ordenou a Abraão que oferecesse o seu único filho em holocausto (Gn 22:2) e ele obedeceu ao mando do Senhor, foi justificado por sua obra: a palavra de Deus operou nele: **"Por isso, também, damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes"** (1 Ts 2:13).

Tudo o que não é ordenado por Deus, é pecado e oferecer um filho em holocausto, sem Deus ter ordenado, é pecado **"... e tudo o que não é de fé é pecado"** (Rm 14:23), pois o justo viverá da palavra de Deus, ou seja, da fé (Dt 8:3; Hc 2:4).

Abraão foi justificado por ter colocado o seu único filho sobre o altar? Não! Foi justificado por Deus, porque confiou que Deus era poderoso para ressuscitar o seu filho, quando iria imolá-lo sobre o altar (Hb 11:19).

Ao falar com Saul, Deus deixa claro que importa ao homem obedecer, não sacrificar. (1 Sm 15:22). Abraão demonstrou confiança em Deus, quando colocou o seu filho sobre o altar para imolá-lo, o que demonstra que, quem confia, obedece. É dito que Abraão foi justificado pelas obras, porque não se resignou em acreditar na existência de Deus, antes realizou o que Deus ordenou.

Com relação ao evangelho, o homem é salvo pela obra e não porque acredita que Deus é um só. Qual a obra em questão? Crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus,

pois este é o mandamento de Deus, para todos os homens durante o tempo sobre modo oportuno de salvação - hoje - (2 Co 6:2).

Enquanto de Abraão Deus exigiu o seu único filho, hoje, Deus exige de todos os homens que creiam em seu Filho, Jesus Cristo. Abraão acreditava na existência de Deus, e quando foi realizar a obra exigida por Deus, ficou claro que a sua crença na existência e poder de Deus, cooperou com a sua obra, e assim, pela obra, a confiança foi 'aperfeiçoada' (Tg 2:22).

A confiança do homem em Cristo é designada 'perfeita' (τελειώω - teleioó) quando o crente realiza o que lhe foi determinado. O termo grego traduzido por 'aperfeiçoada' é τελειώω, e não tem o sentido de melhorar a confiança, antes aponta para um quesito funcional: cumpre o propósito para o qual foi estabelecida.

Enquanto Tiago utilizou o termo 'obra', para fazer referência ao imperativo de obedecer ao mandamento de Deus, o apóstolo João faz uso do termo 'amor' (ágape), para fazer referência a esse mesmo imperativo.

"Bem vês que a fé cooperou com as suas obras e que pelas obras, a fé foi aperfeiçoada" (Tg 2:22);

"No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena e o que teme não é perfeito em amor" (1 Jo 4:18).

Considerando que, quem ama a Deus, cumpre o seu mandamento (Jo 14:15 e 23 e 24), segue-se que quem ama (obedece), não tem medo (temor), pois a obediência perfeita lança fora o medo. O medo decorre da pena, de modo que, quem tem medo é porque não obedeceu, de fato.

Pela palavra de Deus que disse: *"Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei"* (Gn 12:1), ou seja, pela fé (a palavra de Deus é firme fundamento, prova do que não se vê), Abraão obedeceu e saiu, mesmo não sabendo para onde ia (Hb 11:8). A confiança só é perfeita quando cumpre, exatamente, a finalidade: a obediência.

Quando diz que o homem é justificado pela 'fé', o apóstolo Paulo está apontando para a verdade do evangelho, que evidencia Cristo como o salvador do mundo. Quando diz que Abraão foi justificado pelas obras, o irmão Tiago está apontando

para o mandamento de Deus, que diz: “Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá e oferece-o ali em holocausto, sobre uma das montanhas, que eu te direi” (Gn 22:2).

Sem o mandamento para imolar o filho, Abraão poderia crer na existência de Deus, mas não seria aprovado. Sem o mandamento de Deus, para sair do meio da sua parentela, Abraão poderia deixar pai e mãe, mas não seria herdeiro da promessa. Abraão podia gerar um filho de suas entranhas, o que ocorreu com Hagar e Quetura (Gn 16:4; Gn 25:1-2), porém, tal capacidade não o tornaria pai de muitas nações.

É significativo que, diante da promessa de que a sua descendência seria como as estrelas do céu, Abraão nada fez, antes confiou em Deus, ao que isto lhe foi imputado por justiça. Diante da palavra da promessa, que disse que Abraão teria um filho com Sara (Gn 17:19), a jactância foi excluída, pois não havia nada que Abraão pudesse fazer para que Sara concebesse um filho.

Apesar do questionamento de Abraão, de que era impossível a um homem com mais de cem anos gerar filhos (Gn 17:17), posteriormente, Abraão teve filhos com Quetura (Gn 25:1). Dos filhos que teve com Quetura, Abraão podia jactar-se da sua carne, porém, do filho que teve com Sara, a promessa excluiu qualquer possibilidade de jactância, pela impossibilidade inerente ao homem, e ao oferecer sobre o altar o seu único filho, Abraão teve que, em figura, recobrá-lo dentre os mortos (Rm 3:27; Hb 11:19).

Sair do meio da parentela era algo que Abraão podia fazer, mas, ao fazê-lo, indica que ele se sujeitou, como servo, ao mandamento do Senhor. Oferecer Isaque sobre o altar era algo que Abraão podia fazer, e o fez, demonstrando total submissão à ordem de Deus. Agora, o nascimento de Isaque e a vinda do descendente, foram estabelecido pela palavra de Deus, ao que Abraão resignou-se a crer, pois, com relação à promessa, nada podia fazer a não ser crer naquele que é fiel e não pode mentir.

Fé com obras

Por má compreensão da exposição de Tiago, Martinho Lutero[6] chegou a classificar a epístola de Tiago como ‘insossa’, ou ‘cheia de palha’.

Se não compreender que o evangelho constitui um mandamento de Deus e que crer em Cristo é realizar a Sua obra, dificilmente o leitor compreenderá a epístola de Tiago: “Mas, nem todos têm obedecido ao evangelho; pois Isaías diz: SENHOR, quem creu na nossa pregação?” (Rm 10:16).

O apóstolo Paulo, ao escrever a Tito, utiliza a mesma linguagem do apóstolo João e Tiago:

“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, desobedientes e reprovados para toda a boa obra” (Tt 1:16);

“E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço, mas não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade” (1 Jo 2:3-4).

Dizer que ‘conhece a Deus’ e ‘negar com as obras’, tem o sentido de honrar a Deus somente com a boca e com os lábios, vez que tal pessoa não guarda o mandamento de Deus (temor). É crer (ter fé) sem as obras (obediência, honra). Os filhos de Israel se aplicavam a um temor que não era o princípio da sabedoria, antes era mandamento de homens: “Porque o Senhor disse: Pois que este povo se aproxima de mim, com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração se afasta para longe de mim e o seu temor para comigo, consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído” (Is 29:13).

Primeiro, é dada a palavra da fé, ou seja, o evangelho (Rm 10:8). A palavra da fé é condicionada, vez que ‘se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres, que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo’ (Rm 10:9).

A palavra implantada é fé e a condição estabelecida é crer, de modo que possibilita ao homem crer para a justiça e confessar para ser salvo (Rm 10:10). A confissão é o fruto dos lábios de um coração que recebeu a semente incorruptível, a palavra da fé (Hb 13:15; 1Pd 1:23).

A obra exigida de Deus, dos homens, é crer no coração (intelectualmente), que Deus ressuscitou a Jesus dentre os mortos e, com a boca, confessá-lo como Senhor e Cristo. Essa obra decorre da palavra da fé apregoada: “Porque esta palavra está mui perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para a cumprires” (Dt 30:14). Por isso é dito: Cri, por isso falei (Sl 116:10), pois com a boca se confessa e com o coração (mente) se crê.

O exemplo que Tiago apresenta, através de Raabe, se dá da mesma forma que com o cristão, pois ela ouviu que Deus havia dado a Israel a terra onde estava a cidade de Jericó, bem como ouviu que Deus secou as águas do Mar Vermelho e o que foi feito dos povos que se opuseram aos filhos de Israel, após a travessia do Jordão, de modo que Raabe concluiu que Deus é Deus em cima nos céus e embaixo na terra (Js 2:11).

Raabe ouviu e creu em Deus, a ponto de confessar aos espias os seus temores e pedir por misericórdia (Js 2:11-13). Por crer que Deus é Deus acima nos céus e embaixo na terra, pelo que ouviu acerca dos feitos dos filhos de Israel, Raabe acolheu os espias no eirado da sua casa e os despediu por outro caminho (Tg 2:25).

A informação que Raabe ouviu, acerca dos filhos de Israel, era firme e verdadeira, pelo que é dito: **“Pela fé Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias”** (Hb 11:31). Pela informação que recebeu, acerca do povo de Israel e do Deus que tirou o povo da terra do Egito, ou seja, pela fé (πίστις-pistis), Raabe tomou a iniciativa de acolher em paz os espias (obra).

Seria sem proveito, Raabe dizer que acreditava no evento histórico em que Deus secou as águas do Mar Vermelho, se não tivesse rogado por misericórdia aos espias. Seria sem proveito Raabe confessar que Deus é Deus nos céus e na terra sem se sujeitar a Ele, servindo aos espias.

Se entender o termo ‘fé’, segundo o que é usual em nossos dias, Raabe seria uma mulher de fé, se ela acreditasse que não seria atingida pela guerra, ou em algum absurdo ou em algum evento mágico. Nesse diapasão, a fé de Raabe deveria se opor à razão, ou como propuseram: *‘credo quia absurdum’* (creio, porque é absurdo).

Semelhantemente, Abraão foi justificado quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque. Ora, oferecer um filho em holocausto é um absurdo, porém, Abraão o fez pela fé, ou seja, apoiado na palavra de Deus, que disse: **“Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi”** (Gn 22:2). Ele ofereceu o seu único filho, porque era a palavra de Deus e não porque era absurdo.

Embora Deus tenha ordenado a Abraão que oferecesse o seu único filho em holocausto, Abraão considerou a palavra que diz: **“Em Isaque será chamada a tua**

descendência” (Hb 11:18). Sem Isaque não havia descendência, e nem viria o Descendente, pelo que se entende que ele considerou que “Deus era poderoso para, até dentre os mortos, ressuscitar a seu filho e daí, também, em figura ele o recobrou” (Hb 11:18-19).

É pela fé, ou seja, pela palavra de Deus, que diz: ‘Em Isaque seria chamada a sua descendência’, que Abraão foi aprovado por Deus. Por causa dessa promessa: “Como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí” (Rm 4:17), Abraão creu que Deus vivifica os mortos e que chama à existência as coisas que não são, como se já fossem, vez que Deus teria que cumprir a Sua palavra (Rm 4:21).

Sem a palavra de Deus (fé), seria impossível Abraão ter a esperança de que o seu descendente (Cristo), viria ao mundo, quando colocou o seu único filho sobre o altar (creu contra a esperança).

“Pela fé, ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito. Sendo-lhe dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, considerou que Deus era poderoso para, até dentre os mortos, ressuscitá-lo; E daí também, em figura, ele o recobrou” (Hb 11:17-19)

Abraão tinha fé em Deus (cria na existência de Deus) e executou a obra que Deus mandou realizar, ou seja, a fé (crer) cooperou com as obras, de modo que, pelas obras de Abraão a fé (crer) foi aperfeiçoada, ou seja, cumpriu o seu propósito.

Identificando um erro na pergunta:

“A salvação é somente pela fé ou pela fé, mais as obras?”

Há quem acredite que essa é a pergunta mais importante, em toda a Teologia Cristã. Outros, que essa pergunta motivou a Reforma: a separação entre a igreja Protestante e a igreja Católica, entretanto, não atentam para o fato de que há um erro na pergunta, que leva a um entendimento equivocado, acerca da fé e das obras.

Quando é perguntado: ‘A salvação é somente pela fé...?’, é essencial que se dê o

significado do termo 'fé' na frase. Se o significado de fé for 'crer', jamais a salvação é somente pelo 'crer'.

Quando a Bíblia apresenta a salvação somente pela fé, na verdade está dizendo que a salvação é somente por Cristo, ou seja, pelo evangelho. Não existe outra alternativa que não seja o evangelho (fé). A alternativa "... ou pela fé mais as obras?", inexistente!

Quando questionam: "A salvação é pela fé mais as obras?", geralmente, os termos 'fé' e 'obras' não possuem o mesmo significado que o empregado pelo irmão Tiago no verso: "Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé" (Tg 2:24). Tiago diz que 'o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé', o que é completamente diferente da ideia que a pergunta sugere: 'Salvação é pela fé, mais as obras'.

Para quem construiu a pergunta, obras possui o significado de 'boas ações', 'bom comportamento' e até de 'frutos', questões que o irmão Tiago não aborda neste verso em comento. O homem é salvo 'apenas' quando crê em Cristo, pois crer em Cristo é o suficiente para ser salvo, vez que quem salva é Cristo.

Quem crê em Cristo, produziu a obra exigida por Deus, de modo que Tiago não está dizendo que, para ser salvo, é necessário ter fé (crer) e fazer boas ações (obras). É um equívoco entender que Tiago '*enfatizou o fato de que a fé em Cristo produz boas obras*'[7].

Tiago não faz referência à fé em Cristo, antes à 'justificação pelas obras', que na verdade, é crer em Cristo. Quando ele diz: 'não somente pela fé', Tiago não se refere à fé, como a verdade do evangelho, mas, sim, a alguém dizer que crê em Deus, mas que não realiza a sua obra (mandamento).

Realizar boas ações (boas obras) não é prova de que o homem foi verdadeiramente justificado, antes o justificado já produziu a obra exigida por Deus, e Deus, por sua vez, gerou um novo homem, através da semente incorruptível, criado em verdadeira justiça e santidade. O bom porte, o bom comportamento, as boas ações, etc., não decorrem da fé (crer) em Cristo, antes, o bom comportamento se dá quando o homem é admoestado e redarguido, e muda o seu comportamento, pelo transformar do entendimento (Rm 12:2; 1Pd 1:13-14).

A segunda parte da pergunta é equivocada e também induz ao erro, pois Tiago diz

que o homem é justificado pelas obras (crer em Cristo), não pela fé (crer em Deus). Em momento algum Tiago aponta para uma salvação pela 'fé mais as obras', antes ele apresenta a salvação pelas obras (obediência ao mandamento de Deus) que decorrem da fé (crer) em Cristo.

[1] "Proposição que se assume como verdadeira, independentemente de seu conteúdo";

[2] "3049 λογίζομαι *logizomai* voz média de 3056; TDNT - 4:284,536; v 1) recontar, contar, computar, calcular, conferir 1a) levar em conta, fazer um cálculo 1a1) metáf. passar para a conta de alguém, imputar 1a2) algo que é considerado como ou é alguma coisa, i.e., como benefício para ou equivalente a algo, como ter a força e o peso semelhante 1b) constar entre, considerar 1c) considerar ou contar 2) avaliar, somar ou pesar as razões, deliberar 3) de considerar todas as razões, para concluir ou inferir 3a) considerar, levar em conta, pesar, meditar sobre 3b) supor, julgar, crer 3c) determinar, propor-se, decidir Esta palavra lida com a realidade. Se eu "logizomai" ou considero que minha conta bancária tem R\$ 25,00, ela tem R\$ 25,00. Do contrário eu estaria me enganando. Esta palavra refere-se a fatos e não a suposições" Dicionário Bíblico Strong.

[3] "Fidedigno - adj. Merecedor de crédito (confiança); que é real e verdadeiro; autêntico: realizou um fidedigno levantamento das dívidas da empresa. P.ext. Figurado. Caracterizado por ser real e verdadeiro; autêntico. (Etm. do latim: fide dignus)". Dicionário Online de Português.

[4] "4102 πιστις *pistis* de 3982; TDNT - 6:174,849; n f 1) convicção da verdade de algo, fé; no NT, de uma convicção ou crença que diz respeito ao relacionamento do homem com Deus e com as coisas divinas, geralmente com a ideia inclusa de confiança e fervor santo nascido da fé e unido com ela 1a) relativo a Deus 1a1) a convicção de que Deus existe e é o criador e governador de todas as coisas, o provedor e doador da salvação eterna em Cristo 1b) relativo a Cristo 1b1) convicção ou fé forte e benvinda de que Jesus é o Messias, através do qual nós obtemos a salvação eterna no reino de Deus 1c) a fé religiosa dos cristãos 1d) fé com a ideia predominante de confiança (ou confiança) seja em Deus ou em Cristo, surgindo da fé no mesmo 2) fidelidade, lealdade 2a) o caráter de alguém

em quem se pode confiar” Dicionário Bíblico Strong.

[5] “A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido. Observe os exemplos abaixo: 1 - Autor pela obra: *Gosto de ler Machado de Assis.* (= *Gosto de ler a obra literária de Machado de Assis.*) 2 - Inventor pelo invento: *Édson ilumina o mundo.* (= *As lâmpadas iluminam o mundo.*) 3 - Símbolo pelo objeto simbolizado: *Não te afastes da cruz.* (= *Não te afastes da religião.*) 4 - Lugar pelo produto do lugar: *Fumei um saboroso havana.* (= *Fumei um saboroso charuto.*) 5 - Efeito pela causa: *Sócrates bebeu a morte.* (= *Sócrates tomou veneno.*)” Só Português < <http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil3.php> > Consulta realizada em 06/05/2016.

[6] “Em suma: o evangelho, segundo João e sua primeira epístola, as epístolas de Paulo, particularmente, as dirigidas aos romanos, gálatas, efésios, e a primeira epístola de Pedro, estes são os livros que lhe apresentam Cristo e lhe ensinam tudo que é necessário e bom saber, ainda que jamais visse ou ouvisse qualquer outro livro ou doutrina. alquer forma, não tem natureza evangélica. Mas disso ainda falaremos em outros prefácios” Lutero, Martinho. *Pelo Evangelho de Cristo: Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma.* Trad. Walter O. Schlupp. Porto Alegre: Concórdia & São Leopoldo: Sinodal, 1984. pp. 171-177; “*Embora esta epístola de São Tiago fosse rejeitada pelos anciãos, eu elogio-a e considero-a um bom livro, porque estabelece não doutrinas de homens, mas vigorosamente promulga a lei de Deus. No entanto, afirmo a minha própria opinião sobre isso, embora sem prejuízo para ninguém, eu não considero como uma escrita de um apóstolo, e as minhas razões seguem. Em primeiro lugar, é terminantemente contra São Paulo e todo o resto da Escritura em atribuir a justificação às obras. Ela diz que Abraão foi justificado por suas obras, quando ofereceu seu filho Isaac, embora em Romanos, São Paulo ensine o contrário, que Abraão foi justificado sem as obras, por sua fé, antes que ele tivesse oferecido seu filho, e prova isso por Moisés em Gênesis 15. Agora, embora esta epístola pode ser ajudada e uma interpretação concebida para essa justificação pelas obras, não pode ser defendida em sua aplicação às obras da declaração de Moisés em Gênesis 15. Pois, Moisés está falando aqui apenas da fé de Abraão, e não de suas obras, como São Paulo demonstra em Romanos. Esta falha, portanto, prova que esta epístola não é o trabalho de qualquer apóstolo*” Lutero, Martinho. Prefácio à tradução alemã das Epístolas de S. Tiago e S. Judas, em 1522.

[7] *“Tiago e Paulo não discordam em seus ensinamentos sobre a salvação. Eles abordam o mesmo assunto, sob diferentes prismas. Paulo, simplesmente, enfatizou que a justificação vem somente pela fé, enquanto Tiago enfatizou o fato de que a fé em Cristo produz boas obras”*. A salvação é somente pela fé ou pela fé mais as obras? Got Questions < <http://www.gotquestions.org/Portugues/somente-a-fe.html> > Consulta realizada em 19/05/16.

Os cristãos e as ‘boas obras’

Ao escrever a Tito, o apóstolo Paulo demonstra que os homens que dão ouvidos às fábulas judaicas e a mandamentos de homens são reprováveis para toda boa obra, pois são desobedientes e abomináveis diante de Deus, pois não creem em Cristo (Tt 1:14 -15).

Os cristãos e as ‘boas obras’

“Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10)

Introdução

Recentemente ouvi em um ensinamento bíblico que muitos cristãos se esquivam de praticarem ‘boas obras’ para fugirem da ideia da salvação pelas obras, ao passo que, os espíritas e católicos praticam ‘boas obras’, e os evangélicos em geral tem ignorado a importância espiritual delas. O pregador enfatizou de diversas formas que é necessário aos cristãos praticarem ‘boas obras’ e apresentou como argumento suficiente para embasar e concluir sua exposição o

verso 10 de Efésios 2: “Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”.

Num primeiro momento a exposição de que os cristãos têm o dever de praticar as boas obras parece fazer sentido, porém, quando ele afirma que os cristãos negligenciam as ‘boas obras’ enquanto os espíritas e os católicos sobressaem nesta área, deixa claro que a argumentação do pregador deriva de uma lógica simplista, o que me levou a questionar: será que o ensinamento deste pregador é correto? O versículo citado foi interpretado corretamente?

Interpretação de texto

É imprescindível ao interprete da Bíblia analisar todo e qualquer versículo à luz de todos os pontos das Escrituras que fazem referência ao tema para ter segurança quanto à interpretação do texto. Antes de iniciar a análise do verso: “Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10), faz-se necessário ao interprete se esvaziar de seus próprios conceitos, pois eles influenciam diretamente a interpretação.

Em segundo lugar, vale salientar que a tradução bíblica que utilizamos, João Ferreira de Almeida, que apesar da maravilhosa tradução que produziu, estava à mercê de uma concepção doutrinária que louvava a filantropia. Portanto, há pontos específicos na tradução que utilizamos que merecem um cuidado maior quando analisado, pois uma concepção de que a filantropia é um meio de se alcançar a salvação, ou que esmolar aproxima o homem de Deus demonstra certa influencia na tradução, e o tema boas obras merecem uma atenção específica.

“Antes dai esmola do que tiverdes, e eis que tudo vos será limpo” (Lc 11:41)

Basta esmolar que o interior e o exterior do copo ficam limpos? O que limpa o homem do pecado é o sangue de Jesus ou o ato de dar esmolas? “Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1Jo 1:7); “Purificando as vossas almas pelo Espírito na obediência à verdade, para o amor fraternal, não fingido; amai-vos ardentemente uns aos outros com um coração

puro” (1Pd 1:22); “Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra” (Ef 5:26).

Analisando os termos traduzidos por ‘obra’, temos:

έργον, ου, το trabalho—1. ato, ação Lc 24.19; Cl 3.17; 2 Ts 2.17; Hb 4.3, 4, 10; Tg 2.14ss. Manifestação, prova prática Rm 2.15; Ef 4.12; 1 Ts 1.3; 2 Ts 1.11; Tg 1.4. Ato, realização Mt 11.2; Mc 14.6; Lc 11.48; Jo 3.19, 20s; 6.28s; 7.3, 21; 10.25, 37s.; At 9.36; Rm 3.20, 28; Cl 1.10; Hb 6.1; Tg 3.13; Ap 15.3.— 2. trabalho, tarefa, ocupação Mc 13.34; Jo 17.4; At 14.26; 5.38; 1 Co 15.58; 2 Tm 4.5.—3. trabalho, no sentido passivo, indicando o produto do trabalho At 7.41; 1 Co 3.13, 14, 15; Hb 1.10; 2 Pe 3.10; 1 Jo 3.8.—4. coisa, matéria At 5.38; talvez 1 Tm 3.1. [ergometria]

ἐνεργέω—1. trabalhar, estar trabalhando, operar, ser efetivo at Mc 6.14; Gl 2.8; Ef 2.2. το θέλειν και το έ. a vontade e ação Fp 2.13b. Méd. trabalhar Rm 7.5; 2 Co 4.12; Ef 3.20; 1 Ts 2.13; tornar-se efetivo 2 Co 1.6. δέησις έ. poder efetivo Tg 5.16.—2. trabalhar, produzir, efetuar 1 Co 12.6; Ef 1.11; 2.2; Fp 2.13a. Léxico do Novo Testamento Grego / Português, F. Wilbur Gingrich, Revisado por Frederick W. Danker, Tradução de Júlio P. T. Zabatiero.

É suficiente socorrer-nos de um dicionário para compreendermos a proposta de Cristo e dos seus apóstolos? É plenamente compreensível quando o termo ‘obra’ é empregado como ocupação, por exemplo: Marcos 13, verso 34. Mas, como compreender o termo ‘obra’ quando ele é utilizado para demonstrar que a paciência é uma ‘obra’ que a fé realiza? “Sabendo que a prova da vossa fé opera a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma” (Tg 1:3 -4).

O mesmo termo empregado pelo apóstolo Paulo na carta aos Efésios, verso 10, capítulo 2, é empregado na carta aos Colossenses capítulo primeiro, verso 10. Compare:

“Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus” (Cl 1:10).

“Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10)

Enquanto na carta aos Efésios os cristãos são apresentados como novas criaturas que Deus criou em função das boas obras, na carta aos Colossenses o cristão é alertado a produzir boas obras. Qual abordagem é correta?

Considerando que a palavra de Deus é única e imutável, não podemos aquiescer que a abordagem de um tema possua duas interpretações distintas. Seria catastrófico analisar as Escrituras se deparássemos com frases ambíguas (sugere dois sentidos) ou vagas (não há um sentido definido) por falta de clareza ou precisão na abordagem de um tema.

Há um ramo da filosofia que analisa erros de construções de textos seculares decorrentes da ambiguidade, o que resulta em uma falácia. Os principais erros de construção de um texto são: Equívoco (A mesma palavra pode ser usada com dois significados diferentes), Anfibologia (uma frase permite atribuir-lhe diferentes significados) e a Ênfase (sugere uma proposição diferente daquela que, de facto, é expressa).

Um dos maiores problemas da humanidade surgiu com a ênfase. Enquanto Deus disse ao homem que poderia comer de todas as árvores do jardim do Éden livremente, com a ressalva de haver consequências caso comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal, o diabo, ao falar com a mulher enfatizou a ideia de proibição quando disse: [“É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?”](#) (Gn 3:1), contrariando a liberdade plena que o homem possuía.

Na Bíblia, apesar de uma mesma palavra poder ser utilizada com dois significados diferentes, o contexto deixa claro qual é o significado utilizado. As proposições bíblicas não comportam dois significados diferentes na uma mesma frase.

Não há erros de construção frasal na Bíblia, antes o erro se dá no interprete que, quando analisa um texto bíblico, por causa da sua concepção, dá ênfase a um determinado elemento fazendo surgir uma nova proposição completamente distinta do que o escritor postulou.

Daí a necessidade de fazermos algumas perguntas às afirmações simplistas sobre boa obras: o cristão deve frutificar e crescer na ‘boa obra’, ou frutificar e crescer no ‘conhecimento de Deus’? Qual a ênfase do capítulo primeiro de Colossenses, verso 10: frutificar e crescer na ‘boa obra’ ou frutificar e crescer no ‘evangelho’, que é ‘conhecimento de Deus’?

O apóstolo Paulo demonstrou que os cristãos são feitura de Deus (Ef 4:24), criados em Cristo Jesus para as boas obras, sendo que as boas obras foram preparadas por Deus para que os cristãos estivessem nelas: *“dele [2] Pois [1] somos feitura, criados em Cristo Jesus para obras boas as quais previamente preparou [2] Deus [1]”* Novo Testamento Interlinear Grego / Português por Wilson Scholz, Barueri, SP: SBB, 2004.

Este versículo da carta aos cristãos em Éfeso tem por base o que predisse o profeta Isaías: *“SENHOR, tu nos darás a paz, porque tu és o que fizeste em nós todas as nossas obras”* (Is 26:12 ; Ef 2:17). É Deus que concedeu gratuitamente aos homens a paz através de Cristo, o Príncipe da Paz, de modo que, o próprio Deus reconciliou os homens através da oferta do corpo de Cristo concedendo aos que creem a paz que excede todo entendimento (Ef 2:16). Foi Deus quem realizou para os que creem todas as obras, colocação que o apóstolo Paulo buscou no livro de Isaías.

No verso de Colossenses é feita alusão ao ‘Senhor’, à ‘boa obra’ e ao ‘conhecimento de Deus’, e quatro processos nos quais os cristãos figuram como parte ativa: andar, agradecer, frutificar e crescer. O cristão deve andar dignamente diante de Deus, agradando-O em tudo.

Mas como andar agradando a Deus? Primeiro é necessário ser criado em Cristo Jesus, pois sem Cristo é impossível agradecer a Deus.

Frutificar

Conseqüentemente, a nova criatura estará nas boas obras que Deus preparou, o que é essencial para que o cristão possa frutificar e crescer no conhecimento de Deus *“... para andardes dignamente do Senhor para todo agrado, em toda obra boa frutificando e crescendo no conhecimento de Deus...”* Novo Testamento Interlinear Grego / Português por Wilson Scholz, Barueri, SP: SBB, 2004.

Só é possível frutificar quando se está ligado à videira verdadeira, ou seja, quando se é uma nova criatura *“Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”* (Jo 15:5); *“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis*

que tudo se fez novo” (2Co 5:17).

A ênfase de Colossenses 1, verso 10 é Cristo, o Príncipe da paz, visto que aquele que está em Cristo foi criado em função da boa obra, apto a frutificar e crescer no conhecimento de Deus “Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus” (Cl 1:10).

Sem Cristo não há quem faça o bem. Todos juntamente se desviaram e tornaram-se imundos, de modo que não havia um justo se quer (Sl 53:3 ; Sl 14:3 ; Rm 3:12 ; Mq 7:2). Como é possível o homem sem Cristo fazer boa obra se não há quem faça o bem? Antes de Cristo se manifestar nunca houve entre os homens quem atendesse um necessitado, ou que não houvesse dado esmolas e nem oferecido alimento ao faminto e cobertura a um peregrino?

Jesus mesmo disse: “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos...” (Mt 7:11), o que demonstra que dar boas coisas aos semelhantes não é ser bom (nobre), e nem é o mesmo que fazer o bem. Cristo vai além ao demonstrar que, aos maus é impossível dizer boas coisas, que se dirá de realizar boas obras “Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca” (Mt 12:34).

Considerando que é através de Cristo que Deus concedeu aos que creem estarem nas boas obras tornando possível frutificarem, e que, sem Cristo não há quem faça o bem, como é possível a alguém que não crê em Cristo como diz as Escrituras ter em si as ‘obras’ realizadas por Deus? É Deus quem preparou os cristãos para as boas obras, ou qualquer pessoa está apta a produzi-las?

O Senhor Jesus fez um alerta sobre as obras que contém a resposta para as pergunta acima:

“Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus” (Jo 3:18 -21).

Após demonstrar a Nicodemos que quem crê no Unigênito Filho de Deus é livre da condenação que há no mundo, e que quem não crê permanece na condenação, Jesus destacou que os homens amaram mais as trevas do que a Luz que veio ao mundo pelo fato das obras deles serem más.

Jesus destaca que aqueles que vêm a Ele (vem para luz), são os que praticam a verdade, e é manifesto que as suas obras são feitas em Deus. Compete ao homem 'praticar' a verdade para 'estar' na luz e, somente aqueles que praticam a verdade são descritos como aqueles que realizam as suas obras em Deus.

Devemos interpretar Efésios 2, verso 10 considerando o ensinamento de Jesus e a profecia de Isaías, portanto fazer 'boas obras' não é o mesmo que praticar filantropia.

Aos escrever aos Filipenses, o apóstolo Paulo deixa claro que a 'boa obra' é realizada por Deus nos que creem, pois Deus começou e Ele mesmo aperfeiçoará a sua 'boa obra' até a vinda de Cristo [“Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”](#) (Fl 1:6).

Qual a boa obra que Deus 'começou' nos que creem? A resposta está no seguinte ensinamento de Jesus: [“Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou”](#) (Jo 6:29).

E como Deus 'aperfeiçoa' a sua obra? Através dos seus apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores, como se lê: [“E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo”](#) (Ef 4:11 -12).

Quando o homem crê em Cristo 'fez' a obra de Deus, porém, necessita de perseverança, ou seja, não pode se demover da verdade do evangelho. É neste ponto que entram os apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores: eles estão incumbidos de defenderem a verdade do evangelho para que os cristãos não se demovam da obra realizada por Deus, deixando de crer em Cristo.

Edificar o corpo de Cristo é a boa obra de Deus, e só possível estar na 'boa obra' quando o homem crê em Cristo. A edificação do corpo de Cristo é a obra que Deus está realizando no tempo presente, pois se refere a obra do templo prometido ao

rei Davi (2Sm 7:11 -13).

Deus prometeu a Davi que edificaria uma casa ao Seu Nome e, que o Descendente prometido seria o homem que edificaria uma casa a Deus. Quando nasceu o Cristo na casa de Davi, Deus deu inicio a sua obra segundo a sua palavra, pois Deus não habita em casa feita por mãos de homens (At 17:24).

Cristo foi gerado segundo o que fora prometido a Davi: *'Eu lhe serei por Pai, e Ele me será por Filho'*, e como pedra angular do edifício de Deus foi preparado para as boas obras. Cristo é a base da boa obra como pedra angular do templo de Deus (2Sm 7:14). Cristo é a pedra angular da obra de Deus e os que creem tornam-se feitura de Deus, criados em Cristo como pedras vivas, preparados para comporem o templo santo que foi prometido a Davi (1Pe 2:4 -5); **“Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”** (Ef 2:10); **“Inclinai os vossos ouvidos, e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, dando-vos as firmes beneficências de Davi”** (Is 55:3).

O verso 10 de Efésios 2 é melhor compreendido quando entendemos que na antiguidade as pedras eram preparadas com exclusividade para compor uma determinada obra, de modo que os cristãos são feitura de Deus em Cristo para comporem a boa obra. Daí a colocação paulina: Deus estabeleceu de antemão que os que cressem em Cristo comporiam a obra do templo que Deus prometera a Davi na condição de pedras vivas (Ef 2:20 -22).

E como Deus aperfeiçoa a Sua boa obra? Através dos ensinamentos dos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores. O objetivo é que cada pedra viva chegue à medida da estatura completa de Cristo **“Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo...”** (Ef 4:13 ; Fl 1:6).

Neste aspecto, Tiago recomendou aos cristãos que regozijassem quando se deparassem com várias provações, pois a prova da fé dos cristãos redonda em paciência, sendo que a paciência é a obra perfeita que a fé opera **“Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações; Sabendo que a prova da vossa fé opera a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma”** (Tg 1:3 -4).

Nestes versos Tiago não estava tratando da confiança dos cristãos, antes da Fé

que foi manifesta trazendo salvação a todos os homens, sem a qual o justo não vive e que sem ela é impossível agradar a Deus (Gl 3:23). A perseverança ou paciência é a obra completa de Cristo **“Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo”** (Mt 24:13); **“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito”** (Tg 1:25).

Que obra o homem deve realizar que promove a bem-aventurança? Crer em Cristo, pois está é a lei perfeita da liberdade. Quem cuida dos que creem para que permaneçam na verdade do evangelho é obreiro de Deus nesta obra.

Ao escrever a Tito, o apóstolo Paulo descreveu o perfil de um presbítero. Após apontar algumas características de cunho pessoal (Tt 1:6 -8), destaca que os bispos devem guardar firme a palavra fiel sem dar ouvidos aos pensamentos judaicos, pois os judaizantes diziam conhecer a Deus, porém, eram réprobos para a boa obra **“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra”** (Tt 1:16).

Como era possível dizerem conhecer a Deus e negá-lo com as obras? Negavam a Deus pelo fato de não crerem em Cristo Jesus como Filho de Deus, pois aquele que nega o Filho, nega também o Pai. Embora dissessem que obedeciam a Deus, não realizavam a obra exigida por Deus: crer em Cristo **“E Jesus clamou, e disse: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou”** (Jo 12:44); **“Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou”** (Jo 5:23).

Como rejeitaram a Cristo, a pedra de esquina, os construtores de Israel eram réprobos para a boa obra, pois a obra de Deus é crer em Cristo.

Sobre este aspecto disse o apóstolo João: **“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade”** (1Jo 3:18). Dizer que ‘conhece a Deus’ ou ‘que ama a Deus’ sem crer em Cristo é o mesmo que não realizar a obra exigida por Deus **“Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou”** (Jo 6:29).

Observe que Jesus é específico: **“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele”** (Jo 14:21). Sem obedecer a Cristo é impossível amá-Lo ou conhecê-Lo, pois Jesus se manifesta, ou melhor, conhece ou é

conhecido daqueles que O obedecem.

Por que os judaizantes eram reprováveis para a boa obra? Porque não retinham a sã doutrina do evangelho e o que ensinavam não promovia a edificação do templo de Deus prometido a Davi “Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes. Porque há muitos desordenados, faladores, vãos e enganadores, principalmente os da circuncisão, Aos quais convém tapar a boca; homens que transtornam casas inteiras ensinando o que não convém, por torpe ganância” (Tt 1:9 -11).

Ao escrever a Tito, o apóstolo Paulo queria que estabelecessem presbíteros, pois a intenção do apóstolo era o aperfeiçoamento dos santos, a obra do ministério, a edificação do corpo de Cristo “Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:12).

É comum o equívoco de relacionar ‘boas obras’ com questões de cunho comportamental, ou com questões de ordem filantrópica. O bom comportamento é salutar à vida do cristão, porém, o ‘exemplo’ de ‘boas obras’ decorre única e exclusivamente de uma exposição sadia da doutrina de Cristo. Ser ‘exemplo de boas obras’ refere-se a conservar intocado o modelo da doutrina do evangelho, ou seja, livre de mistura, mancha “Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade” (Tt 2:7).

A ideia de ‘exemplo’ em Tito 2, verso 7 expressa a mesma ideia do termo ‘modelo’ em segunda Timóteo: “Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus” (2Tm 1:13); “Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho” (Fl 1:27).

Ao escrever aos filipenses, o apóstolo Paulo rogou que vivessem dignos do evangelho de Cristo. Um bom comportamento é necessário? Sim! Entretanto, a preocupação maior do apóstolo para com os seus interlocutores era que permanecessem firmes no espírito, que é o mesmo que permanecer firme na palavra, evangelho, fé, conhecimento. “Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa” (2Ts 2:15); “Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja

poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes” (Tt 1:9); “Vigiai, estai firmes na fé; portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos” (1Co 16:13); “Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza” (2Pd 3:17); “Por Silvano, vosso fiel irmão, como cuidado, escrevi abreviadamente, exortando e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual estais firmes” (1Pd 5:12).

Ao escrever a Timóteo, o apóstolo dos gentios preocupou-se em apresentar o que é conveniente a um ministro do evangelho (como convém andar na casa de Deus). Timóteo deveria demonstrar o que expressamente a palavra diz: que nos últimos dias alguns apostatariam da fé, e enfatizou qual seria o ensinamento dos réprobos quanto ao evangelho. Mas, se Timóteo expusesse tais enganadores, seria um bom ministro de Cristo (1Tm 4:1 -10); “Mas, se tardar, para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade” (1Tm 3:15).

Os obreiros de Deus foram comissionados para uma obra específica: “Mas tu, sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério” (2Tm 4:5). Aquele que maneja bem a palavra da verdade, que evita falatórios profanos e permanece firmado no fundamento de Deus (2Tm 2:14 -19), está preparado para a boa obra “De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra” (2Tm 2:21); “Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (2Tm 3:17).

Nesta abordagem feita aos Tessalonicenses: “Por isso exortai-vos uns aos outros, e edificai-vos uns aos outros, como também o fazeis. E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; E que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra. Tende paz entre vós” (Ts 5:11 -13), o apóstolo Paulo recomenda honra aos que presidiam, por causa da obra de ‘edificar’ uns aos outros por meio da palavra (exortação).

O apóstolo Paulo demonstrou que os cristãos de corintos eram a sua ‘obra’ no Senhor “NÃO sou eu apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo SENHOR nosso? Não sois vós a minha obra no Senhor?” (1Co 9:1). O que compreender desta declaração? Que como sábio arquiteto o apóstolo Paulo havia posto Cristo

como fundamento e, cada cristão em particular estava sobre edificado em Cristo “Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele” (1Co 3:10).

Lembrando que é através dos seus apóstolos que Deus ‘aperfeiçoa’ a sua obra: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:11 -12).

Ao escrever aos coríntios, o apóstolo Paulo demonstra que os cristãos creram em Cristo conforme o que Deus deu a cada um dos seus ministros: “Pois, quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o SENHOR deu a cada um? Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Por isso, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus” (1Co 3:5 -9).

Observe que a lavoura ou o edifício pertence a Deus, ou seja, a obra é d’Ele. O fundamento foi estabelecido por Deus, que é Cristo, de modo que ninguém pode por outro fundamento (2Ts 2:19). O que compete aos cooperadores é trabalhar no edifício, sendo que o justo juiz é quem apreciará a obra de cada um “Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo” (1Co 3:11 -15).

O fundamento da obra de Deus

A palavra de Deus é a base da Sua obra, pois Ele diz: “Assim será a minha palavra, que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que

me apraz, e prosperará naquilo para que a envieii” (Is 55:11). Cristo é o Verbo do Deus vivo, fundamento da obra do Pai “Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei; Porque opero uma obra em vossos dias, Obra tal que não creereis, se alguém vo-la contar” (At 13:41).

Isaías profetizou contra os ‘desprezadores’, os líderes do povo de Israel, alertando-os de que Deus assentaria na cidade de Davi a pedra provada, de modo que aquele que n’Ele cresse, não pereceria (Is 28:14 e 16). Semelhantemente, Habacuque profetizou que Deus realizaria uma obra em meio ao povo de Israel que, quando contada, o povo não creria (Hc 1:4).

A obra do Pai é realizada por sua palavra, de modo que, quando Jesus, na condição de servo, anunciou as palavras do Pai, Deus estava em Cristo realizando a sua obra. A palavra de Deus diz de Cristo, e quando o Verbo encarnado apregoou o ano aceitável do Senhor, demonstrando aos homens ser o firme fundamento, estabeleceu e realizou a obra do Pai “Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras” (Jo 14:11).

Qualquer que anuncia Cristo às nações realiza as obras que Cristo fez “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai” (Jo 14:12).

Ao escrever a Tito, o apóstolo Paulo demonstra que os homens que dão ouvidos às fábulas judaicas e a mandamentos de homens são reprováveis para toda boa obra, pois são desobedientes e abomináveis diante de Deus, pois não creem em Cristo (Tt 1:14 -15).

Em seguida o apóstolo Paulo orienta Tito a exortar os velhos a serem temperantes, respeitáveis, cordatos, sadios na fé, no amor e na constância; as mulheres são exortadas a serem sérias no seu viver; os moços moderados; os servos a serem obedientes aos seus senhores. Tais comportamentos são pertinentes a quem é pedra viva no templo de Deus, porém, a obra não se fundamenta no comportamento, e sim, na palavra, pois o comportamento segundo a moral dos homens constitui-se somente ornamento à doutrina do evangelho (Tt 2:10).

Semelhantemente, o cristão deve se submeter às questões de governo, estado etc., para não haver entrave quanto ao anuncio do evangelho.

Qual deve ser o zelo de um cristão? O apóstolo Paulo responde: “Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo” (2Co 11:2). Como o apóstolo zelaria dos cristãos com zelo de Deus? Preservando intocado o evangelho, pois o evangelho é a simplicidade de Cristo, que os falsos apóstolos e obreiros fraudulentos queriam transtornar (2Co 11:3 -4); “O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tt 2:14).

Jesus demonstrou que as palavras que dizia aos seus discípulos não era dele, antes do Pai, que o enviou, de modo que é Deus quem faz a sua obra por intermédio de Cristo “Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras” (Jo 14:10).

As ‘boas obras’ só é possível àqueles que estão em Deus, ou seja, que creram em Cristo. Sem Cristo o homem é mau e só realiza obras más, visto que ‘boas obras’ são feitas única e exclusivamente por aqueles que creem em Cristo “Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus” (1Jo 4:15).

‘Boas ações’ diferem de ‘boas obras’

Ora, qualquer que não confessa que Cristo é o Filho do Deus vivo não pratica e não pode praticar boas obras, pois não está em Deus. Portanto, quando referirmos as práticas louváveis do ponto de vista dos homens, como as ações de ordem filantrópicas, ou de bom trato, nomearemos de ‘boas ações’, e não ‘boas obras’, pois as ‘boas obras’ só são realizadas por aqueles que confessam que Jesus é o Filho de Deus.

Mas, para o homem estar em Deus, primeiro tem que crer em Cristo (1Jo 4:15), o que o habilita para a boa obra. Para os cristãos à época do apóstolo Paulo, o preparar-se para a boa obra era diverso de se sujeitarem as autoridades constituídas, vez que a boa obra não diz de luta política ou de classes “Admoesta-os a que se sujeitem aos principados e potestades, que lhes obedeçam, e estejam preparados para toda a boa obra” (Tt 3:1).

Quando o apóstolo Paulo diz a Tito: “E os nossos aprendam também a aplicar-se às boas obras, nas coisas necessárias, para que não sejam infrutuosos” (Tt 3:14), estava fazendo alusão a palavra do evangelho, e não as ações de cunho social que tanto é apregoada em nossos dias.

Quando o apóstolo Paulo diz que Epafrodito esteve próximo da morte pela obra, temos que entender que, para que a palavra sem fermento fosse anunciada pelo apóstolo dos gentios, Epafrodito não fez caso de sua própria existência para suprir as necessidades de Paulo “Porque pela obra de Cristo chegou até bem próximo da morte, não fazendo caso da vida para suprir para comigo a falta do vosso serviço” (Fl 2:30).

Epafrodito se dispôs a dar a vida trabalhando para sustentar o apóstolo Paulo para que a Palavra da verdade fosse pregada. Epafrodito sabia que era necessário que Paulo continuasse ensinando a verdade do evangelho para que os crentes pudessem conservar o modelo das sãs palavras de Cristo, pois só por intermédio dela é que Deus realiza a sua obra “As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras” (Jo 14:10).

A obra de Deus está vinculada à palavra de Deus. Sem a palavra de Deus não há obra boa. Quando se anuncia as palavras de Deus conforme as Escrituras, a obra é realizada por Deus.

Quando lemos: “Vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém” (Hb 13:21), a ênfase do escritor aos Hebreus repousa no fato de os cristãos serem criados para a boa obra e, que por sua vez, Deus os aperfeiçoará para fazerem a vontade de Deus: “Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade” (1Tm 2:4); “Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6:40).

Todos quantos falam conforme o mandamento que Cristo recebeu do Pai são perfeito para a boa obra: “E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai me tem dito” (Jo 12:50), pois quem não diz nada de si mesmo ou conforme a sua carnal compreensão é porque sabe que é Deus quem faz a Sua obra (Jo 14:10).

Conhecer o Pai por intermédio do Filho é a obra que Deus realiza “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:3).

Romanos 3 - A justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo

Muitos consideram que a justificação é semelhante a um ato de juiz, onde Deus trata o pecador injusto como se fosse justo, porém, a pessoa não é realmente justa. Neste diapasão Scofield diz: “O pecador crente é justificado, isto é, tratado como justo por causa de Cristo (...) A justificação é um ato de reconhecimento divino e não significa tornar uma pessoa justa” C. I. Scofield, A Bíblia de Scofield com referências, nota à (Rm 3:28). (grifo nosso)

Romanos 3 - A justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo

Introdução

Alguns dos argumentos do apóstolo Paulo são construídos com elementos da lógica quando ele sai em defesa do evangelho. Ex: “Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura a incircuncisão não será reputada como circuncisão?” (Rm 2:25 -26).

A frase: “A circuncisão é proveitosa se o circuncidado guardar a lei”, é uma

proposição composta em decorrência do conectivo 'se'. O conectivo 'se' combina ideias simples e confere valores lógico à proposição, podendo este valor ser verdadeiro ou falso, dependendo da operação introduzida pelo conectivo.

Paulo demonstra aos cristãos em Roma que os judeus precisariam cumprir cabalmente a lei para que a circuncisão fosse válida diante de Deus. Como é impossível ao homem cumprir a lei, segue-se que a circuncisão dos judeus é inócua, ou melhor, sem valor algum. O ensino de Paulo está vinculado à duas considerações seguintes:

- a) tropeçar em um único quesito da lei é o mesmo que não cumprir a lei (Tg 2:10), e;
- b) a natureza da lei é incompatível com a natureza do homem: ela é espiritual e o homem carnal (Rm 7:14).

Ao considerarmos que a proposição: 'a circuncisão é proveitosa se o circuncidado guardar a lei', é verdadeira, segue-se que, se um 'incircunciso' guardar a lei, ele será reputado pelos judeus como 'circunciso'. A argumentação de Paulo estabelece uma equivalência lógica entre as proposições.

Paulo apresenta uma equivalência lógica na sua argumentação para demonstrar que judeus e gentios são iguais diante de Deus.

Em qualquer interpretação não podemos contrariar ou adaptar a ideia presente nas proposições segundo perspectivas humanas.

Quando Jesus disse: "[Entrai pela porta estreita...](#)", não podemos contrariar a ideia dizendo que 'a porta não é estreita'. Alegar que 'a porta não é estreita' não é correto, principalmente quando se introduz elementos que não são citados no texto. "A soberba do homem faz com que o caminho fique estreito" não é uma ideia presente no texto.

Jesus não apresentou elementos humanos em suas declarações. Ele falou acerca do caminho (é estreito), sem qualquer referência ao comportamento dos seus ouvintes, o que demonstra que não podemos considerar este elemento na hora de interpretarmos as suas declarações.

Se considerarmos que é o homem que faz 'o caminho estreito', como podemos entender a declaração de Cristo: "Eu sou o caminho..."? Observe que não há

equivalência lógica entre as declarações de Cristo (Eu sou o caminho..., e; o caminho é estreito) e a interpretação de que é o homem quem faz o caminho estreito.

Observe que entre as declarações de Cristo (Eu sou o caminho...) e a interpretação de que o homem é quem faz o caminho estreito não há equivalência.

Jesus apresentou várias definições acerca da sua pessoa: Eu sou o bom pastor; Eu sou a porta; Eu sou o caminho; Eu sou a verdade e a vida, etc. Qualquer explicação que contrarie o que Jesus disse, deve ser considerado anátema, visto que os falsos profetas introduzem heresias encobertamente heresias que negam a pessoa de Cristo.

Do capítulo três em diante, a carta de Paulo aos Romanos apresenta inúmeras proposições, e muitas serão introduzidas pelo conectivo 'se', estabelecendo uma equivalência lógica. Ao utilizar o conectivo 'se', Paulo não introduz uma dúvida ou uma 'possibilidade de', antes estabelece uma equivalência lógica entre a argumentação e uma proposição simples.

A argumentação: *“Mas se a nossa injustiça faz surgir a justiça de Deus, que diremos?”* (Rm 3:5), tem por base a proposição: 'Deus não é injusto' (Rm 3:6).

Com base na proposição: “Deus é justo”, Paulo estabeleceu uma nova proposição: “Deus não é injusto”, e dá sustentação à sua argumentação: “a nossa injustiça faz surgir a justiça de Deus”.

Agora, se quisermos estabelecer uma argumentação semelhante a de Paulo (a nossa injustiça faz surgir a justiça de Deus), não podemos estabelecer uma proposição 'Deus não é justo', da mesma maneira que contrariaram o que Jesus disse 'o caminho não é estreito'.

1 QUAL é, pois, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão?

Após demonstrar que não há diferença entre judeu e gentil, pois ambos são homens e culpáveis diante de Deus, Paulo responde uma das questões que poderia ser levantada por seus destinatários: Qual é a vantagem de ser judeu, se não há diferença alguma quanto ao quesito salvação?

2 Muita, em toda a maneira, porque, primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas.

Há uma grande vantagem em ser judeu: a palavra de Deus foi confiada primeiramente a eles. Deus escolheu o povo de Israel para uma missão: tornar conhecido o nome de Deus sobre a face da terra, e em contra partida foi confiado a eles as Escrituras. Deus escolheu para o povo para uma missão, mas a salvação é individualizada.

Cada indivíduo pertencente à comunidade de Israel deveria circuncidar o coração conforme a determinação de Moisés, pois Deus não escolhe dentre os homens quem será salvo, mas escolhe quem haverá de desempenhar uma missão.

3 Pois quê? Se alguns foram incrédulos, a sua incredulidade aniquilará a fidelidade de Deus?

Alguém poderia questionar ainda: Qual a vantagem de ter recebido da palavra de Deus e não ser salvo? Paulo conclui: “Ora, não ser salvo é uma questão de incredulidade, e não de infidelidade da parte de Deus”. A incredulidade do homem não influencia os atributos de Deus: ele permanece fiel, mesmo quando o homem não crê em sua palavra.

4 De maneira nenhuma; sempre seja Deus verdadeiro, e todo o homem mentiroso; como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras, E venças quando fores julgado.

Deus é verdadeiro em essência. Naturalmente Deus é verdadeiro e todos os homens mentirosos.

Paulo não fez referência a um comportamento reprovável dos homens: a mentira. Ele simplesmente contrapõe a natureza divina com a natureza humana decaída. Ou seja, nem todos os homens vivem contando mentiras, mas todos os homens são mentirosos em sua essência, pois deixaram de ser participantes da natureza divina, que é a verdade. O pecado de Adão causou esta separação entre Deus e os

homens.

Paulo demonstra que a declaração: “Deus é verdadeiro sempre, e todo homem mentiroso”, é conforme as Escrituras. Ele cita o Salmo cinquenta e um, versículo quatro para demonstrar que Deus é verdadeiro e todo homem mentiroso (Sl 51:4).

Observe que o Salmo 51 demonstra um salmista que conhece as suas transgressões; ele reconhece que foi formado em iniquidade; que precisa de Deus para ser limpo no íntimo, visto que ele ama a verdade no íntimo. Quando há uma citação das Escrituras no N. T., devemos observar todo o texto, e não somente o versículo citado.

Reconhecer que Deus é verdadeiro e que os homens são mentirosos é um louvor que não podemos nos furtar a conceder ao nosso Criador.

5 E, se a nossa injustiça for causa da justiça de Deus, que diremos? Porventura será Deus injusto, trazendo ira sobre nós? (Falo como homem.)

Quando consideramos que ‘toda ação tem uma reação’, chegamos à questão acima: a nossa injustiça é causa da justiça de Deus. Que argumentos utilizaremos quando ficar demonstrado que as injustiças DOS HOMENS são causa da justiça divina? Deus é injusto? A resposta é taxativa: De maneira nenhuma!

Desde o primeiro capítulo da carta aos Romanos Paulo fala dos homens que detém a verdade em injustiça, ou seja, os homens que rejeitam a verdade do evangelho. Paulo demonstra que o argumento que ele estava utilizando é semelhante ao homem descrito anteriormente (Falo como homem).

Paulo demonstra que o argumento utilizado é pertinente ao homem objeto de seu discurso: o homem natural. Paulo, apesar de ter sido justificado em Cristo (livre da ira), quando da argumentação utiliza o pronome na primeira pessoa do plural “nós” para falar da ira de Deus. Mas, como ele e os cristãos já não eram objetos da ira de Deus, Paulo destaca que está falando como homem, ou seja, ele estava falando como se ainda estivesse na sua condição de homem carnal e sujeito da ira de Deus.

6 De maneira nenhuma; de outro modo, como julgará Deus o mundo?

Deus não é injusto ao trazer ira sobre os injusto. Se alguém pensa diferente que o apóstolo, que apresente outro modo que Deus pudesse exercer a sua justiça. Qualquer tese apresentada deve estar em conformidade com as Escrituras.

7 Mas, se pela minha mentira abundou mais a verdade de Deus para glória sua, por que sou eu ainda julgado também como pecador?

Este versículo é um contra ponto ao versículo cinco. Naquele, a injustiça do homem que rejeita a verdade faz surgir a ira de Deus, e neste, o homem que reconhece o seu estado precário em mentira, recebe em abundância a graça de Deus em verdade.

No versículo cinco, Paulo fala de uma condição pertinente aos homens sem Cristo, e neste versículo, há uma condição pertinente à quem está em Cristo.

Se pela (minha) mentira, ou seja, condição de pecado que separou o homem da verdade que há em Deus, a verdade de Deus abundou mais em verdade para glória de Deus, Paulo questiona o motivo de ele ainda ser julgado como se fosse pecador.

É possível continuar sendo pecador após tornar-se participante da verdade abundante concedida por Deus? Se no versículo cinco questionavam a justiça de Deus por ela ser exercida sobre a injustiça dos homens, porque julgavam o apóstolo, e não Deus, quando sabiam que sobre ele a graça de Deus era abundante?

8 E por que não dizemos (como somos blasfemados, e como alguns dizem que dizemos): Façamos males, para que venham bens? A condenação desses é justa.

Paulo questiona os seus possíveis interlocutores: 'Vocês me julgam como se eu fosse pecador pelo fato de eu não dizer: façamos males, para que venham bens?'. Ora, quem diz 'façamos males, para que venham bens', receberá a condenação merecida.

Observe o exercício de interpretação bíblica utilizado nos versículos quatro e sete.

No versículo quatro Paulo enfatiza que todo homem é mentiroso. Ora, todos sabemos que nem todos os homens vivem da mentira. Paulo estaria falando do comportamento pernicioso, que é a mentira, ou da natureza do homem que não é conforme a natureza divina? Perceba que o salmo 51 demonstra que Deus se agrada da verdade no íntimo do homem, ou seja, para que o homem seja verdadeiro há a necessidade de que seja limpo por Deus.

Após estabelecermos que a mentira do versículo quatro, não diz da mentira que os homens contam aos seus semelhantes, temos elementos para afirmar que a referência que Paulo faz à mentira no versículo sete, diz da sua antiga natureza segundo o pecado (por não ser participante da natureza divina que é a verdade, o homem é mentiroso).

Após demonstrar que onde havia pecado (mentira), abundou a graça (a verdade de Deus para a sua glória), Paulo coloca em xeque o julgamento que estavam fazendo de sua pessoa.

Condenação

Antes de prosseguirmos, faz-se necessário esclarecermos dois assuntos acerca de alguns temas que iremos estudar no decorrer do capítulo três da carta aos Romanos.

Em certa publicação brasileira, ao falar da justificação pela fé, o escritor recomenda um cuidadoso estudo dos versos 21 ao 31, arrematando que, nestes versículos estão contidos toda a doutrina fundamental do evangelho. Não me oponho a esta argumentação, mas não posso concordar com a argumentação seguinte:

“Quando o mundo está com a boca fechada, condenável (mas não condenado) perante Deus, então é que Deus revela uma justiça divina para os homens...”

McNair, S. E., A Bíblia explicada - 4ª Ed. - Rj: CPAD, 1983, Pág 407, Cap 3, § 4º.

Segue-se a pergunta: O mundo é 'condenável' ou 'está condenado' perante Deus?

A Bíblia é clara ao demonstrar que o mundo já está condenado perante Deus, mas quanto às obras, o mundo é condenável, visto que as ações dos homens ainda serão submetida à juízo.

Quando não se estabelece distinção entre a condenação em Adão (passado) e a retribuição decorrente das obras (condenável - futuro), não conseguiremos entender as argumentações paulinas.

Jesus demonstrou que o mundo está condenado, conforme se lê: **“Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, porque não crê no nome do unigênito Filho de Deus”** Jo 3: 18.

Onde o mundo foi condenado? O mundo foi condenado em Adão, conforme Paulo descreve: **“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens, para condenação...”** (Rm 5:18). Por causa da ofensa de Adão, Deus estabeleceu o seu juízo e todos os homens tornaram-se condenados diante de Deus.

Esta condenação deu-se lá no Éden, e toda a humanidade está debaixo desta condenação (passado). A condenação em Adão comprometeu a natureza humana: o homem deixou de ser participante da natureza divina , que é vida, e passou a condição de morto, que é a separação da vida que há e é proveniente de Deus.

Agora, se o mundo está condenado, porque o mundo é condenável diante de Deus? De qual julgamento o apóstolo faz referência? O que será julgado?

Os versículos dezoito e vinte do capítulo três demonstra que o mundo é condenável (futuro) diante de Deus, visto que ninguém será justificado diante dele pelas obras da lei. Ou seja, quando se fala de obras o mundo é condenável, porém todos já estão condenados em Adão **“...toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. Pois isso ninguém será justificado diante dele pelas obras da lei”** (Rm 3:19 -20).

Observe que o apóstolo Paulo desde o versículo dezoito do capítulo um, aponta as obras reprováveis dos homens que detém a verdade em injustiça, demonstrando que Deus recompensará a cada ser humano segundo as suas obras (Rm 2:6), e neste juízo não haverá acepção de pessoas (Rm 2:11).

Paulo aponta um juízo futuro, demonstrando que os gentios serão julgados,

mesmo não tendo recebido um código de lei e perecerão, e os judeus, por terem um código, pela lei serão julgados, e como pecaram, também perecerão (Rm 2:12).

Este julgamento que será estabelecido quanto às obras, também trará ao conhecimento de todos os homens o juízo estabelecido em Adão, conhecerão que estão condenados diante de Deus “...entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus” (Rm 2:5).

O julgamento, quanto às obras, será realizado no tribunal do Trono Branco, conforme lemos em Apocalipse: “Os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia, e foram julgados cada um segundo as suas obras” (Ap 20:12 -13).

Quando do Tribunal do Grande Trono Branco, os homens conhecerão que estão condenados em Adão, ou seja, será manifesto a eles o juízo de Deus que se deu no Éden, e quanto ao julgamento das obras, receberão o que entesouraram para si: ira e indignação (Rm 2:5 e 8).

Os salvos em Cristo também serão julgados quanto às obras no tribunal de Cristo, onde receberemos o que houvermos feito por meio do corpo... (2Co 5:10). Por isso o apóstolo Paulo fala que cada um será recompensado segundo as suas obras, tantos salvos, quanto perdidos (Rm 2:6).

Jesus disse que o mundo está condenado, e jamais podemos contrariar a sua afirmação conforme McNair o fez, ao dizer: “..mas não condenado”. O mundo está condenado, e ainda é condenável por causa de suas obras más, visto que as suas obras irão a julgamento, e será aquilatado a recompensa de cada um.

Ao falar como homem, Paulo faz a seguinte pergunta: “Será Deus injusto, trazendo ira sobre nós?” (Rm 3:5). Esta pergunta feita pelos homens demonstra que desconhecem o juízo estabelecido em Adão, e que todos estão condenados. A pergunta também demonstra que estes esperam um julgamento da parte de Deus, e que terão uma retribuição favorável quanto as suas “boas” ações.

Somente no dia da ira (manifestação do juízo de Deus) os homens conhecerão que estão condenados. Ao apresentarem as suas obras diante do tribunal, descobrirão que elas não servem para justificá-los, pois são trapos de imundícia (Rm 2:5 ; Rm

3:20).

Outro teólogo afirmou que:

“Os tempos futuros de Rm 3: 20 (porque ninguém será justificado com base nas obras da lei); 3:20 (Deus que irá justificar) talvez não sejam futuros autênticos, e sim gnômicos (lógicos). O (muitos serão colocados como justos), de Rm 5: 19 naturalmente é dito do ponto de vista da virada dos tempos e, portanto, já vale a respeito do presente (cf. v. 17, 21). Por outro lado também o tempo presente nos enunciados em tempo presente de Gl 2: 16; 3: 11; 5: 4 não é um tempo presente autêntico, e sim presente atemporal do dogma, podendo, portanto, quanto ao assunto em questão, referir-se à sentença de Deus no juízo vindouro” Rudolf, Bultmann, Teologia do Novo Testamento, tradução Ilson Kayser, SP: Ed. Editora Teológica, 2004. (Foi suprimido os versos em grego).

Bultmann não negou o que Cristo disse, como fez McNair, porém, ao ler Rm 3:20, percebe-se que ele fez uma leitura equivocada, e criou dois tempos para a justificação: presente autêntico e presente lógico.

Para Bultmann, a justificação não é efetiva na vida do crente hoje, mas refere-se a uma sentença de Deus em um juízo vindouro. Percebe-se que ele ignorou o juízo estabelecido em Adão, e passou a considerar somente o julgamento vindouro, que será quanto as obras.

Observe que Bultmann não tem certeza quanto ao que expõe, e expressa ‘talvez, podendo’, etc.

Ao utilizar o verbo ‘será’ (futuro), o apóstolo Paulo procurou demonstrar o motivo da ineficácia das obras da lei *“Por isso ninguém...”* (v. 20).

Considerando que Paulo estava falando das obras reprováveis dos homens (judeus e gregos); considerando que todo o mundo é condenável (julgamento das obras - futuro); considerando o julgamento em Adão (juízo de Deus - passado), e que Paulo não está fazendo referência a tal juízo nestes dois versos; segue-se que ninguém SERÁ justificado por realizar o estipulado pela lei.

Como o julgamento das obras será no futuro, aquele que está condenado, não será justificado quando do julgamento de suas obras (condenável) (Rm 3:19 -20).

Porém, quanto ao juízo em Adão, os cristãos, por intermédio da fé em Cristo, já estão justificados (são declarados justos e livres da condenação), conforme Jesus disse: “Quem nele crê não é condenado...” (Jo 3:18).

Utilizando o vocabulário criado por Bultmann, podemos assim dizer que a justificação se dá num presente autêntico “...pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, e são justificados gratuitamente...” (Rm 3:23 -24). A justificação não se dará em um presente atemporal, e nem mesmo refere-se ao ‘juízo vindouro’ (julgamento das obras).

9 Pois quê? Somos nós mais excelentes? De maneira nenhuma, pois já dantes demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado;

Paulo volta a sua argumentação ao primeiro versículo do capítulo três.

Para aqueles (judeus) que julgavam serem melhores que os gentios na questões relativos à salvação, Paulo faz a mesma pergunta do verso três: “pois quê?”. Somos mais excelentes que os gentios que adquirimos uma vantagem na conquista da salvação?

De maneira alguma os gentios foram protelados quanto à graça de Deus! Paulo enfatiza já ter demonstrado esta verdade “...pois já demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado”, compare com Rm 2:12 .

10 Como está escrito: Não há um justo, nem um sequer.

Caso houvesse dúvidas quanto às declarações do apóstolo, ele invoca a autoridade das Escrituras.

Se as Escrituras dizem que ‘não há um justo, nem um sequer’, é porque não há exceção entre os homens, até mesmo por causa de nacionalidade. Não há um justo, e as Escrituras complementam: NEM UM SEQUER!

Mas, de onde, de que parte das Escrituras Paulo faz a afirmação categórica: “Não há um justo, nem um sequer”?

“Já pereceu da terra o homem piedoso, e não há entre os homens um que seja justo; todos armam ciladas para derramar sangue; cada um caça a seu irmão com a rede...” (Mq 7:2);

“E não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista não se achará justo nenhum vivente” (Sl 143:2).

A união das proposições presente em Miqueias e nos Salmos leva a conclusão de que não há ‘entre os homens um que seja justo’, pois diante de Deus ‘não se achará justo nenhum’.

11 Não há ninguém que entenda; Não há ninguém que busque a Deus. 12 Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só.

Leia o Salmo quatorze e o cinqüenta e três antes de prosseguir na análise da carta aos Romanos.

Todas as citações feitas por Paulo estão diretamente vinculadas à ideia: ‘Não há um justo, nem um sequer’. O versículo dez é uma conclusão de Paulo, que resume a ideia base que contém as Escrituras, diferente dos versículos que se seguem, que são citações ‘*ipsis literis*’ das Escrituras.

As Escrituras é categórica: apesar de inúmeras religiões, não há quem busque a Deus. Dentre os homens não há quem entenda como buscar a Deus! Isto porque, todos se extraviaram (se perderam), e se fizeram inúteis.

Para entendermos este versículo, devemos nos lembrar que o único evento da história da humanidade que a Bíblia relata, na qual alguém se perdeu, foi lá em Adão. Através da queda de Adão, todos os homens, a uma só se fizeram inúteis.

Desde a queda não há entre os filhos dos homens quem faça o bem, sem qualquer exceção, o que demonstra que os judeus também se fizeram inúteis diante de Deus.

Não podemos confundir ‘fazer o bem’ e fazer ‘boas ações’. Esta condição é possível a todos os homens e depende da vontade humana, enquanto aquela somente é possível quando se está em Deus, e está vinculada à natureza do

homem.

Um comentário que consta da Bíblia Vida Nova aos versículos 10 a 18, na nota de roda pé, diz que:

“É uma prova da universalidade do pecado. 1) O pecado no caráter humano (vv 10- 12. 2) O pecado na conduta humana (vv 13- 17): a) em palavra (vv 13, 14); b) em ação (vv 15- 17). A Fonte do Pecado (v 18)”.

A prova da universalidade do pecado não está no caráter e na conduta dos homens. Tal prova encontra-se na morte que é comum a todos os homens “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5:12). A fonte do pecado não está descrito no versículo dezoito, antes a origem do pecado é o diabo, e o pecado foi introduzido no mundo dos homens quando da queda em Adão.

O caráter e a conduta (palavra e ação) pernicioso do homem no pecado apenas decorre do fato de terem ‘conhecido a Deus’, e contudo, não se ‘importaram de ter conhecimento d’Ele’, e foram entregues ao sentimento pervertido, as paixões infames, e a concupiscência de seus corações (Rm 1:21 -32).

13 A sua garganta é um sepulcro aberto; Com as suas línguas tratam enganosamente; Peçonha de áspides está debaixo de seus lábios; 14 Cujas boca está cheia de maldição e amargura.

Leia o salmo cinco e o salmo cento e quarenta antes de prosseguir no estudo.

O apóstolo mescla várias citações das Escrituras, observe:

“A sua garganta é um sepulcro aberto” (Sl 5:9 b);

“Com as suas línguas tratam enganosamente; Peçonha de áspides está debaixo de seus lábios” (Sl 140:3).

O versículo quatorze é igual ao versículo dez, constitui-se em uma conclusão de Paulo com base nas Escrituras, e não é uma citação ‘ipsis literis’ como o versículos treze “Cujas boca está cheia de maldição e amargura”.

Por que a garganta dos homens é um sepulcro aberto? Porque, quando falam, expõe a podridão do pecado que compromete os seus corações. É por isso que precisam da circuncisão de Cristo, onde o coração enganoso é substituído por um novo coração.

Paulo não está tratando de questões morais ou comportamentais, como a mentira e o engano. Estes versículos não se referem aos comportamentos descritos em Romanos 1, versos 29 a 31. Estes versículos fazem referencia à natureza perniciosa do homem separado de Deus.

15 Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. 16 Em seus caminhos há destruição e miséria; 17 E não conheceram o caminho da paz. 18 Não há temor de Deus diante de seus olhos.

Leia Isaías cinqüenta e nove, antes de prosseguir no estudo.

Isaías não estava a protestar aqui os crimes de sangue, embora eles são reprováveis diante de Deus.

O texto de Isaías fala da natureza decaída do homem e o que ela pode produzir. Só é possível entender na plenitude o texto de Isaías quando se está de posse da compreensão da figura da árvore: “Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má o seu fruto mau, pois pelo fruto se conhece a árvore” (Mt 12:33).

Como todos os homens estão debaixo do pecado (v. 9), ao citar Isaías, Paulo demonstra que todos os homens estão em igual condição quando não estão em Cristo: possuem pés ligeiros para derramar sangue inocente; os caminhos de todos levam a destruição e miséria.

Como os homens percorrem o caminho da destruição, eles não conhecem caminho da paz, ou seja, o caminho que estabelece a reconciliação entre Deus e os homens, que é a graça de Deus por intermédio de Cristo. O homem segue o que há diante dos seus olhos, por isso não seguem o princípio da sabedoria que é Cristo (v. 18).

Justificação

“... aquele que está morto está justificado do pecado” Rm 6: 7.

O Dr. Bancroft ao escrever sobre a justificação, registrou o seguinte:

“O método é divino e não humano. O homem só pode justificar o inocente; Deus justifica o culpado; o homem justifica à base do mérito; Deus justifica à base da misericórdia (...) Se o homem tivesse de ser justificado nesta base, seu caráter moral teria de ser perfeito; mas ninguém é perfeito. ‘Não há homem que não peque.’ ‘Não há salvação por meio do caráter. O que os homens necessitam e ser salvos de seu caráter.’ “ Emery H. Bancroft, Teologia Elementar, Ed. EBR, ed. 2001, Pág. 256, III. (grifo nosso).

A Bíblia é clara ao dizer que Deus não tem o culpado por inocente “Que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado; que ao culpado não tem por inocente; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até à terceira e quarta geração” (Ex 34:7). Daí surge a pergunta: É possível Deus justificar o culpado sem contrariar a sua própria palavra? É pertinente a colocação de Bancroft? “... não justificarei o ímpio” (Ex 23:7).

Jesus disse que é necessário ao homem nascer de novo e não fez qualquer referência a elementos humanos como caráter, moral e comportamento. O homem é salvo (resgatado) do pecado (vã maneira de viver), ou de seu caráter? Ao termino desta introdução você será capaz de determinar qual a base da justificação em Cristo.

Como se dá a justificação em Cristo?

Para desfazerem a aparente contradição que há em um Deus justo que justifica o homem pecador, alguns pensadores pensam a justificação como um ato de clemência de Deus, no qual Ele inocenta um culpado (pecador).

Outros, tem na justificação um ato de juiz, onde Deus trata o pecador injusto como se fosse justo, porém, a pessoa não é realmente justa. Neste diapasão Scofield diz:

“O pecador crente é justificado, isto é, tratado como justo por causa de

Cristo (...) A justificação é um ato de reconhecimento divino e não significa tornar uma pessoa justa” C. I. Scofield, A Bíblia de Scofield com referências, nota à (Rm 3:28). (grifo nosso).

Outros apresentam o amor de Deus como base à justificação. Outros, tem na justificação um ato de Pai, que não leva em conta os erros dos filhos. Para outros, a justificação é um ato de anistia. Outros, que a justificação decorre da soberania de Deus.

Afinal, qual é a base para a justificação para que não haja uma contradição em Deus ser Justo e Justificador daqueles que creem em Cristo?

O humanidade foi declarada culpada em Adão (Rm 5:19). Em Adão todos os homem tornaram-se pecadores e foram destituídos da glória de Deus (Rm 3:23). A salvação de Deus por intermédio de Cristo visa salvar (resgatar) o homem desta condenação (Rm 5:18 b), e conduzi-los para o reino do Filho do seu amor (Cl 1:13).

Jesus ao falar da salvação disse a Nicodemos: “**Em verdade, em verdade te digo que quem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus**” Jo 3: 3. Este versículo demonstra que o empecilho à entrada do homem no reino dos céus encontra-se no seu nascimento. Se é necessário um novo nascimento, o antigo nascimento é a causa da impossibilidade do homem ter acesso a Deus. Todos os homens tornaram-se filhos da ira e da desobediência por serem descendentes de Adão.

A parábola das duas portas e dos dois caminho (Mt 7:13 -14), e a figura dos vasos para honra e desonra ilustram esta realidade (Rm 9:21). O acesso à porta larga e ao caminho que conduz a perdição decorre do nascimento em Adão, e o acesso à porta estreita, e ao caminho que conduz a vida, é o novo nascimento. Da mesma forma, os vasos para desonra são criados em Adão Rm 9: 22, e os vasos para honra são criados em Cristo (Rm 9:23).

Para reverter esta impossibilidade aos filhos de Adão, Jesus demonstra por meio do evangelho a necessidade do novo nascimento, onde aqueles que creem em Cristo são de novo gerados, de semente incorruptível, que é a palavra de Deus (1Pe 1:3 e 23).

A condenação se deu em Adão, e a salvação se dá em Cristo, por intermédio do

lavar regenerador. Aqueles que creem são gerados de novo, para uma viva esperança pela ressurreição de Cristo.

Os nascido de Adão foram declarados culpados e pesa sobre eles a condenação. Os nascidos de novo são justificados, ou seja, após serem criados em verdadeira justiça e santidade, a nova criatura, ou o novo homem por ser JUSTO é declarado justo por Deus.

É certo que o homem é declarado culpado por Deus por causa de uma condição adquirida em Adão. Por que Deus declararia o homem justo, se esta não é a sua real condição? Se a condenação do passado afetou toda a humanidade, por que a justiça de Cristo não é efetiva hoje?

Desta análise decorre que a justificação não é um ato de juiz, não é um ato de Pai e também não é uma ato judicial. Ou seja, a justificação decorre de um ato criativo da parte de Deus.

- Deus jamais declarará o ímpio inocente (Ex 23:7).
- O pecador jamais será tido por inocente (Nm 14:18), visto que, 'a alma que pecar esta mesmo morrerá (Ez 18:4).
- A pena não pode passar da pessoa do transgressor (Dt 25:1).
- Outra pessoa não pode sofrer a pena no lugar do transgressor (Ez 18:4).

Os princípios que constam da lei são todos levados em conta quando da justificação do homem, sem contradição alguma. Ao justificar o homem que crê em Cristo, Deus é justo e a sua declaração de justo não é direcionada a um ímpio tido por inocente.

O homem sem Cristo está morto em delitos e em pecados (Ef 2:1). A condição de morto decorre da queda em Adão, porém, aquele que está morto para Deus vive para o mundo.

A Bíblia nos informa que Cristo, enviado ao mundo, é o único acesso dos homens a Deus. Ele é o novo e vivo caminho consagrado em sua carne (Hb 10:20). Cristo morreu pelos injustos, ou seja, a morte dele foi a favor dos injustos. Todos quantos creem no sacrifício de Cristo tornam-se participantes de sua morte, e efetivamente morrem juntamente com Ele (Rm 6:6 -7), e passaram a viver para Deus (Ef 2:5).

Quando o velho homem, a velha natureza é crucificada com Cristo, cumpre-se o que determina a lei: o pecador não será tido por inocente; a alma que pecar, esta mesma morrerá, e; a pena não passa do transgressor. Ao unir-se com Cristo na sua morte, o homem deixa de viver para o mundo, e é justificado do pecado Rm 6: 6, e declarado justo por Deus (Rm 5:1).

Sabemos que o nosso velho homem, a velha natureza herdada em Adão, foi crucificada em Cristo Rm 6: 6. O corpo do pecado foi desfeito por meio da nossa união à morte de Cristo, e não mais servimos ao pecado (Rm 6:18). Fomos plantados juntamente com Cristo, na semelhança da sua morte (Rm 6:5). Através da comunhão com Cristo tornamos participante da sua morte, e de fato morremos com Cristo (Cl 3:3). Recebemos a circuncisão de Cristo, que é o despojar (desfazer) do corpo da carne herdada em Adão (Cl 2:11).

Quando o homem aceita a Cristo, ele é convidado a tomar a sua própria cruz, e seguir após Cristo (Mt 16:24). Ao seguir após Cristo, a lei de Deus é estabelecida: o ímpio, o pecador, o injusto recebe a pena determinada: a morte. Há o despojar do corpo da carne. A natureza condenada de Adão juntamente com o corpo que pertencia ao pecado é sepultada.

Após a união com Cristo na sua morte, dá-se o milagre da regeneração e justificação. Este é consequência daquele, e após a regeneração, se dá a justificação. Como?

Após tornar-se participante do corpo e do sangue de Cristo (Jo 6:54 -56), o velho homem é sepultado a semelhança de Cristo (o batismo representa esta verdade), e ressurge um novo homem, criado segundo Deus, em verdadeira justiça e santidade (Ef 4:24).

Este novo homem vem a existência por intermédio de Cristo. É uma nova criatura em Cristo. Quando o homem regenerado surge dentre os mortos (Ef 2:1), ele é declarado justo, pois esta é a sua nova condição perante Deus.

Deus é luz, e nele não há trevas nenhuma. Deus é a verdade, e jamais haveria de declarar como sendo justo, alguém que não é efetivamente justo. Deus não representaria uma farsa diante dos homens, tratando os injustos como justos, sem que tais homens sejam de fato justos.

A declaração de Deus é taxativa: [“Eis que faço nova todas as coisas”](#) (Ap 21:5).

Como Cristo morreu por todos os homens, logo, todos os que aceitam o seu sacrifício morreram (2Co 5:14). Deixamos de viver para o mundo e passamos a viver para Deus (2Co 5:15). A nova vida em Cristo dá ao homem uma nova condição diante de Deus e dos homens: passamos a condição de nova criatura. Somos criados à imagem daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Deixamos a condição de filhos das trevas, e passamos a condição de filhos de Deus.

As coisas do velho homem, como a condenação, a ira, a carne, o pecado, todas elas já passaram, e em Cristo, eis que tudo se fez novo. Cristo se fez pecado para que sejamos feitos, ou seja, criados justiça de Deus “[Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus](#)” (2Co 5:21) (grifo nosso). A justificação tem a sua base em um ato criativo de Deus, onde ele faz surgir um novo homem, que é declarado justo por ser verdadeiramente justo.

As palavras traduzidas por ‘justificar’ e justificação’ significam, segundo a ideia Bíblia ‘declarar justo’, ‘declarar reto’ ou ‘isento de culpa ou castigo’, condição esta possível após o homem ser gerado de novo, por intermédio de semente incorruptível (1Pe 1:3 e 23).

Deus declara justo somente aquele que é efetivamente justo, condição esta que se dá por meio da filiação divina (Jo 1:12). Todos quantos creem em Cristo, recebem poder para serem feitos, ou seja, criados filhos de Deus. Estes são de novo criados, não segundo a semente de Adão, mas através da palavra e do Espírito (Jo 3:5), conforme o prometido nas Escrituras “[Então espargirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis](#)” (Ez 36:25 -27).

A justificação se dá por intermédio da Palavra de Deus, uma vez que é Ele quem fez espargir água pura sobre os homens. Através da palavra, o homem fica limpo e purificado. Por que? Como?

Ao homem é dado um coração novo e um espírito novo (Regeneração), conforme Jesus disse a Nicodemos, necessário vos é nascer da água e do Espírito. Após o

homem nascer de Deus (Espírito) e da sua Palavra, será declarado justo, conforme predisse o salmista Davi: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto” (Sl 51:10).

Como apagar as transgressões dos homens? Como torná-los puros e limpos? Como resgatá-los da condenação de Adão? (Sl 51:5 e 7 e 10). Somente após a morte da velha natureza e por intermédio de uma nova Criação. Esta condição só é possível após a circuncisão do coração!

Sabemos que qualquer incisão no coração é morte. Após a circuncisão não realizada por mãos humanas, o homem é agraciado com um novo coração e um espírito reto.

Após entendermos como se dá a justificação em Cristo, percebe-se que não há contradição alguma em Deus ser Justo e Justificador. Percebe-se que a justificação não é um ato judicial ou forense. Percebe-se que Deus não tem o culpado por inocente. Estamos alegres em saber que Deus cria (torna) o homem justo e o declara justo. O crente é declarado justo, porque é justo em Cristo Jesus.

O homem precisa ser salvo da condenação do pecado para que possa receber a declaração de justo da parte de Deus. Deus exerce misericórdia, mas isto não que dizer que ele receba o culpado como se fosse inocente. Deus só justifica o inocente, aquele que de novo é nascido, sem levar em conta méritos, caráter, moral, conduta, etc. Amém.

Capítulo III

19 Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus.

Paulo demonstra que os destinatários detinham um conhecimento comum “Ora, nós sabemos que...”. Os cristãos sabiam que a lei só teria serventia àqueles que tem um vínculo com ela. Tudo que há expresso na lei, foi dito aos judeus (aos que estão debaixo da lei), e isto os destinatários de Paulo sabiam. Porém, o restante da declaração de Paulo provavelmente não era de conhecimento de todos, uma

vez que o apóstolo aponta a finalidade da lei: fechar a boca dos judeus.

A lei fecha a boca aos judeus por ser impossível justificar-se por intermédio das obras da lei. Isto por dois motivos:

- a) a lei é espiritual, e o homem é carnal, e;
- b) se o homem guardar a lei e tropeçar em um único quesito, tornou-se culpável. Não há como gloriar-se com a boca fechada.

A lei, que muitos entendiam que elevava os judeus a uma condição superior, somente deixou todos os homens em igual condição: condenáveis diante de Deus.

20 Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.

Se a lei deixa todos os homens condenáveis diante de Deus, resta concluir que as obras decorrente da lei não justificará o homem. Se alguém ainda fazia distinção entre os homens, Paulo enfatiza que todos são carne, e nenhuma carne será justificada pelas obras da lei.

Todos que se deparam com a lei, somente chegam a conclusão de que são pecadores. Por ela vem o conhecimento do pecado, ou seja, o homem toma ciência de uma condição que desconhecia.

21 Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas;

A exposição do apóstolo Paulo retorna a ideia demonstrada nos versículos dezesseis e dezessete do capítulo um.

A justiça de Deus é manifesta sem qualquer dos elementos pertinentes à lei. Paulo especifica o tempo em que a justiça de Deus se manifestou aos homens: agora. A autenticidade do que foi manifesto é demonstrado por intermédio da lei que os judeus não conseguiram cumprir, e dos profetas que eles perseguiram (At 7:52).

22 Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem; porque não há diferença.

A justiça que os judeus reputavam ter alcançado por intermédio da lei, Paulo demonstra que ela é alcançada pela fé em Cristo; a justiça de Deus é destinada (para) a todos quantos creem. Todos quantos creem já foram agraciados com a justiça, visto que ela é 'sobre' quem crê.

Como a justiça de Deus é para todos, e sobre todos os que creem, isto demonstra que a justiça de Deus é efetiva na vida do cristão hoje (agora).

Observe a diferença no tempo verbal da palavra 'manifestar' nos versículos 21 deste capítulo, e os versículos 18 e 19 do capítulo um. O versículo 21 demonstra que agora se 'manifestou' a justiça de Deus para os que creem, e esta justiça manifesta livra o homem do juízo que se deu em Adão. Já os versículos 18 e 19 do capítulo um, fazem referência à manifestação da ira, e esta contempla a impiedade e injustiça dos homens (que detêm a verdade em injustiça) que foram condenados em Adão.

Quando Paulo reitera que 'não há diferença', demonstra que a palavra 'todo' da frase anterior engloba a ideia de que tanto judeus quanto gregos são justificados por meio da fé.

23 Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus;

Como todos pecaram, a justificação é destinada a todos quantos creem. Judeus e gentios pecaram, e ambos foram destituídos da glória de Deus. Este versículo reforça a ideia de que a justificação por meio da fé contempla todos os homens, 'porque não há diferença'.

Ao apresentar o motivo pelo qual a graça de Deus destina-se a todos os homens que creem, o apóstolo Paulo acaba por deixar um alerta implícito: todos os homens pecaram, e todos os homens estão destituídos (privado, demitido) da glória de Deus.

Quando, onde, como e por quê todos os homens pecaram? Observe que Paulo não apresentou nenhuma conduta específica dos homens que os deixou na condição de pecadores. Esta declaração de Paulo (todos pecaram e destituídos estão da

glória de Deus) é muito importante e auxilia na definição do que é pecado e como se dá a justificação.

24 Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus.

Todos os homens que pecaram e que foram destituídos da glória de Deus, através da redenção que há em Cristo, são justificados (declarados justos) pela graça de Deus (sem qualquer ônus).

Quando justificado pela graça que há em Deus pela redenção que há em Cristo, a condição do homem que foi apresentado no versículo vinte e três é plenamente desfeita.

Todos os homens foram declarados culpados por nascerem de Adão “o que é nascido da carne, é carne...” (Jo 3:6), ou seja, todos são pecadores e destituídos estão da glória de Deus (v. 24).

Agora, quando os declarados culpados em Adão, creem em Cristo, estes nascem de novo, e esta nova criatura, criada em Deus é declarada justa diante d’Ele. Este novo homem passa a ser participante da glória de Deus (por ser participante da natureza divina decorrente da filiação), e deixa a condição de pecado (condenado).

Em linhas gerais, redenção é valor pago que concede uma nova condição ao homem agraciado.

25 Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus;

O ‘valor pago’ por Cristo (a medida exata do que é exigido por Deus Justo e Santo), é o que expia, ou propicia a extinção do pecado que pesa sobre o homem. Ou seja, Cristo, a redenção, foi proposto por ser ‘a oferta que visa a expiação’ dos pecados daqueles que pela fé torna-se participantes de Cristo.

A redenção e a propiciação estão intimamente ligadas. Enquanto esta diz do que é suficiente para a expiação, ou abolição dos pecados, aquela diz do valor estipulado para o homem ser livre da condenação em Adão.

Cristo foi proposto por Deus para:

- a) demonstrar a sua justiça, e;
- b) demonstrar a sua justiça neste tempo presente.

Demonstrar: 'provar mediante raciocínio concludente; comprovar; mostrar; evidenciar; dar a conhecer; revelar-se, etc'.

A remissão (liberdade) dos pecados é uma mostra, uma evidência, da justiça de Deus. Somente a justiça de Deus em Cristo pode dar liberdade ao homem ao expiar os seus pecados.

A justiça de Deus livra o homem da condenação em Adão e do julgamento de obras no tribunal do Trono Branco, ou seja, pecados. É por isso que Paulo diz que 'nenhuma' condenação há para os que estão em Cristo. A palavra 'nenhuma' deixa subtendido que pesa mais que uma condenação sobre os homens sem Cristo.

26 Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.

Cristo é uma evidência da justiça de Deus neste 'tempo presente'. Para o agora (Rm 8:1)!

A justiça evidenciada em Cristo ao libertar o homem do pecado é porque Deus é justo e justificador dos que creem em Cristo. Como conciliar os atributos justo e justificador? Deus não pode tomar o culpado por inocente (Ex 34:7).

27 Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé. 28 Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei.

A atitude presunçosa dos judeus acaba por ser excluída diante da regra da fé, pois todos os homens somente são justificados pela fé em Cristo. Todos são pecadores;

todos são culpáveis, mas a justiça mediante a fé é sobre todos, sem exceção.

A conclusão de Paulo para os cristãos em Roma é: o homem, não importa quem ele seja, é justificado pela fé, sem as obras estipuladas pela lei.

29 É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios?
Também dos gentios, certamente,

Sem esquecermos da pergunta: “Qual é pois a vantagem do judeu?” (Rm 3:1), Paulo reitera: “É porventura Deus somente dos judeus?” (v. 29). Embora a palavra de Deus tenha sido confiada aos judeus, quanto à questão da salvação, eles não obtiveram vantagem alguma. Primeiro, porque Deus não faz acepção de pessoas, e segundo, a salvação sempre foi por meio da fé em todos os tempos.

Mesmo após a entrega da lei, Moisés anunciava: “Circuncidai, pois, o prepúcio do vosso coração...” (Dt 10:16), circuncisão esta, que somente é obtida por meio da fé em Deus.

Qualquer presunção de superioridade é desfeita ao analisar a pergunta: “É porventura Deus somente dos Judeus?”. Qualquer resposta em contrário, seria o mesmo que desmentir a lei e os profetas: “DO SENHOR é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam” (Sl 24:1).

30 Visto que Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão.

Quando Deus estabeleceu a fé como único elemento de se ter acesso à sua justiça, a lei é cumprida. Deus é um só que justifica a todos (judeus e gentios) que creem em Cristo.

É neste diapasão que Cristo afirmou: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir” (Mt 5:17).

O que Deus disse? “...em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12:3).

O que os profetas anunciaram? “Assim diz o Senhor DEUS: Eis que levantarei a minha mão para os gentios, e ante os povos arvorarei a minha bandeira...” (Is

49:22).

O que a lei instituiu? “[Regozijai-vos, ó gentios, com o seu povo...](#)” (Dt 22:43).

Por meio da fé cumpre-se o que foi dito por intermédio da lei e dos profetas. É Deus quem justifica gregos e judeus pela fé em Cristo!

Os líderes religiosos e muitos do povo à época de Cristo pensavam na lei e nos profetas como sendo ‘regras sobre regras’, e muitos ainda hoje pensam que Cristo, ao ter anunciado que veio cumprir a lei e os profetas, estava fazendo referência aos ritos e cerimoniais presentes na lei mosaica. É certo que Cristo, como judeu, cumpriu com os cerimoniais da lei, porém, vale salientar que: ele não revogou (anulou) a lei ou os profetas, antes os cumpriu (estabeleceu), ao destruir a parede de separação, a barreira de inimizade, ao reconciliar ambos (judeus e gentios) em um só corpo (Ef 2:13 -18).

Cristo cumpriu a lei e o profetas ao evangelizar a paz “[a vós que estáveis longe, e aos que estavam perto](#)”, e por Cristo ambos (judeus e gentios) obtiveram acesso ao Pai em um mesmo Espírito, por meio da fé.

“[Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar](#)” (At 2:39).

[31 Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei.](#)

Como o evangelho de Cristo confirma a lei? Um dos princípios da lei é a não aceção de pessoas, e a fé é o elemento que viabiliza a gregos e judeus o acesso à justiça de Deus.

A fé

A fé (confiança, crença) surge da constatação de verdades contidas no mundo, e o homem passa a agir conforme estas verdades ou a esperar com confiança nas leis naturais que constatou com os seus sentidos e perspectivas. Ex: a lei da

gravidade, a chuva, dia e noite, etc.

“Uns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós faremos menção do nome do SENHOR nosso Deus” (Sl 20:7)

Este tema reveste-se de complexidade dada a importância que ele tem para a compreensão de como ocorre a salvação em Cristo. Para ser salvo em Cristo basta a fé, porém, diante dos questionamentos que se avolumam no decorrer dos tempos, faz-se necessário saber o que é a fé verdadeira, como adquiri-la e como exercê-la.

Classificação

Antes de abordarmos este tema do ponto de vista bíblico, devemos verificar sobre qual tipo de fé estaremos falando. Para a análise, classificamos a fé em dois grupos:

- a) fé natural, e;
- b) fé salvadora.

A definição de **fé natural** é facilmente extraída dos dicionários, como se lê:

“fé sf. 1. crença religiosa. 2. Conjunto de dogmas e doutrinas que constituem um culto. 3. Rel. A primeira das virtudes teológicas: adesão e anuência pessoal a Deus. 4. Firmeza na execução de uma promessa ou compromisso. 5. Crença, confiança. 6. Testemunho autêntico, escrito, de certos funcionários, que tem força em juízo”.

Da definição dos dicionários subentende-se que até mesmo os ateus possuem algo em que acreditar. Se eles professam que não creem em Deus, ao menos creem nas leis da natureza e em suas próprias ideologias.

A fé natural refere-se à certeza que o homem tem das coisas concernentes ao seu dia-a-dia. Todos os homens possuem a certeza de um amanhã. Todos têm certeza

das conseqüências dos seus atos. Todos têm certeza quanto às leis da física, da matemática, da natureza, etc.

Esta confiança não é algo nato do homem. A fé surge através da interação do homem com o mundo. Ao nascer, o homem não tem certeza ou fé, e nem mesmo acredita em coisa alguma. Porém, no decorrer do tempo, o homem passa a interagir com o mundo, e dessa interação surge as certezas e as crenças.

A fé natural surge da experimentação, do ensino, da constatação. O que leva a concluir que a fé não é proveniente do homem, antes, a fé é proveniente do mundo que o cerca. A realidade é que concede elementos por demais convincentes e dignos de confiabilidade ao homem.

Isto é verificável de duas formas:

- (1) a certeza que o homem possui não torna a realidade verdadeira ou certa, ou seja, a certeza do homem não muda a essência real das coisas;
- (2) antes de o homem vir à existência, certas verdades já existiam.

“A verdade produz certeza (confiança, fé), mas a certeza não produz verdade”

O que nos leva a concluir que a fé não é proveniente do homem, mas sim, das coisas que estão há muito estabelecidas.

Não é a confiança do homem que promove a infalibilidade das leis naturais, antes a certeza de que tais leis são irrevogáveis, é que promove a confiança do homem.

A fé, ou a confiança, surge da constatação de verdades contidas no mundo, e o homem passa a agir conforme estas verdades ou a esperar com confiança nas leis naturais que constatou com os seus sentidos e perspectivas. Ex: a lei da gravidade, a chuva, dia e noite, etc.

A fé natural surge no homem quando ele consegue ‘mapear’ os eventos que o cercam durante o seu desenvolvimento. Com base nos elementos que o meio fornece, e através daquilo que conseguiu constatar, surge a ‘fé’, e este homem passa a agir de modo seguro e confiante.

A ‘crença’ do homem não garante os eventos que ocorrem ao seu redor, porém, os eventos certos e previsíveis produzem confiança, fazendo o homem agir com

segurança.

A certeza que o homem tem quanto à lei da gravidade não é o que a torna real, antes é a ação da gravidade ao influenciar a realidade que o cerca que lhe dá a certeza da existência desta lei. Esta certeza foi adquirida gradualmente, aprendida e internalizada de forma experimental e teórica.

O atrito dá certeza a um motorista que o carro não derrapará. O semeador semeia na certeza de que a terra produzirá e que as sementes germinarão segundo a sua espécie. A fé no amanhã dá ao o homem a condição necessária para desenvolver projetos, etc.

“A fé natural e a fé salvadora possuem os mesmos princípios quanto à sua inserção no homem, porém, elas diferem quanto à finalidade”

A **fé salvadora** é semelhante à fé natural, pois ambas são alcançadas de fora para dentro. Enquanto esta advém da inteiração do homem com o mundo, aquela advém da inteiração do homem com a palavra de Deus.

A diferença principal entre fé salvadora e fé natural está no objetivo, ou na finalidade a que ambas propõe. Em última instância, tanto a fé natural, quanto a fé salvadora são provenientes de Deus.

A fidelidade de Deus é onde a confiança de todos os homens fundamenta-se.

Para uns, a confiança é algo imperceptível, uma vez que não se dão conta que a infalibilidade das leis naturais é que dá segurança e equilíbrio à existência dos homens. Outros, além de desfrutarem da segurança e equilíbrio que as leis naturais conferem ao seu dia-a-dia, ao saberem que Deus providenciou salvação poderosa a todos os homens, descansam e esperam na fidelidade de Deus, que prometeu e é poderoso para cumprir.

A fé salvadora apresenta as características seguintes:

1. A fé salvadora não é proveniente do homem - É Deus quem concede fé aos homens, ou antes, Deus é à base da fé;

2. A salvação é pré-estabelecida - antes que o homem viesse a existir, Deus providenciou salvação a todos os homens;
3. O homem é o recipiente da fé - o homem não produz fé, porém, é quem usufrui de seus benefícios;
4. A fé é a prova coisas que não se vêem - não é a fé que torna real o mundo vindouro, antes, é a realidade do mundo vindouro que proporciona fé;
5. A confiança do homem não é o que garante a salvação, antes, é Deus que se interpõe como garantia, o que dá segurança ao cristão confiante.

Todos os homens de alguma maneira exercem confiança. O crente é aquele que faz menção do nome do Senhor, pois crê na informação de que Deus salva o homem (Sl 20:6 -7). O descrente, por sua vez, confia em suas forças e possessões, pois através destes elementos ele consegue influenciar e interagir com o mundo.

Nesta vida não há diferença visível entre crentes e descrentes, mas a Bíblia alerta:

“Então voltareis e vereis a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que não o serve” (...) “PORQUE eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como a palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo Mas para vós, os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e cura trará nas suas asas; e saireis e saltareis como bezerras da estrebaria” (Ml 3:18 ; Ml 4:1 -2).

O julgamento do Grande Trono Branco

As obras dos homens sob condenação serão consideradas por Deus como sendo ‘trapos’ de imundície, ou seja, que não pode justificar (não prestam para vestes).

Todos que comparecerem diante de Deus no Grande Tribunal do Trono Branco estarão como nus, visto que não poderão cobrir a nudez com suas obras (Is 59:6).

“Então vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele. Da presença dele fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se livros. Abriu-se outro livro, que é o da vida. Os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras” (Ap 20:11)

O Grande Trono Branco que João descreve no livro do Apocalipse, quando ele estava na ilha de Patmos, é tido por muitos como sendo o lugar onde se dará o Juízo Final. Muitos pensam que diante do Grande Trono Branco será descido quem será salvo ou não.

Porém, a Bíblia demonstra que todos quantos comparecerem diante do Grande Trono Branco já foi condenado. Todos quantos comparecerem perante o Grande Trono Branco está perdido para sempre, isto por causa da condenação que se deu em Adão “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação...” (Rm 5:18).

Mas, se a humanidade já está condenada, qual é o propósito do Grande Trono Branco? Diante dele haverá o julgamento das obras de todos os homens que estão sob a ofensa, juízo e condenação de Adão.

O Livro de Jó, o livro mais antigo da Bíblia, demonstra que Deus haveria de trazer os homens a juízo por causa de suas ações “Segundo a obra do homem, ele lhe paga, e faz a cada um segundo o seu caminho” (Jó 34:11).

Muito tempo depois, Jeremias também deixou registrado: “Os teus olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos filhos dos homens, para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações” (Jr 32:19).

Sabemos que nada há que se esconda da presença de Deus e que Ele é perfeito juiz (Hb 4:13). O Grande Trono Branco quando estabelecido trará a lume a medida da ira de Deus que os homens perdidos acumularam por ter um coração impenitente “Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras

ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus” (Rm 2:5).

Com relação à salvação é certo que as obras dos homens de nada lhes aproveitarão diante do Grande Trono Branco, uma vez que, sem ser gerado de novo ‘não há quem faça o bem’ (Sl 53:3). As obras dos homens sob condenação serão consideradas por Deus como sendo ‘trapos’ de imundície, ou seja, que não pode justificar (não prestam para vestes). Todos que comparecerem diante de Deus no Grande Tribunal do Trono Branco estarão como nus, visto que não poderão cobrir a nudez com suas obras (Is 59:6).

A queda da humanidade em Adão trouxe condenação, separação, destituição da glória de Deus, ou seja, todos os homens pecaram. Isto porque a humanidade ‘entra’ por uma porta larga, que é Adão, e passa a trilhar um caminho espaçoso que conduz à perdição. Como sabemos, há somente dois caminhos, um de perdição e outro de salvação, e os homens que entraram por Adão terá um destino segundo ao caminho que trilham “...e faz a cada um segundo o seu caminho” (Jr 32:19 ; Jó 34:11)

As obras dos homens por serem destituídos da glória de Deus também ficaram comprometidas, pois as suas obras deixaram de ser feitas em Deus (Jo 3:19). Quando o homem não está em Deus, conseqüentemente as suas obras não são feitas n’Ele. Por este motivo, os homens religiosos que confiam em suas ‘boas’ obras (ações) rejeitaram a Cristo, pois não compreendem que as suas obras más.

O que os homens sem Deus ignoram hoje, Deus haverá de revelar diante do Trono Branco, pois lá serão informados o quão reprováveis são as suas obras porque não foram realizadas em Deus.

Por que as obras dos homens sem Deus são más? São más por causa da condenação em Adão. Ao desobedecer à determinação divina, a natureza de Adão deixou de ser santa, justa e boa. Adão passou à condição de reprovável, condenável diante de Deus, e, por conseqüência, todas as suas obras passaram a ser reprováveis.

A condenação de Adão passou a todos os homens, e por isso Paulo disse: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5:12). A condenação decorrente de Adão comprometeu a natureza de toda humanidade, e, por conseguinte, todas as obras dos homens passaram a ser

segundo a sua natureza: obras más.

Sobre este aspecto Jesus comparou os homens com as árvores: “Colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Do mesmo modo, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus” (Mt 7:16 -17).

Ou seja, somente através do evangelho é possível cortar a má árvore. Para que o homem venha produzir frutos bons é preciso estar ligado em Cristo, a videira verdadeira. Todos que permanecem em Cristo dão muito fruto. Fruto segundo a Oliveira Verdadeira, fruto bons! Pois as ‘boas obras’ somente são feitas em Deus, que as preparou de ante mão (Ef 2:10 ; Jo 3:21).

As obras dos homens serão reprovadas diante do Trono Branco por não terem sido feitas em Deus. Por não aceitarem a Cristo, a Oliveira Verdadeira, as obras daqueles que comparecerem perante o Grande Trono Branco será reprovada (Jo 15:5).

A religiosidade, a moralidade, a legalidade, o formalismo não aprovará ninguém diante do Trono Branco. Mesmo a melhor religião será reprovada diante de Deus, ou seja, mesmo a religião que se aplica em visitar órfãs e viúvas haverá de ser rejeitada. A única religião pura e imaculada para com Deus, que livra o homem de comparecer diante do Trono Branco é o guardar-se incontaminado do mundo, condição que só é possível alcançar quando se está em Cristo (Tg 1:27 ; 1Ts 5:23).

A moral, a justiça humana, o comportamento regrado, as esmolas, os sacrifícios, não aproveitará ao homem quando comparecer perante o Justo juiz. Deus livra da tentação os piedosos, ou seja, aqueles que estão salvos em Cristo, mas os injustos são reservados para o dia do juízo, quando receberão o veredicto acerca de suas obras e seguiram para a perdição eterna “Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados” (2Pe 2:9 ; Rm 2:6).

Por isso o apóstolo Paulo diz:

“(Porque diz: Ouvi-te em tempo aceitável E socorri-te no dia da salvação; Eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação)” (2Co 6:2) (grifo

nosso)

No último dia, perante o Trono Branco, o homem não será aceito diante de Deus, pois hoje é o tempo aceitável, o dia de salvação.